



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

Kleiton de Souza Borges

**APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA MEDIADA POR SÍTIOS: UMA
ATIVIDADE PROMOVIDA EM UM CENTRO DE AUTOACESSO**

Belém - UFPA

2018

Kleiton de Souza Borges

**APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA MEDIADA POR SÍTIOS: UMA
ATIVIDADE PROMOVIDA EM UM CENTRO DE AUTOACESSO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, orientada pela Profa. Dra. Walkyria Magno e Silva, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Belém - UFPA

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

Dissertação intitulada “Aprendizagem de língua inglesa mediada por sítios: uma atividade promovida em um cento de autoacesso”, de autoria de Kleiton de Souza Borges, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e considerada APROVADA pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Walkyria Magno e Silva (Presidente)

Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Marcos Monteiro Diniz (Examinador externo)

Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Thomas Massao Fairchild (Examinador interno)

Universidade Federal do Pará

Belém - PA, 21 de agosto de 2018.

Em memória a meu eterno amado e amigo
Abraão Silveira Teixeira Júnior, que sempre
teve o sonho de entrar no curso de pós-
graduação em Letras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me agraciado pela oportunidade de estudar no Curso de Mestrado em Letras, pelo crescimento pessoal, pelo crescimento acadêmico e profissional e pelas incríveis pessoas e amigades que construí durante este percurso.

Agradeço à minha amada mãe Luiza Souza, amiga, companheira, conselheira, cuidadosa e amorosa. Agradeço também à meu amado irmão Kleber Borges, trabalhador, amigo, companheiro, esforçado e batalhador.

Agradeço à professora Walkyria Magno e Silva pelas grandes orientações, pela paciência, pelo carisma, pelo companheirismo, pela amizade, pelo suporte acadêmico, pelas inspirações e motivações de me fazer produzir trabalhos acadêmicos científicos e por me fazer acreditar que sempre somos propícios a melhorar em tudo na nossa vida, bastando acreditar nisso em conjunto com as práticas. Obrigado por tudo!

Agradeço a toda equipe do projeto de pesquisa que contribuiu com materiais excelentes para o conhecimento e preparação do meu projeto de pesquisa do Curso de Mestrado em Letras.

Agradeço aos profs. Jhonatan Rabelo, Sádie Morhy, Maria Clara Matos e Rosana Faciola que me deram grande incentivo nesta jornada acadêmica e que contribuíram tanto para a entrada no programa quanto para o término dele.

Agradeço em especial a profa. Izabel Maria Silva que acreditou e apostou em mim para a entrada no programa, pelas grandes dicas, pela sua ajuda acadêmica, incentivo emocional, pela sua amizade, pelo seu carinho e pelo seu companheirismo nesta jornada. Obrigado por acreditar em mim. Amo você!

Agradeço a toda equipe que faz parte da secretaria da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas e da secretaria dos Cursos Livres de Línguas Estrangeiras, lugares onde fiz maravilhosas amigades e que me acolheram como bolsista desde o meu curso da graduação até a conclusão do curso de mestrado em Letras.

Agradeço a todos os meus amigos de infância por também fazerem parte desta jornada de minha vida e aos meus amigos acadêmicos Thiago Moraes, Julio Neto, Luiza Carvalho e Juliana Ribeiro, que sempre acreditaram em mim e sempre permaneceram do meu lado na torcida, no apoio, nas lutas, na amizade, no carinho, na alegria e na tristeza. Amo todos vocês!

“O aluno bem sucedido não é mais o que armazena informações, mas aquele que se torna um bom usuário da informação”.

Vera Menezes

RESUMO

Os estudos da Linguística Aplicada (LA) na área de ensino e aprendizagem de línguas têm sido conduzidos de forma interdisciplinar. Uma das vertentes desses estudos está na investigação sobre a autonomia na aprendizagem de línguas com o intuito de compreender como este processo é instigado em aprendentes a partir de situações de aprendizagem diversas. As novas tecnologias, como a Aprendizagem de Língua Mediada por Computador (CALL) e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) são ferramentas que podem estimular o desenvolvimento desta autonomia. Essas ferramentas estão presentes em instituições de ensino e no cotidiano de professores e alunos, possibilitando, assim, uma aprendizagem de língua estrangeira (LE) de forma eficaz (LEFFA, 2006; OLIVEIRA, 2012; ANDRADE, 2014; ARAÚJO, 2017). As TIC são também utilizadas em centros de autoacesso (CAA) para o fomento da autonomia de aprendentes de línguas nestes espaços (GARDNER; MILLER, 1999; BARRS, 2010; MAGNO E SILVA, 2014; MYNARD, 2016). Este trabalho teve como objetivo geral compreender de que maneiras as atividades mediadas por computadores, por meio de sítios, poderiam influenciar a aprendizagem de língua inglesa de alunos que frequentam e participam das atividades da Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma (BA³), um CAA situado na Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi realizado um estudo de caso de abordagem quanti-qualitativa com observação e aplicação de questionários *on-line*. Os resultados evidenciaram que sítios de aprendizagem de língua inglesa influenciaram positivamente no desenvolvimento de autonomia dos participantes, pois eles passaram a utilizar esses sítios por conta própria para a prática das habilidades linguísticas de escuta, de leitura e da fala do inglês. Verificou-se ainda que a boa apresentação do *layout* e os tipos de atividades desses sítios eram itens importantes para que os aprendentes os utilizassem.

Palavras-chave: Autonomia, centro de autoacesso, ferramentas tecnológicas, sítios de aprendizagem de língua inglesa.

ABSTRACT

The Applied Linguistics (AL) studies in the area of teaching and learning languages have been conducted in an interdisciplinary way. One of the themes of these studies is the research on autonomy in language learning in order to understand how this process is instigated in learners from diverse learning situations. New technologies, as Computer Assisted Language Learning (CALL) and Information and Communication Technologies (ICT) are tools that can stimulate the development of this autonomy. These tools are present in educational institutions and in the daily life of teachers and students, enabling learning of a foreign language (FL) in an effective way (LEFFA, 2006; OLIVEIRA, 2012; ANDRADE, 2014; ARAÚJO, 2017). ICT is also used in self-access centers (SAC) in order to foster the autonomous studies of language learners in these spaces (GARDNER; MILLER, 1999; BARRS, 2010; MAGNO E SILVA, 2014; MYNARD, 2016). This work aimed to understand in what ways the activities mediated by computers, through sites, could influence the English language learning of students who attend and participate in activities at *Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma* (BA³), a self-access center located at the *Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas* (FALEM) of the Federal University of Pará (UFPA). A case study was conducted employing a quanti-qualitative approach with observation and application of on-line questionnaires. The results showed that English language learning sites influenced positively the development of participants' autonomy, since they began to use these sites on their own to practice by listening, reading and speaking English. It was also found that the good layout and the types of activities of these sites were important items which led learners to use them.

Keywords: Autonomy; self-access center; technology tools; English language learning sites.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de TIC	25
Quadro 2 – As três fases da CALL.....	37
Quadro 3 – Exemplos de redes sociais	43
Quadro 4 – Ambientes virtuais e ferramentas para aprendizagem da língua inglesa	48
Quadro 5 – Descrição dos encontros da oficina	53
Quadro 6 – Frequência dos participantes por encontros.....	62
Quadro 7 – Datas de envio, responsividade e objetivos dos questionários	64
Quadro 8 – Relação dos participantes que já conheciam os sítios apresentados.....	72
Quadro 9 – A forma como a BA ³ ajuda na aprendizagem de línguas	77
Quadro 10 – Sítios utilizados pelos participantes por conta própria	78
Quadro 11 – Recursos dos sítios utilizados pelos participantes por conta própria.....	80
Quadro 12 – Habilidades linguísticas dos sítios citados.....	82
Quadro 13 – Número de ocorrências das habilidades linguísticas dos sítios	82
Quadro 14 – Influência dos sítios na aprendizagem de língua inglesa.....	84
Quadro 15 – Pontos positivos dos sítios apresentados no primeiro encontro da oficina.....	88
Quadro 16 – Pontos negativos dos sítios apresentados no primeiro encontro da oficina....	90
Quadro 17 – Influências dos sítios do primeiro encontro para a aprendizagem de inglês. .	91
Quadro 18 – Pontos positivos dos sítios apresentados no segundo encontro da oficina....	94
Quadro 19 – Influências dos sítios do segundo encontro para a aprendizagem de inglês...96	
Quadro 20 – Pontos positivos dos sítios apresentados no terceiro encontro da oficina	99
Quadro 21 – Influências dos sítios do terceiro encontro para a aprendizagem de inglês....	101
Quadro 22 – Pontos positivos dos sítios apresentados no quarto encontro da oficina	104
Quadro 23 – Influências dos sítios do quarto encontro para a aprendizagem de inglês.....	107
Quadro 24 - Motivos de uso dos sítios após a oficina.....	110
Quadro 25 – Motivos e número de ocorrências para utilizar os sítios	111
Quadro 26 – <i>Ranking</i> de utilização dos sítios por participante	112
Quadro 27 - Aspectos facilitadores para a aprendizagem de inglês por meio dos sítios.....	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência dos participantes nas atividades da BA ³	74
Gráfico 2 – Tipos de atividades e serviços mais atraentes na BA ³	75
Gráfico 3 – Participantes que usaram os sítios após o primeiro encontro da oficina	86
Gráfico 4 – Participantes que usaram os sítios após o segundo encontro da oficina	93
Gráfico 5 – Participantes que usaram os sítios após o terceiro encontro da oficina.....	98
Gráfico 6 – Participantes que usaram os sítios após o quarto encontro da oficina.....	103
Gráfico 7 – Participantes que utilizaram os sítios após cada encontro da oficina.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA³ – Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma

CAAs – Centros de Autoacesso

CAALE – Centro de Aprendizagem Autônoma de Línguas Estrangeiras

CALL – Aprendizagem de Língua Mediada por Computador

CLLE – Cursos Livres de Línguas Estrangeiras

CRAPEL – Centro de Investigação e Aplicações em Idiomas

FALEM – Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas

ILC – Instituto de Letras e Comunicação

KUIS – Universidade de Estudos Internacionais de Kanda

LA – Linguística Aplicada

LE – Língua(s) estrangeira(s)

PP – Projeto Pedagógico

SALC – Centro de Aprendizagem Autodirigida

TI - Tecnologias da Informação

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TOEFL – Teste de Inglês como Língua Estrangeira

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UFPA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
SEÇÃO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS	17
2.2 CENTROS DE AUTOACESSO	21
2.3 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC).....	23
2.3.1 TICs: definição e tipos.....	24
2.3.2 Aplicabilidade das TICs em CAAs	29
2.4 APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MEDIADA POR COMPUTADOR (CALL)	34
2.4.1 Breve histórico.....	36
2.4.2 Aplicabilidade da CALL em CAAs.....	38
2.4.3 Aprendizagem de línguas por meio de sítios.....	41
SEÇÃO III - METODOLOGIA	50
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	51
3.1.1 Local	51
3.1.2 Oficina	52
3.1.2.1 Primeiro encontro	54
3.1.2.2 Segundo encontro	56
3.1.2.3 Terceiro encontro.....	57
3.1.2.4 Quarto encontro	59
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	61
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	62
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	65
SEÇÃO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	66
4.1 DADOS DAS OBSERVAÇÕES.....	66
4.2 DADOS DOS QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA <i>ON-LINE</i>	74
4.2.1 Dados do primeiro questionário	74
4.2.2 Dados do segundo questionário	86
4.2.3 Dados do terceiro questionário	92
4.2.4 Dados do quarto questionário	98

4.2.5 Dados do quinto questionário	103
4.2.6 Dados do sexto questionário.....	109
CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICES	132
Apêndice A: Termo de Consentimento de Participação de Pesquisa	133
Apêndice B: 1º questionário de pesquisa aplicado dia 08/06/17	134
Apêndice C: Questionários de pesquisa aplicados nos dias 13/06/17, 21/06/17, 28/06/17 e 05/07/17	135
Apêndice D: 6º questionário de pesquisa aplicado dia 03/08/17.....	136

INTRODUÇÃO

A Linguística Aplicada (LA) tem buscado o esclarecimento de problemáticas linguísticas relacionadas a outras áreas como educação, psicologia, antropologia, sociologia etc. Também tem abordado a área de estudos do ensino e aprendizagem de línguas e pode apresentar soluções para problemas de linguagem da vida cotidiana. Seus estudos têm sido conduzidos em diversos contextos de sala de aula de línguas estrangeiras (LE), interpretando-os de forma interdisciplinar.

Assim, estudos sobre autonomia na aprendizagem de línguas têm se mostrado de grande valia para pesquisadores em LA. O interesse acadêmico por este tema volta-se também para os primeiros centros de autoacesso (CAAs), a fim de compreender como a autonomia se desenvolve e quais suas implicações no processo de aprendizagem de línguas. De um enfoque individualista, empregado nas décadas de 80 e 90 do século passado, para uma compreensão social e colaborativa, a autonomia na aprendizagem de línguas torna-se um tema frequentemente abordado na atualidade. Assim, situamos a autonomia na aprendizagem de línguas neste estudo por julgarmos que aprendentes podem ser estimulados a desenvolver tal processo a partir daquilo que lhes são apresentados, como recursos tecnológicos, e, por meio deles, estes aprendentes podem assumir responsabilidade e controle sobre a sua própria aprendizagem na língua.

Incluímos também neste estudo centros de autoacesso (CAA) e a disponibilidade de seus aparatos tecnológicos como ferramentas facilitadoras no processo de aprendizagem de línguas. Muitos destes espaços, quando bem equipados, proporcionam uma variedade de atividades para a aprendizagem de línguas e para o desenvolvimento da autonomia de seus usuários.

São inegáveis as conexões das tecnologias nos estudos da LA. Com a implementação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e do desenvolvimento da Aprendizagem de Língua Mediada por Computador (CALL) nos sistemas de ensino, o papel do professor na sala de aula se transforma à medida que ele se depara com estes novos recursos tecnológicos. O professor pode aproveitar o conhecimento que tem destas ferramentas com as quais seus alunos estão familiarizados e, na medida do possível, planejar aulas a partir de seu uso, o que pode viabilizar a melhor inserção de conteúdos no processo de aprendizagem de línguas. Ademais, o papel das TIC e da CALL tem mostrado grandes potencialidades e influências em aprendentes de LE, pelos vários recursos disponíveis *on-line*

e pela facilidade de prática da língua fora do contexto da sala de aula, desenvolvendo e estimulando o estudo autônomo.

A Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM), situada no Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), possui um CAA chamado Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma (BA³), um dos laboratórios descritos no Projeto Pedagógico (PP) da faculdade. Porém, mesmo com a disponibilidade deste espaço do qual aprendentes podem se utilizar para o desenvolvimento da língua, muitos desconhecem as suas atividades ofertadas através de recursos tecnológicos. Além disso, não se sabe ao certo como estas atividades mediadas por computador podem influenciar a aprendizagem de línguas desses aprendentes.

Nesta perspectiva, a justificativa da escolha deste tema de dissertação e da presente pesquisa está na motivação em trabalhar as tecnologias e o ensino de língua inglesa. Enquanto professor, percebi que muitos alunos utilizavam recursos tecnológicos como aplicativos, *smartphones* e computadores tanto dentro quanto fora da sala de aula. Ademais, enquanto participante do projeto de pesquisa “Aconselhamento na Aprendizagem de Línguas Adicionais em Centros de Autoacesso em Universidades¹”, pude conhecer melhor a BA³ e suas variadas atividades, sendo algumas também realizadas por meio dos computadores ali existentes. Ao longo de minha participação neste projeto de pesquisa, percebi o trabalho de professores e voluntários na elaboração de materiais e atividades que atraíssem o público e o seu esforço e o do centro no apoio aos aprendentes de línguas para o desenvolvimento de competências linguísticas. Porém, ainda resta saber como as atividades mediadas por computador podem influenciar a aprendizagem de línguas destes aprendentes neste centro.

Nesta pesquisa tive por objetivo geral compreender de que maneiras as atividades mediadas por computadores, por meio de sítios, poderiam influenciar a aprendizagem de língua inglesa de alunos que frequentam e participam das atividades da BA³. Tive como objetivos específicos: descobrir quais atividades promovidas pela BA³ são mais escolhidas pelos usuários; saber se os usuários da BA³ utilizam sítios de aprendizagem de línguas; investigar que motivos os usuários da BA³ têm para utilizar sítios de aprendizagem de línguas e investigar de que forma os sítios influenciam na aprendizagem de língua inglesa.

A fim de alcançar os objetivos desta pesquisa e para a constituição dos dados, foi ministrada uma oficina sobre recursos tecnológicos direcionada para aprendentes de língua

¹ Projeto de pesquisa (Processo número 454058/2014-4 Edital Universal CNPq), realizado entre 2014 e 2017, que teve por finalidade uma investigação a respeito dos centros de autoacesso para a aprendizagem de línguas adicionais nas universidades brasileiras, com foco na oferta do serviço de aconselhamento na aprendizagem de línguas.

inglesa do Curso de Licenciatura em Língua Inglesa da FALEM e para aprendentes de língua inglesa dos Cursos Livres de Línguas Estrangeiras (CLLE).

Este trabalho procura responder as seguintes perguntas de pesquisa: a) Quais atividades promovidas pela BA³ para a aprendizagem de inglês são mais atraentes para os aprendentes? b) De que forma uma atividade promovida pela BA³ focada em recursos tecnológicos influencia na aprendizagem de língua inglesa dos aprendentes? c) Quais fatores influenciam a escolha de sítios para a aprendizagem de língua inglesa? d) Que habilidades linguísticas são preferencialmente escolhidas para a aprendizagem da língua inglesa por meio de sítios?

A metodologia desta pesquisa constitui-se em um estudo de caso de abordagem qualitativa e quantitativa. Ela foi dividida em dois planos que configuram a constituição dos dados. Em um dos planos, foi ministrada uma oficina e as observações colhidas pelo ministrante-pesquisador foram anotadas em um caderno de campo. No outro plano, os participantes da oficina responderam seis questionários *on-line*. Os dados provenientes das observações e dos questionários foram analisados e discutidos à luz da teoria que embasa esta pesquisa.

Este estudo se inicia com a seção da fundamentação teórica, na qual expomos conceituações sobre autonomia, centros de autoacesso e sobre a relação entre as tecnologias e a aprendizagem de línguas. Na sequência, apresentamos a metodologia de pesquisa. Na seção seguinte, expomos o resultado da análise dos dados, que encaminham as respostas para as perguntas de pesquisa. Na última seção concluímos o estudo, respondendo às perguntas que nos colocamos.

SEÇÃO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção apresentamos os construtos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Primeiro, discutimos autonomia na aprendizagem de línguas. Em seguida, descrevemos Centros de Autoacesso (CAAs). As próximas subseções tratam das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e da Aprendizagem de Língua Mediada por Computador (CALL).

2.1 AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Os estudos sobre autonomia na aprendizagem de LE na LA têm sido conduzidos por muitos autores como forma de investigar como este processo é fomentado em aprendentes de línguas a partir de situações de aprendizagem diversas. É possível observar similaridades nas diferentes definições de autonomia, como o conhecimento sobre si mesmo, consciência e responsabilidade. A autonomia é baseada no princípio de que os aprendizes devem assumir o máximo de responsabilidade e controle sobre sua aprendizagem fora das restrições da sala de aula tradicional (JOHNSON; JOHNSON, 1999 apud FINCH, 2001).

Para Paiva, a autonomia é definida como:

Um sistema sócio-cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula (PAIVA, 2006, p. 88-89).

Já Benson (2011, p. 58) diz que:

Autonomia é geralmente definida como a capacidade de assumir o controle da sua própria aprendizagem em grande parte porque a construção do "controle" parece ser mais aberta à investigação do que as construções de "se encarregar" ou "assumir responsabilidade". (...) o controle sobre a aprendizagem pode assumir várias formas em relação aos diferentes níveis do processo de aprendizagem. Em outras palavras, é aceito que autonomia é uma capacidade multidimensional que se desenvolve de diferentes formas para diferentes indivíduos ou para o mesmo indivíduo em diferentes contextos ou em tempos diferentes².

²*Autonomy is often defined as the capacity to take control of one's own learning, largely because the construct of 'control' appears to be more open to investigation than the constructs of "charge" or "responsibility". (...)*

Paiva e Benson argumentam que o controle sobre a aprendizagem pode se dar de várias formas e isso depende do processo de aprendizagem do aprendente. Por isso que podemos assumir que cada indivíduo revela um grau de autonomia próprio e diferente dos demais, apresentando atitudes, desejos, tomadas de decisões, escolhas diversas, levando em consideração o controle no seu processo de aprendizagem. Assim, estes aprendentes possuem diferentes estilos e estratégias de aprendizagem, ou seja, o que funciona para um aprendiz pode não ser produtivo para outro, pois há um conjunto imprevisível de comportamentos possíveis no contexto da aprendizagem.

As primeiras discussões sobre autonomia no ensino e aprendizagem de línguas surgiram na Europa. O professor Yves Châlon foi o precursor dessas ideias e é considerado o pai da autonomia na aprendizagem de línguas (GREMMO; RILEY, 1995; BENSON, 2001). Yves Châlon fazia parte do quadro de professores da faculdade de Ciências Humanas e foi convidado para ministrar língua inglesa para alunos no curso superior da Escola de Minas da universidade de Nancy, França, na qual lecionou para alunos de outras faculdades mais tarde. Seu objetivo era encontrar “métodos orais que atendessem as necessidades dos estudantes e, dessa forma, contrapor-se à aprendizagem da língua por meio de leituras de clássicos” (MORHY, 2015, p. 24).

Benson (2001) explica que é importante o conhecimento de como a autonomia do aprendente se manifesta para que se possa implementar melhores práticas que favoreçam o seu desenvolvimento. O autor expõe três níveis de atuação nos quais um aprendente deve agir para ser autônomo: processos cognitivos, gerenciamento de aprendizagem e conteúdos de aprendizagem. Como processos cognitivos, além daqueles utilizados para praticar a língua, o aprendente manifesta crenças sobre o que acredita ser importante para sua aprendizagem, expondo seus gostos, estilos e estratégias de aprendizagem. Como gerenciamento de aprendizagem, espera-se que este aprendente reflita sobre seu processo de aprendizagem para que possa privilegiar e controlar o tempo em que deve se dedicar aos seus estudos, assim como também optar pelo local mais apropriado para sua aprendizagem e que possa evitar ocasiões que tirem sua concentração nos estudos. Como conteúdos de aprendizagem, espera-se que este aprendente saiba lidar com os conteúdos que são aprendidos da sala de aula e

control over learning may take a variety of forms in relation to different levels of the learning process. In other words, it is accepted that autonomy is a multidimensional capacity that will take different forms for different individuals, and even for the same individual in different contexts or at different times. (Esta e todas as demais traduções de citações em língua estrangeira são de minha responsabilidade).

acrescentar outros conhecimentos advindos de outras fontes de acordo com seus interesses, como em bibliotecas e na *Internet*.

Para Tassinari (2012, p. 28), autonomia é um sistema complexo que envolve várias dimensões e componentes. Nesse sistema, o aprendente autônomo é aquele que possui controle sobre a sua própria aprendizagem em diferentes graus e de diferentes maneiras, e isso depende da situação de aprendizagem em que está inserido, concordando assim com Benson (2011). Dentre estes componentes essenciais para a autonomia do aprendente:

Um componente cognitivo e metacognitivo (conhecimento cognitivo e metacognitivo, consciência, crenças dos aprendentes); um componente afetivo e motivacional (sentimentos, emoções, disposição, motivação); um componente orientado à ação (habilidades, comportamentos de aprendizagens, decisões); um componente social (aprendizagem e negociação de aprendizagem com parceiros, conselheiros, professores)³ (TASSINARI, 2012, p. 28).

A autora explica que o componente metacognitivo é uma capacidade de segunda ordem, que inclui a capacidade do aprendente monitorar-se e autorregular-se a partir dos seus próprios processos cognitivos. Isso inclui sua consciência, suas crenças e o gerenciamento da sua aprendizagem. No componente afetivo e motivacional leva-se em consideração como este aprendente se relaciona afetivamente com as pessoas que o rodeiam (colegas de sala e professores), que sentimentos ele apresenta diante destes agentes, o que pode contribuir e levá-lo à motivação para aprender e ter disposição para aprender uma LE. O componente orientado à ação diz respeito a como este aprendente toma decisões e assume comportamentos a partir das motivações que desenvolve perante sua aprendizagem, levando em consideração também que habilidades linguísticas ele acha apropriadas para serem estudadas e desenvolvidas. Finalmente, o componente social diz respeito a como este aprendente pode desenvolver a autonomia na aprendizagem de uma LE diante de sua relação com outros agentes (como colegas de sala de aula, conselheiros e professores), que negociações, práticas, deveres e tomadas de decisões podem contribuir para a sua aprendizagem da língua, tendo em vista o relacionamento entre estas pessoas. Tassinari (2012, p. 28) conclui dizendo que “uma

³ *a cognitive and metacognitive component (cognitive and metacognitive knowledge, awareness, learners' beliefs); an affective and a motivational component (feelings, emotions, willingness, motivation); an action-oriented component (skills, learning behaviors, decisions); a social component (learning and negotiating learning with partners, advisors, teachers).*

característica essencial da autonomia é a capacidade do aprendente em ativar uma interação e um equilíbrio entre estas dimensões em diferentes situações e contextos de aprendizagem⁴”.

Ser um aprendente de línguas autônomo não é apresentar atitudes de autoinstrução para os próprios estudos, mas é tomar decisões que favoreçam a aprendizagem. A autonomia está relacionada com a maneira como o aprendente se situa na sua própria aprendizagem da língua diante das escolhas que faz a respeito de materiais apropriados (tendo liberdade sobre como e quando estudá-los) e com respeito à interação com seu professor e com seus colegas de sala de aula, além de saber lidar com os vários contextos que podem propiciar a sua aprendizagem (FRANCO, 2013).

Para Cooker (2013, p. 30), os modos de autonomia são manifestações individuais. “Elas não são determinadas e fixas, mas flexíveis e variam em um mesmo indivíduo, dependendo de combinações de um ou mais fatores, tais como a língua sendo aprendida, o nível de proficiência da língua, variáveis ambientais, personalidade e humor”⁵.

Na aprendizagem de línguas, que envolve inúmeros agentes e situações, o foco é o aprendente. A autonomia se desenvolve quando este aprendente expressa seus sentimentos diante de sua situação de aprendizagem, em conjunto com um ambiente autêntico e quando se torna conscientemente informado sobre os seus estados afetivos em relação às suas experiências de aprendizagem (YAMASHITA, 2015). A autonomia de aprendentes de línguas pode ser desenvolvida e estimulada a partir dos vários ambientes em que ele está inserido, inclusive em centros de autoacesso e os vários materiais e recursos que estão a seu dispor. Estes aspectos podem favorecer um maior controle e reflexão sobre aquilo que está aprendendo. Esta reflexão leva o aprendente a perceber estratégias, estilos de aprendizagem, comportamentos, motivações, relações pessoais pertinentes que possam ajudá-lo a se tornar um usuário mais competente da língua que aprende.

Algumas instituições de ensino, sobretudo as de ensino superior, contam com espaços alternativos às salas de aula nos quais os alunos podem exercitar sua autonomia. Tais espaços são abordados na próxima subseção.

⁴ *An essential characteristic of learner autonomy is the capacity of the learner to activate an interaction and a balance among these dimensions in different learning contexts and situations.*

⁵ *They are not determined and fixed, but flexible, and vary within an individual learner depending upon combinations of one or more factors, such as the language being learned, the proficiency level in that language, environmental variables, personality and mood.*

2.2 CENTROS DE AUTOACESSO

Nesta subseção definimos os centros de autoacesso, enumeraremos suas características, seus objetivos, seu breve histórico e como eles podem ajudar a desenvolver a autonomia de aprendentes de línguas.

Centros de autoacesso são espaços criados em universidades e/ou cursos de idiomas com a finalidade de desenvolver processos de estudos autônomos por parte dos aprendentes de línguas estrangeiras (LE). São espaços ou ambientes sensíveis ao contexto, com instalações diversas e recursos cujo objetivo é fomentar a aprendizagem de LE. Estes espaços possuem recursos como tecnologias (computadores, *Internet*, *blogs* etc.), oficinas, palestras, *workshops*, aconselhamento individual ou em grupos e diversos materiais de aprendizagem de línguas (GARDNER; MILLER, 1999; BARRS, 2010; MAGNO E SILVA, 2014). Cotterall e Reinders comentam que:

Um centro de autoacesso consiste em um número de recursos (na forma de materiais, atividades e suporte) geralmente em um local que acomoda aprendizes de diferentes níveis, estilos e com diferentes objetivos e interesses. Ele tem por objetivo desenvolver a autonomia de seus usuários⁶ (COTTERALL; REINDERS, 2001, p. 24).

Já Mynard (2016), em sua apresentação no Encontro Internacional de Centros de Autoacesso no país do México, traz uma definição pertinente sobre CAAs:

As instalações de autoacesso são ambientes de aprendizagem social centrados na pessoa que promovem ativamente a autonomia do aprendente de línguas tanto dentro quanto fora do espaço. Os aprendentes recebem apoio, recursos, instalações, instrução no desenvolvimento de habilidades e oportunidades de estudo e uso da língua⁷.

Enfim, centros de autoacesso podem ser um “porto seguro” para aprendizes, pois exploram as crenças dos mesmos, orientando-os com recursos disponíveis e suporte contínuo, fazendo com que alcancem seus objetivos. Além disso, estes espaços podem ter um efeito na aprendizagem que extrapola os seus ambientes físicos. Ao mostrar aos alunos que eles estão

⁶ *A Self Access Centre consists of a number of resources (in the form of materials, activities and support) usually located in one place, and is designed to accommodate learners of different levels, styles, goals and interests. It aims to develop learner autonomy among its users.*

⁷ *Self-access facilities are person-centred social learning environments that actively promote language learner autonomy both within and outside the space. Students are provided with support, resources, facilities, skills development and opportunities for language study and use.*

no controle de seu processo de aprendizagem, apontam para um caminho que pode ser trilhado pelo aluno ou por ele e pessoas com as quais ele se relacione em direção a uma aprendizagem contínua e motivada, complementando seus estudos e tendo oportunidades do uso real da língua.

Os centros de autoacesso surgem a partir dos primeiros laboratórios de línguas existentes em bibliotecas de algumas universidades, com equipamentos e métodos behavioristas para a aprendizagem de línguas, durante as décadas de 1960 e 1970. Muitos deles foram desenvolvidos para incrementar o ensino das salas de aulas, enquanto que outros foram criados com o propósito de proverem atividades extracurriculares em cursos de línguas (FOUSER, 2003). Para Morrison (2008), as origens dos CAAs se tornaram importantes principalmente devido às mudanças do foco nas pesquisas de ensino e aprendizagem de línguas, dentre elas o maior foco no aprendente do que nos métodos de ensino, a independência destes aprendentes em relação aos professores e o maior interesse pela aprendizagem de línguas por meio de vários recursos tecnológicos.

Com o propósito de desenvolver e tornar aprendentes de línguas especialistas nas quatro habilidades da língua (escuta, escrita, leitura, fala) e reflexivos na sua aprendizagem, o Ministério da Educação da França autorizou a criação de um departamento para esta formação. Para tanto, o professor Yves Châlon foi autorizado e o responsável por fundar o “Centro de Investigação e Aplicações em Idiomas⁸” (CRAPEL), fruto do Projeto Línguas Modernas da Europa, em 1971, que teve por objetivo desenvolver reflexões sobre a formação de professores no ensino e aprendizagem de línguas. Depois desta época, outros centros de autoacesso foram criados com o intuito de oferecer aos aprendentes a oportunidade de experimentação. Hoje, CAAs fazem parte da estrutura universitária de diversas regiões do mundo. Alguns dos CAAs conhecidos no Brasil são: Centro de Aprendizagem Autônoma de Línguas Estrangeiras (CAALE)⁹ da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Centro de Autoacesso (CAA)¹⁰ da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma (BA³)¹¹ da Universidade Federal do Pará (UFPA). Alguns dos CAAs mais conhecidos em outros países são: Centro de Aprendizagem de Línguas da Universidade de Hull, na Inglaterra¹²; Centro de Autoacesso da Universidade de Vera Cruz,

⁸ *Centre de Recherches et d'Applications en Langues.*

⁹ http://www.uesb.br/caale/index.asp?site=o_caale/o_caale.html

¹⁰ <http://www.uel.br/cch/caa/index.htm>

¹¹ <http://ba3falemufpa.webnode.com/>

¹² <http://www.hull.ac.uk/Faculties/face/histories-languages-cultures/languages-facilities.aspx>

no México¹³; o Centro de Autoacesso da Universidade de Guanajuato (em língua espanhola *Centro de Auto Aprendizaje de Idiomas - CAADI*), no México¹⁴; o Centro de Aprendizagem Autodirigida (SALC), da Universidade de Estudos Internacionais de Kanda (KUIS), no Japão¹⁵ e o Centro de Autonomia do Aprendiz, da Universidade de Fudan, na China¹⁶ (MONTORO; HAMPEL, 2011; MORHY, 2015; WU, 2015).

Neste sentido, a criação e expansão de vários CAAs no Brasil e no mundo pode favorecer a aprendizagem de LE, pois nestes espaços os alunos podem, por meio da tomada de iniciativas ou em resposta à iniciativa de outros agentes, encontrar meios e situações que exijam o uso da língua alvo. Isso se torna possível por meio da disponibilidade aos alunos de um vasto conjunto de materiais, atividades, informações e oportunidades de interagir com e através da língua, enfrentando desafios que envolvam o uso significativo da língua que está sendo aprendida.

No momento atual e de acordo com a revisão da literatura, sabe-se que CAAs não garantem o desenvolvimento da autonomia do aprendente de línguas, mas que esses espaços são estruturados para este fim. Os aprendentes procuram desenvolver uma postura reflexiva sobre sua própria aprendizagem, fazendo uso dos materiais, atividades e recursos disponíveis (MCMURRY; TANNER; ANDERSON, 2010).

A próxima subseção é dedicada às Tecnologias de Informação e Comunicação e a sua influência na aprendizagem de línguas.

2.3 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

Segundo Brito e Purificação, o termo tecnologia refere-se a:

Um conjunto de conhecimentos especializados, com princípios científicos que se aplicam a um determinado ramo de atividade, modificando, melhorando, aprimorando os ‘produtos’ oriundos do processo de interação dos seres humanos com a natureza e destes entre si (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2006, p. 18-19).

Já para Veraszto et al. (2008), a palavra “tecnologia” provém de uma junção do termo “tecno”, do grego *techné*, que é “saber fazer”, e “logia”, do grego *logus*, que significa razão, estudo. Em outras palavras, é o estudo da técnica, é o estudo da própria atividade do

¹³ <https://www.uv.mx/portalcadi/>

¹⁴ <http://www.lenguas.ugto.mx/index.php/caadi>

¹⁵ <http://www.kandagaigo.ac.jp/kuis/salc/>

¹⁶ <http://www.fudan.edu.cn/en/>

modificar, do transformar, do agir. Assim, a tecnologia é o uso da técnica e de um conhecimento adquirido que pode solucionar um problema na execução de uma tarefa específica (CHAGAS et al., 2008; KARASINSKI, 2013).

As tecnologias estiveram presentes na vida humana há milhares de anos a fim de facilitar e aperfeiçoar o trabalho com arte ou técnica. Sua evolução sempre se manteve diante das necessidades humanas. Elas influenciam diretamente nossa dimensão social, cultural, econômica, educacional e política, com o propósito de facilitar tarefas diversas. Conforme as tecnologias vão se modificando e evoluindo, não há como negar mudanças na organização e interação com o mundo, “o que pode acarretar a alteração nos processos de aprendizagem e convívio social. Por isso elas influenciam a maneira como nos comportamos na natureza e a direção do desenvolvimento humano” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2006).

Hoje temos o uso disseminado de tecnologias como as do computador e a *Internet*, que ocasionaram mudanças significativas na comunicação humana, integrando e modificando as várias esferas sociais. O homem deixa de transmitir e de receber informações por meio de uma única fonte (como a comunicação face a face) para se comunicar em uma perspectiva multidimensional (como a comunicação que é disseminada por várias pessoas ao mesmo tempo por meio dos vários recursos tecnológicos existentes).

Nas próximas subseções apresentamos a definição e tipos de TIC. Por último, apresentamos dois exemplos de estudos realizados sobre a aplicabilidade das TIC em CAAs.

2.3.1 TIC: definição e tipos

As TIC são recursos que podem ser utilizados no contexto educacional para melhorar o processo de aprendizagem a partir de seus conteúdos (SANTOS; BEATO; ARAGÃO, 2010; CARDOSO, 2011; OLIVEIRA, 2012). De acordo com Freeman e Hasnaqui (2010, p. 6), as TIC “incluem tecnologias tais como computadores de mesa e *laptop*, programas, periféricos e conexões com a *Internet* destinadas a melhorar as funções de processamento da informação e comunicação”¹⁷. Desta forma, os dispositivos eletrônicos que possuímos, desde os telefones celulares até acesso a *sites* via *Internet* são exemplos de TIC.

Sharma (2014, p. 34) acrescenta que:

¹⁷ includes technologies such as desktop and laptop computers, software, peripherals, and connections to the Internet that are intended to fulfil information processing and communications functions.

TICs referem-se às tecnologias que possibilitam acesso à informação através das telecomunicações. É similar à Tecnologia da Informação (TI), mas foca principalmente nas tecnologias da comunicação. Isto inclui a *Internet*, redes sem fio, celulares e outros tipos de comunicação¹⁸.

Assim, as TIC geralmente se referem a infraestrutura e componentes tecnológicos que transmitem e recebem informações modernas por meio de várias fontes de comunicação e que permitem pessoas e empresas interagirem no mundo digital.

Marinho (2010), em sua apresentação na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba em Goiás, nos mostra alguns tipos de TIC, que são:

Quadro 1 - Tipos de TIC.

Dispositivos	Recursos na Internet	Tecnologias digitais de captação e tratamento de imagens e sons	Tecnologias de acesso remoto (sem fio ou wireless)
Computadores pessoais	<i>World Wide Web</i>	Captura eletrônica ou digitalização de imagens (<i>scanners</i>)	Wi-Fi
<i>Webcams</i>	<i>Web sites e home pages</i>	Fotografia digital	Wi-Max
Gravadores de CDs e DVDs	<i>Streaming</i> (fluxo contínuo de áudio e vídeo via <i>Internet</i>)	Vídeo digital	Voip
Discos rígidos ou HDs	<i>Podcasting</i> (transmissão sob demanda de áudio e vídeo via <i>Internet</i>).	Cinema digital (da captação à exibição)	VPNs
Cartões de memória		Som digital	<i>Bluetooth.</i>
<i>Pen drivers</i>		TV digital e rádio digital.	
Telefones celulares			
TV por assinatura			
TV a cabo			
TV por antena parabólica			
Correio eletrônico (<i>e-mail</i>).			

Fonte: adaptação de Marinho, 2010.

Os tipos de TIC apresentados no quadro acima permitiram e ainda permitem que o fluxo de dados de informação e comunicação se dissemine de forma rápida. Os tipos de TIC

¹⁸ *ICT refers to technologies that provide access to information through telecommunications. It is similar to Information Technology (IT), but focuses primarily on communication technologies. This includes the Internet, wireless networks, cell phones, and other communication mediums.*

existentes são muitos e esta lista continua a crescer conforme a tecnologia vai evoluindo. Alguns deles, como os telefones e os computadores, existem há décadas, enquanto que outros, como os *smartphones* e *Bluetooth*, são tipos de tecnologias mais recentes.

Dentre os recursos que as TIC podem proporcionar, temos a *Internet*, conhecida e utilizada mundialmente e que oferece uma gama de possibilidades em termos educacionais. Segundo Lopes (2011, p. 12), a *Internet* torna-se uma ferramenta excelente no contexto educacional por apresentar “sua natureza multicultural e multilinguística”, promovendo a interação ou comunicação cultural a partir de sua utilização pelos aprendentes.

O uso das TIC no contexto educacional não garante ensino e aprendizagem eficazes e mudanças pedagógicas em um primeiro momento. Porém, o uso reflexivo, crítico e adaptado que o professor faz delas torna-se essencial e interessante até o ponto de se poder afirmar que estas ferramentas trazem mudanças significativas no contexto da sala, às práticas pedagógicas e de acordo com os interesses de cada instituição. Assim como o ambiente escolar favorece múltiplas possibilidades de ensino e aprendizagem de vários conteúdos, assim também o uso das tecnologias propicia um ambiente em que os alunos possam ter iniciativas para resolver problemas relacionados a conteúdos tecnológicos. Um exemplo disso está na possibilidade de se fazer uma atividade *on-line* em que requer deste aluno o conhecimento de como manusear tal sítio corretamente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 153) dizem que estes ambientes tecnológicos podem estimular possibilidades de ensino, de aprendizagem, de comunicação e de informação diversas, não somente para uso na sala de aula, mas também para preparar cidadãos a terem conhecimento, atitudes e habilidades de como estas ferramentas funcionam dentro da sociedade, exercendo suas práticas sociais.

Acreditamos que instituições de ensino, equipadas com computadores, acesso à *Internet*, e outras ferramentas que as TIC proporcionam, favorecem uma educação e formação favorável aos aprendentes e futuros profissionais de Letras, de forma que os estimulem a desenvolver reflexão, criticidade, responsabilidade ao usar tais aparatos a favor do ensino e aprendizagem. Desta forma, não somente suas aulas poderão se tornar interessantes e prazerosas, mas também oportunizarão alcançar conhecimentos novos e desenvolver aulas motivadoras para seus alunos.

Segundo Prensky (2010), os alunos de hoje são ditos como nativos digitais, aqueles que já nasceram no meio das tecnologias modernas e que fazem uso das mesmas para várias funcionalidades e objetivos. Assim, tanto estes alunos, que já usam esse conhecimento a seu favor e interesse, quanto o professor imigrante digital, podem fazer uso das TIC na sala de aula para que possam construir junto o uso, a sua funcionalidade e a sua operacionalidade a

favor do ensino e aprendizagem de línguas (ARAÚJO, 2017). Em ambos os casos, o letramento digital visa não somente a questão funcional de ter competência de pesquisar fontes ou simplesmente saber manusear um computador, mas também o saber localizar, o saber selecionar e o saber manusear materiais apropriados ao ensino e aprendizagem de forma apropriada, ter habilidades como saber utilizar corretamente um navegador de *Internet*, saber acessar *hyperlinks* e saber a diferença entre conteúdos apropriados e não apropriados. Mesmo assim, dizemos que não basta somente ter este conhecimento, mas o letrado digital precisa saber lidar com estas fontes de forma avaliativa e crítica para o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Portanto, acreditamos que o letramento digital seja importante porque o futuro professor de línguas precisa se atualizar no tocante ao conhecimento que o seu aluno já possui quando entra na sala de aula e tentar sistematizar esse conhecimento a favor de aulas que possam ser atraentes para eles. Além disso, percebemos que existe uma grande possibilidade de que as aulas de língua inglesa em instituições de ensino apresentam integralização de aulas em espaço físico e virtual, o que já é uma realidade em muitos cursos a distância existente hoje em dia. Muitos dos materiais físicos de ensino estão se transformando em materiais digitais e isso requer um conhecimento além daquilo que já estamos acostumados a lidar na sala de aula. Acreditamos que o professor pode ter a competência de saber como a interface virtual funciona, por exemplo: como se faz uma conta virtual própria, como se faz para acessar os vários arquivos disponibilizados, como se faz para baixar os arquivos para um *pen drive*, como se faz para criar grupos de discussão virtuais com seus alunos, como fazer *upload* de documentos que achar viáveis para seus alunos acessarem, dentre outros conhecimentos que requerem dele. Já levando em consideração o aluno, ele pode ter a percepção de uso desse conhecimento que o seu professor apresenta e se sentir mais interessado em aprender, uma vez que acreditamos que ele não tenha dificuldades em entender como esse sistema tecnológico de aprendizagem funciona por já fazer parte deste mundo digital.

As TIC também nos proporcionam aplicativos que podem ser instalados em dispositivos eletrônicos (como *smartphones* e *tablets*). Por meio deles é possível fazer multitarefas de acordo com suas funcionalidades e objetivos de seus usuários. Porto (2012) classifica os aplicativos em quatro tipos: a) serviço: dar informações e conteúdo como previsões meteorológicas e pesquisas relacionadas a procura de um determinado endereço em mapas; b) informações: a possibilidade de acesso a conteúdo atualizado em tempo real; c) comunicação: permite a interação entre pessoas, como é o caso das redes sociais atuais; d)

entretenimento: a indústria dos jogos, que oferece como aplicativos em *smartphones*, o que possui o maior volume de negócios entre todos os segmentos do entretenimento.

No mundo contemporâneo já são vários os dispositivos eletrônicos que nos cercam (computadores, *tablets*, *smartphones* etc.) e eles são tão necessários para a comunicação e informação humana que crianças, jovens e adultos as usam para várias finalidades e interesses. A exemplo disso temos a possibilidade de estudar uma LE *on-line*, de consultar mapas e previsão do tempo, de ler notícias atualizadas, de se comunicar com pessoas de várias partes do mundo, de passar tempo com jogos etc. As múltiplas possibilidades de uso destas ferramentas tecnológicas podem proporcionar facilidade de comunicação e de informação no nosso cotidiano e percebemos que elas não só se desdobram na área empresarial ou comercial, mas também na educação e muitas delas são adaptáveis para o uso no ensino e aprendizagem de LE por meio de aplicativos.

O aplicativo *WhatsApp Messenger*¹⁹, disponível para *smartphones* e *tablets*, é um exemplo disso. Ferreira (2013, p. 15) nos mostra uma proposta de atividade usando este aplicativo para alunos intermediários a fim de promover a motivação de aprendentes de inglês por meio de uma atividade de escrita em grupo. O propósito da atividade foi de criar um *pictionary*²⁰ usando imagens de dispositivos eletrônicos, dadas pelo professor, nas quais os alunos deveriam criar orações relativas explicando o que estes dispositivos representavam, usando os pronomes *who*, *whom*, *whose*, *which* e *that*.

Outro exemplo encontramos no relato de Zardini (2015) quando diz que sua experiência com o uso do *WhatsApp* com seus alunos do curso de extensão do CEFET-MG - CLIC²¹ mostrou-se inicialmente “tímida”. No entanto, para resolver esta questão, a autora procurou adaptar o seu uso às suas aulas de inglês. Na oportunidade, a autora aplicou um questionário para os 20 alunos no grupo criado a fim de saber de que maneira o aplicativo *WhatsApp* era utilizado por eles de maneira particular e para a aprendizagem da língua inglesa. Os resultados mostraram que a maioria o utilizava para estudar; para comunicar-se de forma rápida; para trocar informações; para trocar experiências e para praticar e aprender inglês gratuitamente. Ao descobrirem de que eram capazes de se comunicar por meio de mensagens em inglês, diminuíram seu receio de errar, sendo a participação mais livre do que a da sala de aula. Houve assim aperfeiçoamento e troca de material e experiência. Na sua reflexão, a autora nos diz que, apesar dos alunos se mostrarem bastante motivados para

¹⁹ *WhatsApp Messenger* é um aplicativo multiplataforma que permite-se trocar mensagens através de celulares sem pagar pelo SMS, somente tendo uma conexão 3G ou Wi-Fi (FERREIRA, 2013, p. 13).

²⁰ Um dicionário onde a definição de uma palavra é exibida na forma de um desenho ou fotografia.

²¹ Centro de Língua e Cultura. Grupo de alunos composto por duas turmas de nível pré-intermediário 2.

aprender, alguns não se sentiam a vontade para participar das atividades propostas. Ela percebeu que esta participação ou não dos seus alunos era reflexo de suas atitudes de como se comportavam no uso do aplicativo com outras pessoas ou em outros grupos (com amigos ou com familiares). Além disso, ela percebeu que alguns destes alunos não estavam familiarizados com o uso do *WhatsApp* para aprendizagem de uma LE. Por outro lado, outros alunos se mostraram satisfeitos e disseram que o uso do aplicativo, além de melhorar o desempenho e facilitar os estudos, também proporcionava uma interação da língua alvo fora do contexto da sala de aula.

Como vemos, o uso das TIC no ensino e aprendizagem de LE é objeto de pesquisas para muitos a fim de buscar alternativas para romper com certos paradigmas tradicionais existentes e propor novas medidas viáveis ao ensino. Estas pesquisas têm mostrado o quanto o seu uso pode favorecer e potencializar o ensino e a aprendizagem de línguas. Estes recursos são facilitadores para os aprendentes, pois eles são participantes ativos nesse processo e o professor é o mediador, incentivando-os e motivando-os a encontrarem formas de desenvolver sua autonomia na aprendizagem da língua. O que as TI (Tecnologias da Informação)²² possuíam em material físico para auxiliar aprendentes de línguas antigamente, as TIC trouxeram como possibilidade o compartilhamento e armazenamento de informação desses materiais que antes não estavam disponíveis na rede, fazendo com que instituições de ensino pudessem ter facilidade de manuseio, inserindo-os na sala de aula, ao mesmo tempo em que podem promover uma educação diferenciada e moderna.

Assim como as TIC possuem grande importância para as pessoas, para as empresas e para instituições de ensino no mundo contemporâneo, elas também possuem papel fundamental em CAAs. Expomos na sequência dois exemplos da aplicabilidade das TIC em CAAs.

2.3.2 Aplicabilidade das TIC em CAAs

As TIC em CAAs têm potencial pedagógico positivo e isso se dá pelo fato desses espaços disponibilizarem atividades para a aprendizagem em LE. Um dos maiores desafios em CAAs é encontrar ferramentas e suporte apropriados com o propósito de desenvolver as competências necessárias dos aprendentes em LE. Mesmo com estes desafios, os CAAs são

²² Segundo Silva (2015), em seu sítio (www.adamsilva.com.br), “a Tecnologia da Informação ou TI, é o conjunto de atividades e soluções envolvendo hardware, software, banco de dados e redes que atuam para facilitar o acesso, análise e gerenciamento de informações, criada para auxiliar o ser humano a lidar com informações.”

vistos como espaços flexíveis que oportunizam a aprendizagem autônoma de seus aprendentes, dando suporte acessível a eles de várias formas. Dentre estas formas, as ferramentas tecnológicas podem oferecer um ambiente de acessibilidade fácil, rápido, prazeroso, envolvendo aspectos motivacionais para aprender uma LE, permitindo que estes aprendentes possam acessar materiais de qualquer local e quando quiserem.

Alguns estudos sobre as TIC em CAAs foram realizados com o intuito de identificar a possibilidade de promover a aprendizagem de línguas. Aqui mencionamos dois destes estudos.

Lockley (2011), em seu trabalho intitulado *Pre-university experience of ICT and Self-Access Learning in Japan*²³, nos apresenta uma pesquisa realizada na Universidade de Kanda, na cidade de Chiba, no Japão, com a participação de 105 estudantes universitários japoneses do primeiro ano. A pesquisa teve por objetivo saber quais eram os usos e atitudes desses aprendentes de línguas diante das tecnologias presentes no CAA da referida universidade. Esta pesquisa foi conduzida pela aplicação de um questionário para cada participante contendo 20 perguntas²⁴ e entrevistas individuais.

Os resultados foram expostos em duas perspectivas: uso das tecnologias fora da escola e uso das tecnologias na escola. Na perspectiva do uso das tecnologias fora da escola, os resultados mostraram que todos os participantes possuem computadores em casa, usam telefones móveis e possuem algum tipo de dispositivo de armazenamento ou gravação de música. Todos estes dispositivos são usados várias vezes por semana. Na perspectiva do uso das tecnologias na escola, os resultados mostraram que houve altos níveis de uso na escola antes da universidade. Por conta do nível de escolaridade e com o aumento da proliferação das TIC nas escolas, 68% dos participantes usavam tecnologias no ensino fundamental (entre 6 e 12 anos), 86% usavam tecnologias nos primeiros anos do ensino médio (entre 12 e 15 anos) e 89% usavam tecnologias nos últimos anos do ensino médio (entre 15 e 18 anos). A segunda pergunta foi “Que tipo de tecnologia você usava na escola antes de vir para a universidade?” e os resultados mostraram que as escolas japonesas usam a tecnologia extensivamente. 89% relataram usar computadores pelo menos uma vez por semana, 83% relataram usar televisores e 69% relatavam usar DVDs e CDs. Por meio destes resultados, percebeu-se que as tecnologias eram usadas como componentes-chave no ensino em escolas japonesas. Por outro lado, obtiveram-se resultados que não foram esperados na pesquisa: 81%

²³ Experiência pré-universitária de TIC e aprendizagem de autoacesso no Japão.

²⁴ Para a elaboração deste artigo, Lockley utilizou somente os resultados de três perguntas das 20 do questionário.

dos participantes mencionaram que usavam telefones celulares na sala de aula diariamente, mas que este uso não se revertia como um recurso para a aprendizagem da língua alvo.

A pesquisa revelou também que, além do computador ser o tipo de tecnologia mais usado entre os aprendentes, a família japonesa conhece e possui muitas ferramentas tecnológicas diferentes e também as utiliza fora do contexto da universidade. Assim, estas tecnologias não são apenas usadas para entretenimento, mas também para estudos e elas têm sido utilizadas para a aprendizagem de estudantes desde que estes eram crianças. Portanto, os aprendentes de LE do referido CAA utilizavam materiais e recursos disponíveis por meio das TIC, o que facilitava o acesso a eles de qualquer lugar sem a necessidade de estarem presentes no centro.

Outro estudo sobre o uso das TIC em CAAs foi feito por Castellano, Mynard e Rubesch (2011). Em seu trabalho intitulado *Student technology use in a self-access center*²⁵, os autores descrevem uma pesquisa qualitativa de um projeto de pesquisa em andamento no CAA da Universidade de Kanda, na cidade de Chiba, no Japão. Por meio da aplicação de questionário e entrevistas com 29 usuários deste CAA, este estudo teve o objetivo investigar os usos das tecnologias fora da sala de aula e como eles poderiam considerar o uso destas ferramentas futuramente para estudo e para prática neste centro. Para que o estudo pudesse ser realizado, os autores buscaram responder três perguntas de pesquisa: 1) Como os usuários do CAA utilizam as ferramentas de aprendizagem de línguas de base tecnológica? 2) Como o uso significativo das ferramentas de aprendizagem de base tecnológica poderiam ser disponibilizadas mais eficazmente? 3) Quais ferramentas de aprendizagem de base tecnológica que estudantes gostariam de usar no CAA?

A partir da primeira pergunta de pesquisa, os resultados foram evidenciados em duas perspectivas. Na perspectiva de uso destas ferramentas fora do contexto do CAA, os aprendentes costumavam usar computadores para acessar ferramentas e *sites* para ajudá-los nas tarefas para casa, para se comunicar com amigos (por meio das redes sociais como *Facebook* e *Skype*, por exemplo) e para assistir vídeos *on-line* como entretenimento. Já na perspectiva de uso destas ferramentas no contexto do referido CAA, os aprendentes usavam especificamente DVDs, assistindo-os sem necessidade de estarem engajados em uma tarefa adicional; outros aprendentes relataram que usavam DVDs para atividades específicas, como praticar a pronúncia da língua alvo; outros aprendentes relataram que usavam computadores

²⁵ Uso tecnológico de estudantes em um centro de autoacesso.

do centro para acessar redes sociais e visitar sítios com o propósito de ajudá-los a fazer uma tarefa de casa.

A partir da segunda pergunta de pesquisa, os resultados foram evidenciados em três perspectivas. Na primeira perspectiva, procurou-se investigar de que maneira as ferramentas tecnológicas poderiam ajudar os aprendentes na aprendizagem da língua inglesa. Nos resultados, a maioria dos aprendentes relatou que eles conversavam informalmente com colegas ou outros professores para aprender a usar os recursos tecnológicos para fins de aprendizagem, mesmo que em outras ocasiões aprendessem a língua procurando por conteúdos na *Internet*. Por outro lado, alguns relataram que conversavam formalmente com conselheiros de aprendizagem ou frequentavam *workshops* para aprender a usar os recursos tecnológicos para aprendizagem da língua. Na segunda perspectiva, procurou-se investigar como os aprendentes buscavam ajuda para usar as tecnologias no referido centro. Os resultados mostraram que a maioria pedia ajuda para colegas ou professor. Na terceira perspectiva, procurou-se investigar as opiniões dos aprendentes sobre maneiras de como aumentar o uso das ferramentas tecnológicas no referido CAA. Os resultados mostraram que o centro poderia incluir treinamentos para os usuários, aumentar a quantidade de equipamentos tecnológicos, promover mais atividades desenvolvidas por meio dos recursos tecnológicos e criar diretrizes para o uso dessas ferramentas.

A partir da terceira pergunta de pesquisa, os resultados mostraram que a maioria dos aprendentes deu ideias de *links* para *sites* úteis, *sites* de idiomas e jogos de vídeo. Eles também solicitaram programas de aprendizagem de línguas baseados na *Internet* e recomendações de como usá-los. Além destas respostas, os participantes forneceram mais ideias durante as entrevistas. Por exemplo, sete estudantes mencionaram interesse em aprender sobre tecnologia móvel para aprendizagem de línguas, incluindo o uso do *iPad* para este fim. Outras ferramentas também foram mencionadas, como aplicativos em *smartphones* e *karaoke*. Os alunos recomendaram materiais promocionais, como pôsteres e *e-mails* informativos para promover o CAA. Para que estas ferramentas pudessem ser usadas eficazmente para fins de aprendizagem, os aprendentes precisariam passar por treinamentos a fim de alcançar competência e confiança no que diz respeito aos usos das tecnologias. Estas ideias foram relevantes, uma vez que os participantes mencionaram que não sabiam como usar os equipamentos encontrados no referido CAA. No que diz respeito à elaboração de novos materiais e recursos para este centro, verificou-se que os aprendentes estavam interessados naqueles que pudessem enriquecer experiências na aprendizagem da língua, seja por meio de DVDs, seja por meio das redes sociais. Os *sites* de redes sociais poderiam apoiar

e fornecer exercícios para práticas das habilidades linguísticas, o que seria benéfico para os aprendentes.

Como vimos nos dois exemplos de estudos sobre a aplicabilidade das TIC em CAAs, existe uma necessidade de adequação de suporte a ser dado aos usuários dos CAAs diante de preferências das ferramentas tecnológicas nestes espaços, seja por orientações de como usá-las por meio de palestras e treinamentos, seja por meio de pessoas que ali estão presentes, como colegas, professores e a equipe que trabalha nestes locais.

Acreditamos que as tecnologias móveis (como *smartphones* e *tablets*) são de interesse entre aprendentes de línguas e também acreditamos que eles as desejam e as usam a fim de facilitar a sua aprendizagem e dão, às vezes, maior importância a elas do que a dos computadores de mesa (embora acreditamos que estes também sejam tão necessários quanto as tecnologias móveis para a aprendizagem de LE).

Muitas são as atividades que podem ser proporcionadas por meio de computadores em CAAs de forma a estimular o exercício da autonomia dos aprendentes de línguas. Estas atividades podem ser executadas por meio de exercícios em arquivos presentes nos computadores do centro e por meio de exercícios em sítios *on-line*. Além disso, as atividades desenvolvidas virtualmente possibilitam também que usuários acessem conteúdos virtuais dos CAAs em qualquer lugar.

Assim, reforçamos mais uma vez que o público que frequenta e faz uso dos recursos dos CAAs possui diferentes objetivos na aprendizagem da língua, diferentes níveis e diferentes interesses. Estes espaços podem guiar estes aprendentes em direção à sua autonomia na aprendizagem da língua de várias formas e uma destas formas é a oferta de materiais e recursos tecnológicos adequados que possam auxiliá-los a melhorar esta aprendizagem. Por isso reafirmamos que estudos são importantes e necessários para saber em que tipos de suportes os aprendentes estão interessados e quais eles necessitam usar para alcançar seus objetivos na língua alvo.

Acreditamos que o uso de recursos tecnológicos pode influenciar uma percepção de autonomia e motivação por parte dos alunos enquanto aprendentes da língua, fazendo uma construção de conhecimento enriquecedora, trocando experiências reais de uso da língua fora do contexto da sala de aula, possibilitando também tanto os conhecimentos interculturais da língua quanto o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas, assim como pontua Lopes (2011).

Por fim, acreditamos que CAAs podem incluir as TIC como forma de possibilitar o desenvolvimento das habilidades e competências linguísticas dos aprendentes. Mas, para isso,

tanto a equipe que trabalha nestes espaços quanto os professores não devem hesitar em conhecer estas ferramentas tecnológicas e cada instituição responsável pelo ensino da língua deve receber treinamento adequado para lidar com elas. Com isso, a aprendizagem de LE torna-se rica em conhecimentos.

Na próxima subseção apresentamos a Aprendizagem de Língua Mediada por Computador.

2.4 APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MEDIADA POR COMPUTADOR (CALL)

Nesta parte, depois de definirmos Aprendizagem de Língua Mediada por Computador (CALL) e expormos seus objetivos, faremos um breve histórico de sua existência. Em seguida apresentamos dois exemplos de estudos realizados sobre a aplicabilidade de CALL em CAAs e, por último, expomos como a aprendizagem de línguas pode ocorrer por meio de sítios.

Para o *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics*²⁶, de Richards e Schmidt (2010), a definição do acrônimo CALL é:

o uso do computador no ensino ou aprendizado de uma segunda língua ou de uma língua estrangeira. CALL pode assumir a forma de: a) atividades que acompanham o aprendizado através de outros meios de comunicação, mas que utilizam as facilidades do computador (ex.: a apresentação de um texto usando o computador); b) atividades que são extensões ou adaptações de atividades impressas ou de sala de aula (ex.: programas de computador que ensinam as habilidades da escrita ao ajudar o aluno a desenvolver um tópico ou a verificar o vocabulário, a gramática e o desenvolvimento de um assunto em uma composição); e c) atividades que são exclusivas do CALL²⁷.

Segundo Beatty (2003 apud HUBBARD, 2009, p. 1), a Aprendizagem de Língua Mediada por Computador é definida como “qualquer processo pelo qual um aprendente usa um computador e, como resultado, aprimora a sua língua²⁸”.

²⁶ *Dicionário Longman de Ensino de Línguas e Linguística Aplicada.*

²⁷ *the use of a computer in the teaching or learning of a second or foreign language. CALL may take the form of: a) activities which parallel learning through other media but which use the facilities of the computer (e.g. using the computer to present a reading text); b) activities which are extensions or adaptations of print-based or classroom based activities (e.g. computer programs that teach writing skills by helping the student develop a topic and thesis statement and by checking a composition for vocabulary, grammar, and topic development), and c) activities which are unique to CALL.*

²⁸ *any process in which a learner uses a computer and, as a result, improves his or her language.*

No trabalho intitulado “O campo CALL (*Computer Assisted Language Learning*): definições, escopo e abrangência”, Martins e Moreira nos mostram a definição de CALL de alguns estudiosos, a saber:

Para Levy (1997) CALL é um campo que cobre a procura por e o estudo de aplicações do computador no ensino e aprendizagem de línguas; Para Egbert (2005), CALL significa basicamente usar computadores para apoiar o ensino e o aprendizado de línguas de alguma maneira; essa definição sendo aplicada a todas as línguas, áreas de habilidades e conteúdos; Hubbard (2009) define CALL como um campo que abrange qualquer uso da informática no domínio do aprendizado de línguas. Por exemplo, na melhoria da produtividade do professor, na formação de professores, no desenvolvimento profissional, no desenvolvimento de materiais, na avaliação das línguas (MARTINS; MOREIRA, 2012, p. 253).

Assim, entendemos CALL como uma área que está intrinsecamente ligada ao uso do computador para o ensino e aprendizagem de língua estrangeira, da mesma forma que engloba atividades de aprendizagem por meio dos vários recursos existentes neste tipo de tecnologia. Além disso, como Martins e Moreira nos mostram, CALL pode desenvolver a produtividade profissional do professor de línguas por meio da elaboração de materiais e avaliação de aprendizagem de línguas.

Com o surgimento da CALL na década de 80, esta área tem sido de grande interesse por pesquisadores e estudiosos dos Estados Unidos e da Europa. Pesquisas têm sido desenvolvidas no Brasil desde a década de 90, e é por este motivo que muitos trabalhos e pesquisas sobre esta área são geralmente encontrados em outras línguas (como em inglês na sua maior parte).

CALL é uma área de pesquisas que tem por objetivo elencar os fatores pelos quais os computadores podem influenciar no ensino e aprendizagem de línguas (LEFFA, 2006). Exemplos de que se teve um grande avanço nesta área foi a criação da computação multimídia pela *Internet* e pela *World Wide Web*. Com o advento das novas TIC e com a rápida disseminação no uso do computador aliado ao uso da *Internet* em instituições de ensino, são perceptíveis novas formas de promover o ensino e aprendizagem de línguas na área de pesquisas sobre CALL (KERN; WARSCHAUER, 2000; LEFFA, 2006; ANDRADE, 2014).

No campo de ensino e aprendizagem de línguas, CALL tem permitido que professores de línguas usem ferramentas tecnológicas complementares como forma facilitadora no processo de aprendizagem de aprendentes de LE. CALL também pode proporcionar o desenvolvimento de habilidades específicas de línguas de várias maneiras, viabilizando comportamentos independentes, troca de conhecimentos e reflexão sobre a

própria aprendizagem. Ademais, ela permite diversas ferramentas e inúmeros materiais autênticos, como imagens, áudios, vídeos, *feedback* imediato dos exercícios e interações virtuais com pessoas de várias partes do mundo. Todas essas ações são favoráveis para uma aprendizagem eficaz e autonomia dos aprendentes em LE (WU, 2015).

Na sequência apresentamos um breve histórico do surgimento da CALL.

2.4.1 Breve histórico

Leffa (2006) e Hubbard (2009) historiam CALL. Em meados dos anos 60 e 70, algumas universidades possuíam laboratórios específicos para o ensino de línguas estrangeiras e eram interligadas sempre a um grande e único computador central, que ditava as atividades. O que predominava nesta época, no que diz respeito ao ensino de língua estrangeira como a língua inglesa, eram basicamente os exercícios estruturalistas, com aspectos gramaticais precisos da língua-alvo. Os alunos eram submetidos a atividades como, por exemplo, passar uma oração afirmativa para negativa ou interrogativa, trocar certos verbos do futuro ou para o passado e vice-versa, dentre outros exercícios para a aquisição da LE.

Por muito tempo esse movimento estruturalista da língua foi criticado por autores da época (e nos dias atuais), por apresentar uma didática “reforçada” para a formação dos hábitos linguísticos, pela qual se dizia que o aluno perdia praticamente a vontade e interesse em estudar por conta própria depois de uma aula repleta de repetições e esforços. Essa fase ficou conhecida como *Drill and Kill*²⁹ (ANDRADE, 2014). Nesse aspecto, esta época foi chamada de “CALL behaviorista”. Instituições de ensino a consideravam como a “melhor forma” de aprendizagem de línguas, o que rendia, também, bons resultados.

Depois disso, em meados dos anos 80, os microcomputadores e os computadores pessoais começaram a ser introduzidos no mercado, principalmente com a chegada do computador chamado *Apple II*, que foi por muito tempo utilizado nas universidades, escolas do ensino fundamental e ensino médio dos EUA, iniciando a época do “CALL comunicativo”. Os computadores passaram do papel de “tutor” de atividades para o de principais ferramentas de aprendizagem. As atividades e exercícios propostos ganharam dinamismo com o uso, por exemplo, de jogos gráficos, de produção textual, de simulações gráficas, de discussões significativas etc. A manipulação de textos e sentenças, presentes nos *CD-ROMs* dos anos 90 foi a época em que mais foram usados para cursos de línguas, incluindo enciclopédias,

²⁹ Tradução para “treinar e matar”.

gráficos, textos, áudios e vídeos, sendo que o usuário poderia estudar fora das salas de aula. O estudo autônomo, feito por esses alunos, sem a presença do professor e fora da área escolar, seria uma das vantagens de aprimoramento da língua e, agindo dessa maneira, o aprendente ganhava recursos extras, como materiais autênticos e de menor custo (HUBBARD, 2009). Esta fase não substituiu o “CALL behaviorista”, que continuou existindo, mas acrescentou novos usos à aprendizagem apoiada pelo computador.

Por último é introduzida a metodologia do ensino de línguas estrangeiras por meio do “CALL integrativo”. Esta época é a que vivenciamos hoje. Podemos perceber que, com o avanço da tecnologia e da *Internet*, encontramos possibilidades de trabalhar tanto dentro quanto fora da sala de aula as quatro habilidades da língua-alvo (escuta, escrita, leitura e fala). Com a ajuda da tecnologia, podemos integrar comunidades autênticas para a troca de experiências com pessoas em várias partes do mundo, com propósitos do ensino de línguas e a busca do desenvolvimento da aprendizagem autodirigida.

Portanto, apresentamos no quadro 1 abaixo a relação e resumo da discussão proposta por Warschauer a respeito das tecnologias usadas nas três fases da CALL:

Quadro 2 - As três fases da CALL.

Fases	1970-1980 CALL behaviorista	1980-1990 CALL comunicativo	Século XXI CALL integrativo
Tecnologia	Grande computador central	Computadores pessoais	Multimídia e <i>Internet</i>
Paradigma do ensino de inglês	Gramática, tradução e método áudio-lingual	Abordagem comunicativa	Visão baseada em conteúdos, inglês para fins específicos e acadêmicos
Visão da língua	Estrutural: sistema de estrutura gramatical	Cognitiva: sistema mentalmente construído	Sócio-cognitiva: desenvolvida em interação social
Principal uso dos computadores	Exercícios repetitivos	Exercícios comunicativos	Discurso autêntico
Objetivo principal	Exatidão	Mais fluência	Mais ação

Fonte: Warschauer, 2004, p. 10.

Os primeiros estudos sobre CALL eram focalizados em métodos quantitativos, os quais buscavam a percepção das características dos principais aspectos comunicativos que poderiam ocorrer no meio virtual. Assim, a preocupação dos primeiros estudos também era de analisar como as características das interações presenciais eram semelhantes ou diferentes daquelas que aconteciam por meio do computador.

Na discussão sobre as mudanças tecnológicas na sociedade e o futuro da aplicabilidade da área de CALL, Warschauer (2004) enfatiza que essas mudanças poderiam ocorrer a partir do comprometimento de pesquisadores interessados nos estudos e pesquisas em LA nesta área e ter consciência e entendimento do que é ensinar e aprender línguas em contextos digitais por meio de computadores. Além disso, este autor também enfatiza a importância de desenvolver mudanças sociológicas no sistema educacional para que esta área realmente possa ter uso significativo e mudar efetivamente o processo de ensino e aprendizagem *on-line*.

Mesmo com todas essas possibilidades, CALL possui seus lados positivos e negativos, pois está em constante mudança, é complexo e dinâmico. Como pontos positivos, a tecnologia do computador vem se modificando rapidamente e com ele novos programas, recursos e tarefas modernas, o que influencia diretamente na criação de outras novas tecnologias. Esta potencialidade nos remete ao progresso e modernidade que podem ser usadas para o ensino de línguas, e acreditamos que tanto pesquisadores quanto professores podem fazer uso desta potencialidade como meio de melhorar as aulas de línguas. Além de serem úteis para o aprimoramento das habilidades específicas da LE, os estudos sobre CALL também apontam para a possibilidade de estímulo da motivação de aprendentes, auxiliando-os na sua aprendizagem de forma autônoma. Como pontos negativos, podemos mencionar o alto custo de materiais, usuários com falta de conhecimento e manuseio de certos sítios, usuários com falta de conhecimento das novas tecnologias e acesso à conteúdos inapropriados.

Assim como CALL possui grande importância para pesquisadores e professores, assim como também as influências que advém dela para o ensino e aprendizagem de LE, esta área também possui papel fundamental em CAAs. Expomos na sequência dois exemplos da aplicabilidade da CALL em CAAs.

2.4.2 Aplicabilidade da CALL em CAAs

Alguns estudos sobre CALL em CAAs foram realizados com o intuito de identificar sua influência na aprendizagem de LE. Aqui mencionamos dois destes estudos.

Montoro e Rampel (2011) nos mostram uma pesquisa realizada em um CAA localizado em Salamanca, na Universidade de Guanajuato, no México. A pesquisa objetivou identificar as perturbações³⁰ que poderiam surgir durante a execução de uma atividade

³⁰ Os autores expõem o que seriam estas perturbações: são desvios de cursos normais programados, ou seja, são desvios no comportamento do aprendente que são esperados por professores de línguas durante uma aula ou

baseada em CALL, a qual foi desenvolvida *on-line* para a aprendizagem de língua inglesa. As participantes desta pesquisa foram duas estudantes do curso de artes, que também eram usuárias e aprendentes de língua inglesa do CAA. Os instrumentos que foram utilizados para esta pesquisa foram computador, uma atividade *on-line*, dicionários físicos, dicionários *on-line* e recursos do CAA. Os dados foram coletados por meio de observação e de entrevistas. A atividade criada foi uma proposta em que as aprendentes deveriam elaborar uma gravação de vídeo feito em casa, no qual elas deveriam se apresentar em língua inglesa e, ao final, poderiam postar o vídeo no sítio *Youtube*. O tempo estipulado para a execução da atividade pelas aprendentes foi de 90 minutos.

Os resultados mostraram que os níveis de estresse e frustração das participantes foram as primeiras perturbações encontradas durante a execução da atividade, sendo que elas ficaram mais evidentes quando estas participantes perceberam que ficou impossível completar todas as partes da atividade. Além disso, os autores perceberam que uma das participantes tentou buscar primeiramente auxílio com seu professor e seus colegas para a gravação do vídeo por meio da *Internet*, mas não conseguiu. Portanto, essas perturbações observadas durante a aprendizagem da língua inglesa neste momento foram ocasionadas pelos problemas encontrados no contexto institucional (a falta de conexão com a *Internet*), que influenciaram diretamente na aprendizagem da língua desta aprendente. Já em relação à outra participante, ela se distraiu com um dos usuários do centro e conversou com ele por sete minutos, o que ocasionou certa pressão no seu tempo limite para a execução da atividade. Além disso, o nível de barulho do centro também a atrapalhou quando outros usuários do espaço começaram a falar alto perto da mesma. Portanto, a relação entre as participantes e os usuários do centro apresentou um efeito significativo na aprendizagem da língua alvo.

Por meio deste estudo, foi revelada a complexidade de preparação e uso da tarefa de CALL. Isso mostrou um efeito triangular entre as ferramentas tecnológicas, as decisões feitas pela comunidade (tempo, regras da atividade etc.) e o objeto da atividade (tarefa de inglês). Ademais, para que atividades pudessem ser executadas em ambientes *on-line* em CAAs, o tipo de suporte oferecido seria a chave principal para ser desenvolvida de forma eficaz. Este estudo mostrou que a relação entre aprendentes de línguas, atividades mediadas por computador e a comunidade presente no centro são peças fundamentais para a aprendizagem da língua inglesa em um CAA.

Outro estudo sobre CALL em CAAs foi feito por Wu (2015). O autor nos mostra uma pesquisa realizada no *Learner Autonomy Center*³¹, na Universidade de Fudan, na China. A pesquisa teve por objetivo compreender como a aprendizagem autogerida de vocabulário poderia mostrar melhorias significativas e que estratégias de aprendizagem eram utilizadas pelos aprendentes de inglês, em dois ambientes de aprendizagem. No primeiro ambiente foi desenvolvida uma atividade da CALL por meio de um sistema de aprendizagem de vocabulário chamado de *Learning Vocabulary In Domain*³², a fim de ajudar os alunos a aprender, descobrir e construir conhecimentos de palavras novas em um ambiente autêntico, trabalhando individualmente ou em colaboração com outros. No segundo ambiente os estudantes receberam um material impresso contendo quase as mesmas tarefas de vocabulário do primeiro. Os participantes da pesquisa foram 61 alunos calouros dos cursos de ciências e engenharia da universidade chinesa que estavam estudando a língua inglesa. Eles foram escolhidos aleatoriamente entre 4.000 calouros dos referidos cursos. Para a coleta de dados, os instrumentos de pesquisa utilizados foram observação, entrevista e questionário. Para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado, foi feita a comparação do uso real das estratégias de aprendizagem de vocabulário dos alunos e de seu desempenho nos dois ambientes de aprendizagem.

Como resultado, percebeu-se que a preferência dos alunos em estudar por meio do ambiente do sistema de aprendizagem de vocabulário em relação ao ambiente para estudar por meio de materiais impressos. Além disso, percebeu-se que a aplicação da tecnologia computacional satisfaz os participantes. A atividade elaborada por meio do sistema de aprendizagem de vocabulário pôde promover *feedback* imediato a respeito das regras fonéticas da língua ou disponibilizar dicas para entender a pronúncia de palavras de forma eficaz. Outro fato constatado foi de que as tarefas feitas pelo sistema de aprendizagem de vocabulário ajudaram os alunos a descobrir associações de palavras que não conheciam antes, encorajando-os a compreender mais palavras da língua, além de aprender também seus sinônimos e antônimos. Os participantes gostaram dos artigos lidos por meio de um jornal popular *on-line* durante uma atividade de leitura, indicando palavras novas a serem aprendidas. Disseram ainda que os textos pareciam mais atraentes do que os materiais impressos. Outro dado encontrado foi de que os participantes preferiram procurar, por eles mesmos, palavras novas e significados de grupos de palavras em dicionários eletrônicos monolíngues e bilíngues apenas com um clique no *mouse*. Além disso, as atividades mediadas

³¹ Centro de Autonomia do Aprendiz.

³² Aprendendo Vocabulário em Domínio.

por computador foram mais favoráveis que os materiais impressos por disponibilizarem *feedback* por meio de dicas ou palavras-chave em tempo real. Por meio de um caderno eletrônico, que foi disponibilizado no sistema de aprendizagem de vocabulário, os aprendentes puderam usá-lo com frequência, pois eles anotaram qualquer informação relevante sobre palavras novas. Outro fato percebido foi a atitude dos alunos em pedir ajuda aos professores e aos colegas do significado de certas palavras e seus usos da língua, que foram discutidas em um fórum eletrônico de aprendizagem do próprio sistema, desencadeando a descoberta, o conhecimento e a produção de palavras novas.

Neste estudo, identificou-se que a aplicação da tecnologia da computação facilitou o desenvolvimento de várias tarefas dos aprendentes e os ajudou a desenvolverem suas próprias estratégias para aprender novos vocabulários.

Portanto, estes dois estudos da aplicabilidade da CALL em CAAs mostram que a tecnologia computacional possui grandes potencialidades para o ensino e a aprendizagem de LE nesses ambientes. Há vários pontos positivos que podem ser levados em consideração na elaboração de atividades por meio de computadores em CAAs: o desenvolvimento de autonomia na aprendizagem da língua alvo; a motivação em aprender a língua; o desenvolvimento e uso de estratégias de aprendizagem dos aprendentes de línguas e a possibilidade de praticar as habilidades linguísticas de forma eficaz.

Assim como existem estudos que mostram a aplicabilidade da CALL e suas influências na aprendizagem de aprendentes de línguas em CAAs por meio de computadores, sítios de aprendizagem de línguas também possuem potencialidades. Na sequência expomos a aprendizagem de línguas por meio de sítios.

2.4.3 Aprendizagem de línguas por meio de sítios

Para entendermos como ocorre a aprendizagem de línguas por meio de sítios, elencamos primeiramente um conjunto de definições do que são sítios. Para Fernandes (2015, p. 7), “a *web* ou sítio é um conjunto de páginas, sítios, publicados na Internet e esta, por sua vez, é a infraestrutura de rede que liga os computadores em escala mundial”. Nestes espaços são criados ambientes virtuais com situações concretas ou abstratas. Segunda a página “Significados”³³:

³³ www.significados.com.br/website/

Website é uma palavra que resulta da justaposição das palavras inglesas *web* (rede) e *site* (sítio, lugar). No contexto das comunicações eletrônicas, *website* e *site* possuem o mesmo significado e são utilizadas para fazer referência a uma página ou a um agrupamento de páginas relacionadas entre si, acessíveis na internet através de um determinado endereço.

Para o sítio *Locaweb*³⁴, “site é um conjunto de webpages compostas por textos, imagens, animações e, eventualmente, sons”. E para o sítio *Wikipédia*³⁵, sítio “é um conjunto de páginas *web*, isto é, de hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP³⁶ na internet. O conjunto de todos os *sites* públicos existentes compõe a *World Wide Web*”. Cada sítio é criado com propósitos diferentes. Eles podem ser classificados como institucionais, educativos, informativos, pessoais, comunitários, empresariais, redes sociais etc., sendo direcionados para um público alvo específico. Estas páginas podem conter diversos recursos como textos, imagens, vídeos, animações virtuais, dentre outros.

As redes sociais são tipos de sítios na *Internet* constituídos por um conjunto de indivíduos que possuem relações diversas, nos quais estas relações sociais podem apresentar benefícios ou prejuízos para cada usuário (VETROMILLE-CASTRO; FERREIRA, 2016). Para Guedes (2012), “o termo “redes sociais” significa interação social, troca social, e isso nos leva ao início da civilização, quando o homem se reunia em torno de uma fogueira para compartilhar interesses”. Para Silva e Ferreira (2007), “rede social é um conjunto de pessoas (ou empresas ou qualquer outra entidade social criada) interligadas por um conjunto de relações sociais tais como amizade, relações de trabalho, trocas comerciais ou de informações”. Assim, percebemos mais uma vez que as redes sociais são espaços em que há uma relação entre os atores sociais que estão em constante interação um com o outro, compartilhando informações diversas de interesse do grupo.

Sítios não são meramente compostos por tipos de redes sociais (como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*), mas a sua existência e classificação depende dos propósitos e interesses de seus usuários. Como aponta Recuero:

Embora os *sites* de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem

³⁴ https://wiki.locaweb.com.br/pt-br/O_que_%C3%A9_um_site%3F

³⁵ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Site>

³⁶ Protocolo de Transferência de Hipertexto: é um protocolo de comunicação utilizado para sistemas de informação de hipermídia distribuídos e colaborativos. Ele é a base para a comunicação de dados da *World Wide Web* (Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hypertext_Transfer_Protocol).

apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes (RECUERO, 2009, p. 103).

Assim, as redes sociais surgiram pela necessidade do homem de se comunicar e compartilhar ideias, interesses e objetivos, e que foram evoluindo, se adaptando e mudando constantemente ao longo dos anos.

São muitas as redes sociais que existiram e que ainda existem na atualidade. O quadro abaixo mostra algumas delas e seu ano de criação:

Quadro 3 - Exemplos de redes sociais.

Nome	Ano de criação
<i>Myspace</i>	2003
<i>Linkedin</i>	2003
<i>Orkut</i>	2004
<i>Facebook</i>	2004
<i>Flickr</i>	2004
<i>Ning</i>	2005
<i>Twitter</i>	2006
<i>Goodreads</i>	2006
<i>Sonico</i>	2007
<i>Formspring</i>	2009
<i>Pinterest</i>	2010
<i>Google+</i>	2011

Fonte: adaptação de Guedes, 2012.

Aqui expomos o que são algumas das redes sociais citadas no quadro acima. *MySpace*³⁷ é uma rede social que utiliza a *Internet* para comunicação *on-line* através de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Esta rede social inclui um sistema interno de *e-mail*, fóruns e grupos. A rede social *Linkedin*³⁸ foi criada com o propósito de divulgação de currículos e oportunidades de emprego. A rede social *Flickr*³⁹ foi criada com o propósito de hospedar e partilhar imagens como fotografias, desenhos e ilustrações, além de permitir novas maneiras de organizar as fotos e vídeos. A rede social *Ning*⁴⁰ foi criada com o propósito de desenvolver redes sociais individualizadas, como formação de grupos e fóruns. A rede social *Goodreads*⁴¹ foi criada direcionada para leitores e recomendações de livros, além de ajudar as

³⁷ <https://myspace.com>

³⁸ <https://br.linkedin.com>

³⁹ www.flickr.com

⁴⁰ www.ning.com

⁴¹ www.goodreads.com

peessoas a encontrar e compartilhar livros de que gostam. *Formspring*⁴² é uma rede social que permite que os usuários recebam perguntas de outros usuários ou de pessoas não cadastradas. As perguntas são enviadas para a caixa de entrada e o usuário pode escolher entre respondê-las ou excluí-las. *Pinterest*⁴³ é uma rede social de compartilhamento de fotos. Por meio de assuntos ou tópicos específicos de interesse dos usuários, eles podem criar, compartilhar e gerenciar imagens temáticas, como de jogos, de hobbies, de roupas, de perfumes etc. A rede social *Sonico*⁴⁴ foi criada e direcionada para o público latino-americano com o propósito de manter contato com pessoas reais em um contexto de vida digital. Nesta rede social os usuários podiam personalizar o visual de suas páginas inserindo cores e fundos, compartilhar fotos e vídeos de forma ilimitada, desafiar pessoas em jogos, ler notícias, organizar eventos, enviar comentários, visitar comunidades temáticas e organizar uma agenda.

É por meio destes sítios que encontramos a interface entre usuário e o meio virtual, que segundo Fernandes e Oliveira é:

uma linguagem de entrada de dados para o usuário, uma saída de dados para a máquina e um protocolo de interação de forma a promover estímulos interativos para que o usuário obtenha respostas relacionadas às suas atividades, de forma que a cada nova ação, uma nova resposta seja esperada por ambos os lados, sistema e usuário (FERNANDES; OLIVEIRA, 2015, p. 7).

Esta interface também ocorre quando o usuário faz uso de sítios de aprendizagem de línguas, pois haverá a promoção de estímulos interativos entre o aprendente e respostas que este busca nas atividades desenvolvidas.

Uma das possibilidades que a *Internet* proporciona é a aprendizagem de LE por meio de sítios e redes sociais, hoje muito difundidos e de fácil acesso a recursos e materiais diversos para a prática da língua alvo. Desde o acesso às manifestações culturais de outros países até a prática da língua com falantes nativos, a quantidade de sítios de ensino de línguas tem aumentado em grandes proporções, configurando-se como um espaço rico e diversificado. Além disso, os sítios apresentam ferramentas úteis na atualidade e possibilitam a prática de habilidades linguísticas específicas por meio de vários exercícios, dicas, vídeo aulas, dentre outros.

Acreditamos que sítios de aprendizagem de línguas podem auxiliar na aprendizagem de alunos de LE de forma rápida para a realização de uma tarefa ou atividade. Um dos

⁴² <https://spring.me>

⁴³ <https://br.pinterest.com>

⁴⁴ www.sonico.com

exemplos que eles podem proporcionar aos usuários “é quando os alunos têm dificuldade em entender uma palavra e podem, de forma autônoma, pesquisar seu significado em um tradutor ou dicionário *on-line* para continuar a tarefa” (MULLER; RAMOS; GRÉGIS, 2016, p. 3).

O aluno pode apresentar uma atitude autônoma a fim de pesquisar aquilo que necessita aprender por meio de sítios. Ele tem mais liberdade para buscar a melhor opção de estudo de acordo com suas vontades, tem acesso facilitado a materiais didáticos, além da possibilidade da interação com falantes nativos de outros países. Assim, é por meio da *Internet* e dos sítios que este aprendente pode desenvolver uma aprendizagem mais sólida, empregando as estruturas linguísticas em diversos contextos reais por meio do mundo virtual (MULLER; RAMOS; GRÉGIS, 2016).

Assim, apresentamos aqui três exemplos de estudos que foram realizados por meio de sítios, redes sociais e outros recursos disponibilizados pela *Internet*.

Leffa (2016) nos mostra uma pesquisa vinculada com redes sociais, *sites* e *blogs*, voltados para o ensino e aprendizagem de línguas a respeito do número de usuários em agosto de 2014. O autor diz que o sítio *Livemocha*⁴⁵ apresentou o quantitativo de 16.000.000 usuários, o sítio *Busuu*⁴⁶ 40.000.000 usuários e o sítio *Duolingo*⁴⁷ 45.000.000 usuários.

Os autores Muller, Ramos e Grégis (2016, p. 299-305) nos mostram uma pesquisa realizada entre 2014 e 2015 com 158 aprendizes de língua inglesa, em vários níveis de aprendizagem e em diferentes ambientes de aprendizagem. O objetivo da pesquisa foi promover uma reflexão geral sobre o uso da *Internet* (por meio de sítios, jogos, aplicativos, redes sociais etc.) com o propósito da aprendizagem do inglês e investigar se os participantes utilizavam estes recursos como material de apoio aos estudos da língua. A pesquisa se deu em escolas públicas e privadas, universidades e cursos de idiomas.

Para a coleta dos dados, os autores aplicaram um questionário com perguntas de múltipla escolha e uma pergunta aberta. Este questionário foi elaborado e aplicado por meio de *link* enviado pelo *Google Docs*⁴⁸ para *e-mails* e usuários do *Facebook*. O objetivo deste questionário foi conseguir atingir o maior número de participantes possível.

Nos resultados, 53% disseram que tinham contato com a língua inglesa entre 1 a 5 horas semanais. Outros 24% disseram que tinham entre cinco e dez horas semanais de contato

⁴⁵ www.livemocha.com

⁴⁶ www.busuu.com/pt

⁴⁷ www.duolingo.com

⁴⁸ É um serviço para os sistemas da *Web*, *Android* e *iOS* e que permite criar, editar e visualizar documentos de texto e compartilhá-los com amigos e contatos profissionais. Com a possibilidade de trabalhar *off-line*, esta ferramenta pode salvar os arquivos tanto no drive online do Google quanto na memória do dispositivo (COSTA, M. *Site* Techtudo. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/google-docs-app.html>).

e outros 23% tinham mais de dez horas semanais de contato com a língua. Portanto, estes resultados indicaram que a maioria dos aprendentes não dedicava tempo suficiente para praticar e aprender a língua inglesa e que o tempo informado por eles não era suficiente para aprendizagem das competências necessárias da língua alvo. Se aproveitassem os recursos presentes na *Internet* poderiam utilizá-los como complemento da sua aprendizagem da sala de aula, não apenas dependendo do professor e dos materiais pedagógicos impressos utilizados por este.

Outro resultado obtido foi de que 65% dos aprendentes utilizavam algum recurso na *Internet* para estudar e aprender uma LE. Por meio da pergunta “Você notou alguma diferença na sua aprendizagem de inglês desde que começou a ter contato com essa língua através da internet?”, os resultados mostraram que 96% deles relataram que notaram, de alguma forma, que sua capacidade de entendimento da língua inglesa melhorou por meio das habilidades de leitura, escrita, fala e escuta do inglês com o uso dos recursos encontrados na *Internet*. Por outro lado, 4% deles disseram que os recursos da *Internet* não os ajudaram em nenhum aspecto.

Por meio de reflexões dos aprendentes de inglês a respeito do uso dos recursos da *Internet* para a aprendizagem da língua inglesa, alguns deles puderam relatar sobre as influências que o seu uso proporcionava no processo de aprendizagem. Um dos sujeitos disse que o uso dos recursos da *Internet* possibilitava o desenvolvimento da autonomia tanto de alunos quanto de professores, sendo ela uma ferramenta sempre disponível para seus usuários e que pode oferecer uma variedade imensa de informações em todas as áreas do conhecimento. Outro participante disse que a aprendizagem de uma LE é essencial nos dias atuais e os recursos encontrados na *Internet* são instrumentos estimuladores para a prática das habilidades e competências linguísticas da língua alvo.

Por meio das reflexões feitas pelos aprendentes, percebeu-se que o uso dos recursos presentes na *Internet* pode desenvolver a autonomia na aprendizagem da língua alvo de forma eficaz, sendo que eles têm total liberdade para escolher e estudar da maneira que acharem melhor. Além disso, percebeu-se que a *Internet* é uma ferramenta essencial e mais completa para a aprendizagem de uma LE, permitindo que seus usuários pratiquem as quatro habilidades linguísticas, seja por meio de sítios ou por meio de jogos, músicas, vídeos e redes sociais.

Portanto, este estudo mostrou que os conteúdos presentes na *Internet* e seus vários recursos podem influenciar diretamente a aprendizagem de LE dos seus usuários, uma vez que ela não é enxergada somente como uma fonte para pesquisas, mas passou a ter

potencialidades significativas para os estudos de aprendentes da língua alvo e possibilitou o desenvolvimento de sua autonomia. Além disso, por meio de vários sítios presentes neste espaço, usuários podem ter a possibilidade de praticar as quatro habilidades da língua, seja por meio de *chats*, músicas ou por meio de sítios de aprendizagem de inglês.

Outro trabalho relevante é de Fernandes e Oliveira (2015), no qual os autores sugerem alguns ambientes virtuais e ferramentas da *web* como propostas de aprendizagem de língua inglesa que promovem a prática das quatro habilidades linguísticas. Eles apresentam sete destes ambientes virtuais e ferramentas, entre sítios e redes sociais, com suas descrições e pontos positivos e negativos, para a elaboração de uma proposta pedagógica na sala de aula:

Quadro 4 - Ambientes virtuais e ferramentas para aprendizagem da língua inglesa.

Nome	Tipo	Endereço	Descrição	Aspectos: positivo/negativo
<i>B2B English School</i>	Website	https://www.b2b-english.com/	Dicas de Inglês, material de apoio, curiosidades, notícias sobre escolas em todo o mundo extraídas dos mais renomados veículos de comunicação dos EUA e muito mais.	Oferece atividades diversificadas e interativas. Porém, não é gratuito e não trabalha as quatro habilidades.
<i>National Geographic Channel</i>	Website	http://channel.nationalgeographic.com/	Canal diversificado, como shows, TV <i>guide</i> , vídeos, entre outras publicações.	Aberto, e em inglês, mas não é específico para a aprendizagem da língua.
<i>One Stop English</i>	Website	http://www.onestopenglish.com/	Traz conteúdo sobre business, exames, gramáticas, habilidades, atividades específicas para criança e adolescente e <i>games</i> .	Fomenta a aprendizagem de inglês, mas não trabalha as quatro habilidades.
<i>T4T Themes for Teaching</i>	Website	http://t4tenglish.ufsc.br/	Oferece alternativas de ensino e material didático gratuito para professores de inglês que trabalham em contextos do ensino fundamental e médio.	É gratuito e de livre acesso, mas só tem utilidade se for aplicado por um professor orientador.
<i>Learn American English</i>	Website/Chat	https://www.learnamericanenglishonline.com/	É um <i>site</i> e contém também um <i>chat</i> que pode ser acessado escolhendo o nível de inglês do participante para se ter uma conversa assertiva.	O aluno nem sempre saberá o nível de aprendizagem ideal.
<i>Twiducate</i>	Rede social	twiducate.com	Para estudantes do ensino básico e secundário, os pais podem acompanhar o desenvolvimento pedagógico dos seus filhos.	Permite a participação de diversos agentes no processo.
<i>Schoology</i>	Rede social	https://www.schoology.com/	É uma solução de aprendizagem dinâmica, intuitiva e focado em fazer melhoria acessível em diversos ambientes educacionais. Capacita educadores e inspira alunos.	Há página personalizada para criação de conteúdo, recursos de colaboração interativos em aplicações.

Fonte: Adaptação de Fernandes e Oliveira, 2015, p. 10.

Assim, percebemos que são vários os sítios de aprendizagem de LE que contêm inúmeras opções para a prática da língua alvo. Configura-se como um ambiente que possibilita a aprendizagem de línguas e o compartilhamento de conhecimentos culturais, da interação entre pessoas de várias partes do mundo, um local em que se pode praticar as quatro

habilidades linguísticas por meio de atividades, jogos, músicas, vídeos e outros recursos que estão inseridos neste meio.

Nesta seção, apresentamos os pontos principais dos pressupostos teóricos que embasaram este trabalho: Autonomia na Aprendizagem de Línguas, Centros de Autoacesso, Tecnologias da Informação e Comunicação e Aprendizagem de Língua Mediada por Computador. Na seção seguinte apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa desenvolvida.

SEÇÃO III - METODOLOGIA

Nesta seção apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa. Primeiramente justificamos o desenvolvimento deste trabalho, expomos os objetivos, as perguntas de pesquisa e argumentamos em favor do estudo de caso. Na primeira subseção apresentamos o contexto de pesquisa. Em seguida descrevemos os participantes. Na subseção 3.3 expomos os instrumentos e procedimentos de coleta de dados. Por último, descrevemos os procedimentos de análise dos dados coletados.

A justificativa deste estudo foi de que, enquanto professor de língua inglesa, pude notar que muitos alunos do ensino superior e de cursos livres de idiomas usam recursos tecnológicos tanto dentro quanto fora da sala de aula enquanto aprendentes de LE, percebendo que os três recursos tecnológicos mais utilizados são aplicativos, *smartphones* e computadores. Embora existam vários estudos sobre a influência da tecnologia na aprendizagem de LE, alguns mencionados na seção teórica desta dissertação, há poucos estudos sobre tecnologias para a aprendizagem de LE em atividades promovidas por CAAs no Brasil, o que me motivou a desenvolver esta dissertação.

Nesta pesquisa tive por objetivo geral compreender de que maneiras as atividades mediadas por computadores, por meio de sítios, poderiam influenciar a aprendizagem de língua inglesa de alunos que frequentam e participam das atividades da BA³. Tive como objetivos específicos: descobrir quais atividades promovidas pela BA³ são mais escolhidas pelos usuários; saber se os usuários da BA³ utilizam sítios de aprendizagem de línguas; investigar que motivos os usuários da BA³ têm para utilizar sítios de aprendizagem de línguas e investigar de que forma os sítios influenciam na aprendizagem de língua inglesa.

Este trabalho procura responder as seguintes perguntas de pesquisa: a) Quais atividades promovidas pela BA³ para a aprendizagem de inglês são mais atraentes para os aprendentes? b) De que forma uma atividade promovida pela BA³ focada em recursos tecnológicos influencia na aprendizagem de língua inglesa dos aprendentes? c) Quais fatores influenciam a escolha de sítios para a aprendizagem de língua inglesa? d) Que habilidades linguísticas são preferencialmente escolhidas para a aprendizagem da língua inglesa por meio de sítios?

Esta pesquisa se deu através de uma proposta de atividade tecnológica desenvolvida na BA³ com a participação de aprendentes de língua inglesa, que objetivou identificar as influências que as atividades mediadas pelo computador ocasionavam na aprendizagem da

LE. Por este motivo, a modalidade de pesquisa privilegiada neste trabalho foi o estudo de caso. Para Yin (1989, p. 13), “estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente”. Já para Costa e Costa (2015, p. 36), o estudo de caso pode ser realizado tanto para pesquisa descritiva quanto para pesquisa explicativa, definido como “um estudo limitado a uma ou poucas unidades, que podem ser uma pessoa, uma família, um produto, uma instituição, uma comunidade ou mesmo um país. É uma pesquisa detalhada e profunda”. Portanto, o estudo de caso tem por finalidade a pesquisa de um dado fenômeno para a explicação de situações da vida real, sendo descritivo, limitado, detalhado e utilizado para pesquisas explanatórias, geralmente de cunho qualitativo e quantitativo.

A pesquisa de abordagem qualitativa responde a questões particulares e trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes etc. Esse conjunto de características faz parte do ser humano e elas distinguem o agir, sobre o que faz e a interpretação de suas ações na sua realidade partilhada entre seus semelhantes (MINAYO, 2015).

O estudo de caso compreende uma pesquisa de coleta de dados em campo. Minayo (2015, p. 19) explica que “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento”. Então, a pesquisa de campo não só pode enriquecer o conhecimento do pesquisador, mas também pode encontrar bases de desenvolvimento da área a fim de melhorá-la a partir dos resultados alcançados.

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Nesta subseção apresentamos aspectos relevantes que constituíram o contexto desta pesquisa. Primeiro descrevemos o local onde a pesquisa foi realizada e sua duração. Em seguida, expomos a identificação da oficina ministrada.

3.1.1 Local

Esta pesquisa foi realizada na Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma (BA³). A BA³ é o centro de autoacesso da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM), da Universidade Federal do Pará, servindo alunos e professores que ensinam e aprendem línguas.

Este CAA vem trabalhando no incentivo e desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas adicionais dos alunos.

A BA³ é um dos laboratórios da FALEM, descrita no Projeto Pedagógico (PP) dos Cursos de Letras, aprovado em 2010. Nesse laboratório, um ambiente diverso do da sala de aula, busca-se desenvolver atividades que atraiam os estudantes da faculdade, assim como os dos Cursos Livres de Línguas Estrangeiras (CLLE) e membros da comunidade externa que possuem interesse em desenvolver suas competências linguísticas.

Os usuários da BA³ são alunos da FALEM que estudam nos cursos de licenciatura da faculdade, dos CLLÉ que estão engajados nos cursos de idiomas e membros da comunidade externa que podem ser alunos de outras faculdades da UFPA e que possuem interesse em aprender uma LE. Estes usuários da BA³ são engajados em atividades diversas e são convidados a refletir sobre sua própria aprendizagem e a desenvolver sua autonomia na aprendizagem de línguas.

A BA³ atende aprendentes adultos com diferentes níveis, interesses, objetivos e graus de autonomia para a aprendizagem da língua. Este centro disponibiliza o serviço de aconselhamento, materiais, recursos como oficinas, palestras, *workshops*. Os aprendentes podem escolher participar destas atividades e ser auxiliados na escolha de materiais para o desenvolvimento da língua que desejam trabalhar, ou não, pois podem frequentar o espaço para estudo da língua e consultar os materiais por conta própria, dependendo de seus objetivos e grau de autonomia.

A BA³ tem o papel de despertar a autonomia dos aprendentes de LE e ajudá-los a se tornarem proficientes na LE, praticando a competência linguística além da sala de aula, assumindo compromissos, tarefas, objetivos, reflexões e decisões individuais que favoreçam o domínio do idioma estudado.

Na próxima subseção apresentamos a oficina em que este estudo de caso foi realizado.

3.1.2 Oficina

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma oficina organizada pela BA³, intitulada “Recursos tecnológicos para o fomento da aprendizagem de língua inglesa”, direcionada tanto para alunos de língua inglesa do curso de licenciatura da FALEM quanto para alunos de língua inglesa dos CLLÉ. Ela foi ministrada na sala Anexo B do Instituto de Letras e Comunicação durante o mês de junho de 2017. Foi organizada em quatro encontros,

sendo um encontro a cada semana e cada um com carga horária de duas horas, totalizando oito horas ao final. Foram utilizados um computador e um projetor.

Esta oficina teve por objetivo principal o compartilhamento de sugestões de sítios *on-line* e suas devidas explicações de navegação para que os aprendentes pudessem utilizá-los como ferramentas para a aprendizagem de língua inglesa. Cada encontro da oficina continha uma breve apresentação de aspectos teóricos sobre o uso das tecnologias no ensino e aprendizagem de línguas. Acreditamos que a importância desta apresentação teórica nos encontros foi de mostrar e discutir como as tecnologias têm ganhado grande espaço em instituições de ensino com o propósito de estimular o processo de aprendizagem de uma LE de várias formas. Uma vez que estes aprendentes vivenciam uma época em que os recursos disponíveis na *Internet* podem influenciar diretamente no seu processo de aprendizagem, elas começam a ganhar um grau de importância a partir do momento em que elas são apresentadas a eles, há uma consciência de que estes aprendentes podem utilizá-las, há uma reflexão sobre os problemas particulares em relação a língua estudada, os estimulam a estipular objetivos para tentar sanar estes problemas e agem conforme as suas necessidades pessoais, sem a necessidade de intervenção de um professor. Portanto, as teorias expostas nos encontros da oficina tiveram o propósito de compartilhar estas informações com os participantes, enxergando-os tanto como aprendentes de línguas quanto professores em formação, criando assim momentos de discussões sobre estes assuntos.

Os encontros e os assuntos ministrados constam no quadro a seguir:

Quadro 5 - Descrição dos encontros da oficina.

Nº do encontro	Data	Título	Sítios enfocados	Habilidades praticadas
1	08/06/17	O que é tecnologia?	<i>Listen and Write/Duolingo</i>	Escuta, fala, escrita e leitura
2	14/06/17	TIC	<i>EngVid/Sharedlingo</i>	Escuta, fala e leitura
3	22/06/17	CALL	<i>TED/Lyrics training</i>	Escuta, fala e escrita
4	29/06/17	Tecnologias e as influências na aprendizagem de LE	<i>Voscreen/Ello</i>	Escuta, fala, escrita e leitura

Fonte: elaborado pelo autor.

A seguir, cada encontro é descrito.

3.1.2.1 Primeiro encontro

O primeiro encontro teve o objetivo de apresentar aspectos teóricos sobre a historicidade da tecnologia, seu surgimento e sua evolução na sociedade, exemplificando instrumentos tecnológicos que surgiram desde a época dos homens das cavernas (como o machado de mão, usado para a caça), até o surgimento de instrumentos tecnológicos que conhecemos nos dias atuais (como o *smartphone*). Mostrou-se que a tecnologia permeia a vida humana, facilitando e aperfeiçoando o trabalho, executando tarefas específicas para a resolução de problemas.

Após a apresentação da parte teórica, o primeiro sítio apresentado foi *Listen and Write*⁴⁹. Sendo de acesso e cadastro gratuitos, este sítio é uma ferramenta de ditado para que aprendentes possam praticar por conta própria as habilidades de escuta e de escrita. Possui uma variedade de artigos com notícias que são atualizados diariamente. Uma das opções a ser utilizada neste sítio é principalmente o inglês americano, mas também há outras opções para vincular o conteúdo com o inglês britânico. O sítio oferece conteúdos e atividades em várias línguas, como inglês, francês, espanhol, alemão, português, japonês, russo, italiano, coreano, dentre outras.

Este sítio possui quatro modos principais de exercícios enquanto o áudio ou o vídeo estiver sendo executado: *full mode* (digitar palavras individualmente até completar a sentença); *quick mode* (digitar somente a primeira letra de cada palavra para completar a sentença); *blank mode* (preencher as lacunas em branco com o vocabulário) e *correction mode* (digitar uma sentença completa e depois confirmar se esta sentença foi escrita corretamente). Há diversos níveis de dificuldade, começando do nível 0, o mais fácil, até o nível 266, o mais difícil. Há dicas para palavras desconhecidas.

Após a apresentação do sítio, todos os participantes foram convidados a praticar utilizando três músicas, preparadas anteriormente. Cada música foi praticada em um nível de dificuldade específico (os níveis das músicas foram 5, 4 e 7, respectivamente). Os participantes tentaram escutar cada trecho das músicas com o propósito de preencher as lacunas em branco (*blank mode*), digitar uma frase completa da música (*full mode*) ou digitar somente a primeira letra de cada palavra de uma sentença (*quick mode*). A medida em que acertavam, os próximos trechos das músicas apareciam na tela.

⁴⁹ www.listen-and-write.com

O segundo sítio apresentado foi *Duolingo*⁵⁰. Disponível também como aplicativo, este sítio é de acesso e cadastro gratuitos e oferece atividades para a prática das habilidades de escuta, escrita e fala, sendo caracterizado pela oferta de lições fragmentadas, nas quais os usuários, ao repetir as estruturas apresentadas, fixam o conteúdo da língua estudada. As lições têm foco na escrita e no ditado, com menos ênfase na fala. Conforme o progresso do aprendente, ele vai trilhando uma “árvore de habilidades” que o leva progressivamente ao fim do curso, enquanto oferece constantemente a opção de voltar atrás para repetir o estudo de palavras e estruturas que possam ter sido esquecidas.

Trata-se de uma estrutura autodidata interativa, semelhante a um jogo *on-line*. Para falantes nativos da língua portuguesa são oferecidos cursos de inglês, francês, espanhol, alemão, italiano e esperanto. Enquanto o aprendente exercita, ganha “pontos de habilidades” ao aprender conceitos sobre a gramática estudada. As habilidades de escuta, fala e leitura são consideradas aprendidas quando este aprendente completa todas as lições associadas a cada uma delas.

Este sítio também inclui uma opção com um cronômetro. São dados 30 segundos para o usuário responder 20 questões. Se as questões forem feitas dentro do tempo, o usuário ganha 20 pontos. Os aprendentes começam com quatro "corações-bônus" nas primeiras lições e três nas lições posteriores. Cada vez que o usuário comete um erro, um coração é perdido. Um aprendente que perdeu todos os corações durante a lição deve recomeçá-la.

Em cada lição pode-se encontrar escrita e pronúncia de palavras ou frases como ouvidas em uma gravação de áudio em inglês, ora apresentados na língua a ser aprendida, ora na língua nativa do aprendente; tradução de palavras e frases, por extenso ou em formato de múltipla escolha e aprendizagem de palavras novas por meio de uma imagem ou de uma indicação em um texto para traduzir.

Após a apresentação do sítio, todos os participantes praticaram uma atividade sobre *prepositions*. De quatro lições deste assunto, eles praticaram a lição de número um, que apresentava as preposições da língua inglesa *from, in, on, at, of, between* e *by*. O propósito desta atividade era ler o conteúdo teórico e depois passar para os exercícios, que continham tarefas de pronúncia, de escrita, de tradução do inglês para o português e vice-versa.

⁵⁰ www.duolingo.com

3.1.2.2 Segundo encontro

O segundo encontro teve o objetivo de apresentar aspectos teóricos sobre a definição de Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto educacional para uma melhor assimilação no processo de aprendizagem de vários conteúdos. Foram apresentados como alguns instrumentos tecnológicos (computador, *tablet*, *smartphone*, *Internet* etc.) e como eles podem ser trabalhados em sala de aula por professores como ferramentas facilitadoras no processo de aprendizagem e foram dados alguns exemplos de como instituições se comportam diante de tais tecnologias. Além disso, houve uma explicação de como as TIC podem melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem de línguas, focando no desenvolvimento expressivo de aprendentes de línguas no que diz respeito as suas competências linguísticas em contextos reais de uso da língua na sociedade.

Após a apresentação da parte teórica, o primeiro sítio apresentado foi *EngVid*⁵¹. Sendo de acesso e cadastro gratuitos, trabalha a habilidade de escuta através de vídeo aulas com professores canadenses e britânicos que ensinam a língua inglesa com vários conteúdos e assuntos, disponíveis nos níveis básico, intermediário e avançado. Estes professores apresentam diferentes tópicos como compreensão, cultura, expressões, gramática, pronúncia, conversação, vocabulário, escrita etc.

Além das vídeo aulas, o sítio oferece exercícios em materiais próprios e qualquer pessoa pode baixá-los na aba *resources*. Dentre esses exercícios, pode-se encontrar lições de gramática, cultura, soletração etc. As vídeo aulas também podem ser acessadas por canal específico da mesma plataforma postado no sítio *Youtube*.

Logo após a apresentação do sítio, todos os participantes da oficina foram convidados a praticar a pronúncia do inglês por meio de um vídeo de onze minutos, intitulado *Pronunciation – words ending in S*. O vídeo era apresentado pela professora Emma para iniciantes, mostrando três colunas das formas fonéticas pronunciadas a partir do “S” no plural de substantivos (/s/, /z/ e /ðz/). As palavras mostradas foram *cats*, *dogs*, *horses*, *its*, *loves*, *likes*, *laughs*, *dishes*, *knows*, *owns*, *sports*, *surprises* e *it's*. Havia três colunas, cada uma possuía o som fonético representativo do “S”. O vídeo era pausado após cada palavra e os participantes tinham que identificar a coluna para cada palavra.

O segundo sítio apresentado foi *Sharedlingo*⁵². Sendo de acesso e cadastro gratuitos, possui uma plataforma de *chats* de treino de conversação em conversas reais com falantes

⁵¹ www.engvid.com

⁵² www.sharedlingo.com

nativos de várias línguas estrangeiras. O método *Language Exchange* é indicado para aprendentes da língua alvo que tenham interesse de praticar com pessoas fluentes da língua.

O sítio apresenta uma lista membros *on-line* de várias partes do mundo. Estes aprendentes aparecem na tela com seus perfis que mostram a sua língua nativa e a língua que desejam aprender. Eles podem ser convidados para um bate-papo. Para começar a interagir com essas pessoas, primeiro deve-se fazer o cadastro no sítio, informando dados pessoais. Depois se envia um convite para a pessoa escolhida e esta pessoa pode aceitar ou não. Durante o bate-papo, ambos podem usar um microfone para conversas em tempo real (caso ambos o tenham) ou somente conversar via bate-papo digitado pelo computador.

Além dos bate-papos, o sítio disponibiliza jogos linguísticos nos quais o aprendente pode criar salas virtuais específicas para elaborar exercícios em formato lúdico e convidar outros aprendentes para participar. Um dos exemplos mais comuns de jogos nessas salas é o de explicar o significado de uma palavra ou sentença exposta pelo criador da sala. Todos os participantes devem tentar acertar o seu significado, conversando com todos ao mesmo tempo e ganhando pontuações individuais, mostradas no canto da tela da janela de bate-papo.

Logo após a apresentação do sítio, pretendeu-se praticar com todos os participantes da oficina, porém, neste momento a conexão com a *Internet* falhou. Sendo assim, o ministrante-pesquisador apresentou as atividades do sítio por meio de *slides*, com *prints*, indicando as opções e suas funções, sempre acompanhadas por explicações. Os participantes mostraram-se interessados e fizeram perguntas a respeito deste sítio.

3.1.2.3 Terceiro encontro

O terceiro encontro teve o objetivo de apresentar aspectos teóricos sobre Aprendizagem de Língua Mediada por Computador, discutindo definições e sua influência na aprendizagem de LE. Explanou-se como esta área tem sido introduzida em instituições de ensino como ferramenta tecnológica complementar, o que pode proporcionar o desenvolvimento das habilidades linguísticas de várias maneiras.

Em seguida, mostrou-se a história do CALL em três fases: CALL behaviorista, CALL comunicativo e CALL integrativo. Foram apresentadas as características de cada fase na aprendizagem de línguas e mostrados exemplos de como eram os exercícios de cada época.

Após a apresentação da parte teórica, o primeiro sítio apresentado foi *TED*⁵³. Disponível também como aplicativo e sendo um sítio de acesso e cadastro gratuitos, o acrônimo *TED* significa “Tecnologia, Entretenimento, Design” em português e é um sítio que possui um conjunto de conferências na forma de pequenas falas, realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas. O sítio não tem fins lucrativos e é destinado à disseminação de várias ideias e assuntos. Como o próprio sítio divulga, “ideias que merecem ser compartilhadas”. Suas apresentações são limitadas a dezoito minutos, e os vídeos são amplamente divulgados na *Internet*. Pode-se acompanhar cada vídeo com legendas em várias línguas, criadas pelos usuários do sítio. Os usuários podem baixar os vídeos em formato MP4 com ou sem legendas ou podem baixar somente o áudio da apresentação no formato MP3. Este sítio pode ser usado para a aprendizagem de compreensão oral da língua inglesa.

Logo após a apresentação do sítio, todos os participantes da oficina foram convidados a praticar a compreensão oral através de um vídeo com legenda em inglês, intitulado *Your brain on video games*⁵⁴, apresentado pela professora Daphne Bavelier, da Universidade de Genebra, na Suíça. O vídeo discutia, por meio de tabus, a apresentação de estudos e experimentos de como os jogos, mesmo os de tiro e de ação, podem ajudar pessoas a aprender, focar atenção, executar multitarefas e até melhorar a miopia de pessoas. Depois disso, os participantes puderam discutir o assunto, mostrando seu entendimento suas opiniões a respeito do tema.

O segundo sítio apresentado foi *Lyrics Training*⁵⁵. Disponível também como aplicativo e sendo um sítio de acesso e cadastro gratuitos, é uma maneira fácil e divertida de aprender e melhorar as habilidades de escrita, leitura e compreensão oral da língua alvo por meio de vídeos e letras de músicas de cantores e bandas conhecidas. *Lyrics Training* possui quatro níveis de dificuldades: iniciante, intermediário, avançado e especialista, sendo que cada vídeo pode ter as opções de modos *writing* (o usuário deve preencher as lacunas em branco com as palavras certas enquanto o vídeo está tocando) e *choice* (o usuário deve escolher, a partir de uma lista de palavras mostradas em uma coluna do lado direito do vídeo, a correta para preencher a lacuna). A medida em que o usuário vai preenchendo as lacunas, vai ganhando pontos cumulativos, mostrando seu progresso com a quantidade de falhas e acertos que está alcançando. O sítio também possui um modo especial de *karaoke* que permite

⁵³ www.ted.com

⁵⁴ www.ted.com/talks/daphne_bavelier_your_brain_on_video_games

⁵⁵ www.lyricstraining.com

que usuários cantem e apreciem as letras completas, praticando, assim, a habilidade de *speaking*.

O sítio ajuda aprendentes de LE a internalizar novas palavras, expressões e reforçar conceitos de gramática. Além disso, o sítio possibilita a prática de escuta para melhorar a capacidade de reconhecer sons e palavras de uma língua estrangeira em um curto período de tempo, quase inconscientemente.

Logo após a apresentação do sítio, todos os participantes da oficina foram convidados a praticar com três vídeos, sendo um escolhido por mim no nível iniciante e no modo *writing* (*Mariah Carey - Hero*) e outros dois escolhidos pelos participantes da oficina, nos níveis intermediário e avançado, respectivamente, no modo *choice* (*Ed Sheeran - Shape of You / Bruno Mars - When I Was Your Man*). Todos participaram, dando sugestões de palavras para o preenchimento das lacunas em branco, enquanto cantavam as músicas com as letras mostradas. Se não entendiam, podiam voltar para a mesma sentença e escutá-la novamente.

3.1.2.4 Quarto encontro

O quarto encontro teve o objetivo de apresentar aspectos teóricos sobre tecnologias e as influências na aprendizagem de LE. Algumas pesquisas na área foram brevemente descritas, apresentando importantes ferramentas pedagógicas. Aprendentes de LE vivenciam contextos de aprendizagem diversos e especialmente contextos tecnológicos, com computadores com acesso à *Internet*, livros eletrônicos e aplicativos de celular. Por este motivo que algumas das consequências das tecnologias para a aprendizagem de alunos em LE podem ser o desenvolvimento da autonomia, da motivação, a troca de experiências com comunidades da língua alvo, dentre outros.

Após a apresentação da parte teórica, o primeiro sítio apresentado foi *Voscreen*⁵⁶. Disponível também como aplicativo e sendo de acesso e cadastro gratuitos, este sítio é indicado para o desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita da língua inglesa por meio de pequenos trechos de filmes, músicas e desenhos. O sistema do sítio possibilita o acúmulo de pontos de acertos e de erros das atividades feitas e, quando o aprendente escolhe a opção sem legenda, ganha mais pontos acertando do que se escolhesse a opção com legenda.

⁵⁶ www.voscreen.com

Os aprendentes podem praticar estes vídeos selecionando um dos três níveis de dificuldade por meio de desenhos animados, representados pelas cores *Red* (iniciante), *Yellow* (intermediário) e *Green* (avançado). Também podem ser selecionados trechos de filmes e músicas (iniciante, elementar, intermediário, superior e avançado), por meio da seleção do número de palavras que os vídeos contém (de 1 a 3; de 4 a 6; de 7 a 9; de 10 a 12 e de 13 ou mais) e da seleção de assunto por estrutura da língua, como falas contendo estruturas de *to be*, *will*, *can*, *Present Simple*, *Past Simple* etc. Depois de escolhidos o nível e o assunto do vídeo, os trechos dos vídeos são apresentados aleatoriamente em falas em inglês e o aprendente deve escolher entre duas opções, com ou sem legenda. Depois de ver e ouvir, o aprendente seleciona a opção que melhor descreve o que foi dito na fala assistida. Estes trechos podem ser apresentados e escolhidos em inglês, espanhol, francês, chinês, português, russo, italiano, dentre outros idiomas.

Para o momento de prática, primeiro os participantes foram convidados a escolher um nível adequado e os assuntos que os vídeos deveriam apresentar. Estes vídeos foram apresentados aleatoriamente e os participantes da oficina deviam escolher uma entre duas opções apresentadas e selecionar a que melhor representava o sentido das falas. Ainda podiam selecionar os trechos com legendas (ganhavam menos pontuação) e podiam selecionar trechos sem legendas (ganhavam mais pontuação).

O segundo sítio apresentado foi *Ello*⁵⁷. Sendo um sítio de acesso gratuito, não é necessário cadastro e qualquer usuário pode visitá-lo para aproveitar seus recursos. Este sítio é indicado para o desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e leitura, apresentando áudios e vídeos postados a fim de compartilhar assuntos diversos da língua inglesa, ajudando aprendentes e professores a terem acesso à materiais de escuta *on-line* gratuitos.

Os áudios e vídeos são apresentados por falantes da língua de várias partes do mundo, discutindo vários tópicos. Os aprendentes podem escutar estes áudios escolhendo níveis de dificuldades diferentes (iniciante, iniciante avançado, intermediário inferior, intermediário médio, intermediário avançado e avançado). O sítio oferece a leitura das falas por meio de legendas, aprendizagem de estruturas ou de palavras dos áudios apresentados e exercício por meio de *quizes* com perguntas e respostas. Ao final destes passos, é possível verificar acertos e erros dos *quizes* e, se for desejado, reiniciar o exercício e verificar o gabarito das respostas.

⁵⁷ www.ello.org

Para o momento de prática, os participantes foram convidados a se engajarem em três exercícios de áudios: no nível iniciante (assunto *When do you wake up?*, o qual apresentava duas pessoas falando sobre sua rotina diária), iniciante avançado (assunto *What can you do?*, o qual apresentava duas pessoas falando sobre o que eles podiam fazer, como cozinhar, e o que eles não sabiam fazer muito bem) e intermediário inferior (assunto *Missing home*, o qual apresentava duas pessoas falando sobre o que elas sentiam falta de seus países, uma vez que eram originários da Venezuela e da Inglaterra). O propósito das atividades foi de escutar os áudios e responder aos *quizes*, sendo que todos os participantes falavam as possíveis respostas para cada áudio e se ajudavam nos casos de dúvidas.

A seguir apresentamos os participantes da pesquisa.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa “são aqueles que geram informações que, de alguma forma, serão usadas pelos pesquisadores” (COSTA; COSTA, 2015).

A oficina foi direcionada para alunos do curso de licenciatura em língua inglesa da FALEM e do curso de inglês dos CLLE. No total, inscreveram-se 22 interessados, até mesmo três alunas do curso de licenciatura em língua francesa, mesmo não sendo a oficina direcionada para elas. Além disso, inscreveram-se uma aluna já graduada e outra de pós-graduação. Para os propósitos desta pesquisa, foram selecionados somente os inscritos que estavam cursando licenciatura em língua inglesa da graduação, uma vez que não houve inscrição de alunos de inglês dos CLLE.

Nem todos os inscritos compareceram nos encontros da oficina e o critério de frequência em todas as sessões não teve relevância nesta pesquisa. Os pseudônimos dos participantes foram autoatribuídos (ver apêndice A).

Abaixo segue o quadro com a descrição da frequência dos participantes em cada encontro da oficina:

Quadro 6 - Frequência dos participantes por encontros.

Participante	08/06/17	14/06/17	22/06/17	29/06/17
Alex	X	X	X	X
Ana Karolyne	X			
Daniel	X	X	X	X
Erick		X	X	X
Jane		X	X	X
Junior	X			X
Liz	X			
Lou	X	X	X	X
Luna Sophi	X		X	X
Mary		X	X	X
Noely	X			
R.Limma		X	X	X

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 6 acima, os participantes Ana Karolyne, Liz e Noely tiveram presença somente no primeiro encontro da oficina, não comparecendo mais nos outros encontros. Além disso, somente a participante Liz contribuiu com as discussões no primeiro encontro, sendo que tanto esta quanto Ana Karolyne e Noely não participaram dos questionários de pesquisa deste trabalho. O autor desta dissertação foi o ministrante-pesquisador desta oficina, na qual pôde compartilhar seus conhecimentos e experiências com o uso de tecnologias para o ensino e aprendizagem de línguas.

A seguir, apresentamos os instrumentos e procedimentos de coleta de dados que foram utilizados nesta pesquisa.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A pesquisa foi feita com base em três instrumentos de pesquisa: observação durante a oficina, caderno de notas e questionário de pesquisa *on-line*.

O primeiro instrumento utilizado foi a observação. A observação em campo é a percepção em que o observador tem sobre o objeto de estudo. O pesquisador tem o propósito de coletar dados a partir do fenômeno implicado para que possa ser estudado em diferentes dimensões (COSTA; COSTA, 2015). Para esta pesquisa, utilizou-se a observação simples, pois, de acordo com Costa e Costa (2015, p. 53), ela ocorre “quando o observador está inserido na realidade estudada, mas não segue nenhum roteiro de observação”. A observação se deu por meio das conversas realizadas em cada encontro da oficina, pela qual o

ministrante-pesquisador teve a percepção de diversas argumentações, opiniões, preferências e dúvidas dos participantes sobre o uso das tecnologias para o ensino e aprendizagem de LE.

O segundo instrumento utilizado foi um caderno de notas que contém as anotações feitas no computador. Segundo Rocha e Eckert (2008, p. 15), é nas anotações que o pesquisador “costuma registrar dados, gráficos, anotações que resultam do convívio participante e da observação atenta do universo social onde está inserido e que pretende investigar”. Como as anotações não puderam ser feitas durante a execução da oficina, elas foram escritas ao final de cada encontro.

O terceiro instrumento utilizado foi o questionário de pesquisa *on-line* (ver apêndices B, C e D). O questionário de pesquisa “é um instrumento de coleta de dados, aplicado quando se quer atingir um grande número de indivíduos” (COSTA; COSTA, 2015). Estes questionários continham perguntas abertas e perguntas fechadas, com a finalidade de coletar dados pertinentes à pesquisa, identificando como os participantes lidavam com as tecnologias, as preferências de uso de sítios mediados pela *Internet* e de que modo esses sítios influenciavam na sua aprendizagem da língua. Na oportunidade de coleta dos dados por meio de questionários, os participantes da oficina leram e assinaram antes o Termo de Consentimento de Participação de Pesquisa (ver apêndice A), por meio do qual tomaram ciência do objetivo da pesquisa e concordaram em participar, autorizando a publicação dos dados por eles apresentados.

Seis questionários de pesquisa foram disponibilizados, todos criados na plataforma *Google* Formulários e enviados aos participantes por meio de seus *e-mails*. As datas de envio, quantos responderam e os objetivos dos questionários estão descritos no seguinte quadro abaixo:

Quadro 7 – Datas de envio, responsividade e objetivos dos questionários.

Nº do questionário	Data de envio	Responsividade	Objetivo do questionário
1	08/06/17	9	Identificar a frequência dos participantes da oficina nas atividades desenvolvidas pela BA ³ , assim como os tipos de atividades que são mais atraentes neste centro e de que forma elas ajudam na aprendizagem da língua inglesa. Buscou-se conhecer se os participantes utilizavam sítios de aprendizagem da língua inglesa por conta própria, descrevendo as habilidades linguísticas que cada sítio disponibilizava para a prática e de que maneira eles influenciavam na sua própria aprendizagem.
2	13/06/17	5	Saber se os participantes da oficina utilizaram os sítios apresentados nos encontros, descrevendo o que mais gostaram e o que menos gostaram de cada um. Buscou-se saber se estes sítios puderam ajudá-los de alguma forma na sua aprendizagem da língua inglesa.
3	21/06/17	6	
4	28/06/17	6	
5	05/07/17	6	
6	03/08/17	5	Identificar os principais motivos de utilização de todos os sítios apresentados durante a oficina e de que forma eles facilitaram a aprendizagem de língua inglesa. Descobrir se buscaram outros sítios e que outros tipos de ferramentas tecnológicas eles poderiam indicar para a BA ³ disponibilizar para a aprendizagem de língua inglesa dos usuários.

Fonte: elaborado pelo autor.

O primeiro questionário (ver apêndice B) foi enviado um dia após o primeiro encontro da oficina. Este questionário foi diferenciado para a obtenção de dados prévios sobre a caracterização dos participantes a respeito da BA³ e que conhecimentos obtinham a respeito de sítios. A partir do segundo ao quinto questionário (ver apêndice C), eles foram enviados um dia antes de cada encontro. Estes questionários continham perguntas iguais e buscavam respostas diversas para a obtenção de dados a respeito de preferências e forma como os sítios apresentados os ajudaram na aprendizagem da língua inglesa. O sexto questionário (ver apêndice D) foi enviado um mês depois do término da oficina e almejou a obtenção de dados gerais, explorando motivos de usos dos sítios, indícios de autonomia e influências para o ensino e aprendizagem da língua inglesa.

Uma vez descritos os instrumentos de pesquisa utilizados neste trabalho, apresentamos na próxima subseção os procedimentos de análise dos dados.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

O caderno de notas, com os relatos de cada encontro da oficina, foi lido diversas vezes. Por meio destas leituras, identifiquei quem eram os participantes deste estudo (se estudante, se professor ou se ambos) e verifiquei suas opiniões e experiências quanto ao conhecimento de sítios *on-line* de aprendizagem de língua inglesa. Além disso, pude ter as primeiras percepções se os participantes agiam de forma autônoma no tocante ao uso destas tecnologias, os motivos para escolhê-las e as habilidades linguísticas preferidas tanto para praticar quanto para ensinar usando a tecnologia. Sistematizei os dados descrevendo os relatos, que foram separados por dia de cada encontro da oficina, retomando a base teórica discutida neste estudo.

As respostas dos questionários *on-line* foram lidas diversas vezes e separadamente por participante. Para uma melhor compreensão dos dados coletados, dispus as respostas em gráficos e quadros, descrevendo-as para poder comparar as respostas dos diferentes participantes. Logo em seguida, procurei perceber o que havia de comum e o que havia de diferente nas respostas dos participantes, identificando a participação deles nas atividades do CAA, que tipos de atividades promovidas neste centro eram mais atraentes para eles, quais sítios de aprendizagem de línguas eles já utilizavam por conta própria e quais os motivos para que eles usassem estes sítios para aprender a língua inglesa. Ademais, após cada encontro da oficina ministrada, pude obter respostas dos participantes a fim de saber se eles utilizaram os sítios apresentados no encontro anterior e, quando não o fizeram, verifiquei os motivos para tal comportamento. Por fim, pude compreender de que forma os sítios apresentados por meio da oficina influenciaram na aprendizagem da língua inglesa dos participantes, além de identificar o que mais gostaram e o menos gostaram de cada sítio apresentado.

A análise dos dados de pesquisa permitiu a comparação e a ligação com a fundamentação teórica deste estudo. Na próxima subseção, reunimos tanto os dados da observação quanto os dados dos questionários a fim de responder as perguntas de pesquisa, chegando à conclusão deste estudo.

SEÇÃO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção apresenta-se a análise dos dados coletados nesta pesquisa. Na primeira subseção descrevemos os dados das observações feitas durante a oficina advindas das observações e da consulta ao caderno de notas. Em seguida, apresentamos a subseção que descrevo os dados oriundos dos questionários respondidos *on-line*.

4.1 DADOS DAS OBSERVAÇÕES

No primeiro encontro da oficina (08/06/17), quando mostrei na apresentação a pergunta “O que é tecnologia?”, tive o propósito de saber se os participantes saberiam dizer o que seria. Todos foram convidados a responder e os que aceitaram falar explicaram suas concepções sobre o assunto e pude perceber que eles as enxergam como ferramentas presentes na atualidade para facilitar algum trabalho na vida das pessoas. Um participante comentou que seriam ferramentas tecnológicas existentes na vida humana não somente na atualidade, mas também que existem há muitos anos e que servem para facilitar o trabalho das pessoas.

Por mais que somente um participante tenha respondido ao questionamento feito por mim neste momento, foi interessante perceber como este falou sobre este conceito semelhante ao que Veraszto et al. (2008) diz, quando fala sobre o conceito de tecnologia, que é “saber fazer”. Chagas et. al (2008) e Karasinski (2013) ainda justificam este conceito dizendo que a tecnologia é o uso da técnica e de um conhecimento adquirido que pode solucionar um problema na execução de uma tarefa específica. Estas ferramentas existem não somente na atualidade e no meio tecnológico, mas também foram ferramentas que facilitaram o trabalho com a arte, o trabalho com a técnica e que surgiram desde quando o homem precisou se alimentar e se comunicar há milhares de anos atrás. Portanto, a impressão que obtive com esta resposta foi de que a palavra “tecnologia” não é somente um conceito geral visto como aparelhos modernos da atualidade, mas que pude confirmar que existem pessoas que sabem o seu real significado e que ela não apareceu de uns anos para cá, mas que existe há milhares de anos e que algumas pessoas sabem sim como ela surgiu. Esse conhecimento do participante em saber sua definição talvez seja de seu interesse em estudar esta área e como ela pode influenciar o ensino e aprendizagem de línguas.

Quando comecei a apresentação dos sítios deste encontro, perguntei em primeira instância se os participantes conheciam o sítio *Listen and Write*. Todos responderam que não,

que nunca haviam ouvido falar. Sendo assim, apenas continuei explicando e descrevendo os recursos que o sítio apresentava. Já para o segundo sítio apresentado, *Duolingo*, perguntei se eles o conheciam e 10 participantes responderam que sim. Eles explicaram que este sítio possui *layout* agradável, se apresenta atrativo, é bonito e é indicado para aprendentes iniciantes da língua alvo. Também disseram que apresenta opções bem organizadas e o que chama atenção é o estilo de aprendizagem da LE por meio de jogos, pontuações e conquistas a serem alcançadas. Sobre as explicações das desvantagens do sítio, eles explicaram que o sítio apresenta exercícios repetitivos e estruturalistas e quase todos são semelhantes no tocante à prática das habilidades linguísticas. Por este motivo que um dos participantes argumentou que o sítio é indicado para aprendentes de inglês dos níveis iniciantes, pois ele apresenta uma metodologia muito estruturalista da língua e não há interação, sendo focado em gramática e repetição de sentenças.

Assim, pude concordar com esta opinião sobre o sítio *Duolingo*, pois percebemos que ele é limitado por apresentar exercícios estruturalistas da língua, o que não é indicado para alunos desenvolverem as quatro habilidades linguísticas. Por outro lado, o sítio é bastante aceito e conhecido por muitos por apresentar uma interface atrativa e exercícios dinâmicos em forma de jogos, o que chama atenção destes usuários e pode ser indicado para aqueles aprendentes que estão iniciando os estudos na LE. Continuei argumentando que eles poderiam praticar com este sítio e que, principalmente para aqueles que já atuavam como professores, poderiam indicar para seus alunos iniciantes da língua na sala de aula, mas que aconselhassem que eles complementassem a aprendizagem por meio de outros recursos, pois, em minha opinião, o sítio por si só não é suficiente para uma aprendizagem eficaz. Na sequência, os participantes praticaram as atividades dos dois sítios apresentados a fim de informar estes de como eles funcionavam e que atividades continham, estimulando os participantes a utilizarem em outros momentos depois deste encontro.

No segundo encontro da oficina (14/06/17), iniciei o encontro perguntando se eles haviam utilizado os sítios apresentados no último encontro em casa ou em outro local e que percepções tiveram sobre eles. Argumentaram que, mesmo que somente alguns tenham manuseado o sítio *Listen and Write* e por pouco tempo, não era muito divulgado e não possuía um *layout* agradável, pois a pessoa se perdia no meio de tantos anúncios de propagandas, não sabendo quais são de fato as opções do sítio. Por outro lado, disseram que as atividades são interessantes e que poderiam trabalhar nelas outras vezes com as diferentes habilidades linguísticas. A respeito do segundo sítio *Duolingo*, argumentaram que utilizariam mais por ser mais conhecido entre aprendentes de língua inglesa, por apresentar um *layout* mais atraente,

por ser de fácil acesso na escolha das opções das habilidades linguísticas que mais precisam praticar.

Portanto, a minha percepção quanto à apresentação dos sítios do primeiro encontro foi de que os participantes gostam de sítios que sejam atraentes em *layout*, sejam de fácil acesso, com opções separadas das propagandas e que ofereçam atividades que trabalhem o léxico, a gramática e a compreensão oral. Além disso, tive a percepção de que houve um grau de autonomia apresentado pelos participantes depois do primeiro encontro da oficina, pois argumentaram que puderam manusear os sítios por conta própria em outro momento⁵⁸.

Depois disso, continuei o assunto do segundo encontro. Iniciei perguntando se eles já tinham ouvido falar sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação para a aprendizagem de línguas. Assim, pude perceber que a maioria dos participantes já havia ouvido falar sobre as TIC, mas que não souberam explicar o que realmente eram, assim como seu conceito, sua função e seus usos no ensino e aprendizagem de línguas. Neste sentido, tive a oportunidade de explicar este conteúdo de uma forma objetiva para um bom entendimento.

Durante esta parte teórica, um participante argumentou que professores deveriam saber utilizar as TIC nas salas de aulas porque elas facilitam o processo de aprendizagem do aluno de forma prazerosa, pois hoje em dia os alunos estão inseridos no meio virtual e que o professor poderia aproveitar este conhecimento deles para a própria aprendizagem. Em seguida, outro participante comentou que mesmo que os alunos gostassem de trabalhar a língua na *Internet*, ainda assim existem muitos professores tradicionais que não gostam de utilizar as TIC na sala de aula, talvez por desconhecer estas ferramentas. Com estas argumentações, podemos notar que os dois participantes acham importante a utilização das TIC no contexto educacional e que a aprendizagem da língua se torna prazerosa por meio delas. Lopes (2011) concorda que estas ferramentas são excelentes para a aprendizagem no contexto educacional, pois elas podem promover tanto uma interação e quanto uma comunicação diferenciada. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) também concordam que estas ferramentas podem estimular possibilidades de ensino, de aprendizagem, de comunicação e de informação diversas.

Em se tratando da opinião do participante a respeito de professores tradicionais que não utilizam estas ferramentas nas salas de aulas, acreditamos que sim, ainda existem aqueles professores resistentes a sua utilização ou desconhecem tais ferramentas. Portanto, percebemos aqui um relato que nos remete a Prensky (2010) e Araújo (2017), que dizem

⁵⁸ Os dados sobre as percepções de autonomia e os motivos de usos dos sítios também serão tratados na subseção da análise dos dados dos questionários.

sobre os nativos digitais e os imigrantes digitais: os aprendentes gostariam que seus professores utilizassem as TIC em suas práticas pedagógicas, pois eles já nasceram no período das tecnologias modernas e fazem uso delas constantemente no dia a dia. Já o professor tradicional é dito como imigrante por ainda está se adequando a estes conhecimentos sobre as ferramentas tecnológicas e seus usos na sala de aula. Em ambos os casos, acreditamos que todos podem fazer uso das funcionalidades das TIC na sala de aula como uma “via de mão dupla”, compartilhando e ajudando, uns aos outros, conhecimentos tais como estratégias de usos, como funcionam, para que servem e como podem ser utilizadas de forma consciente e reflexiva. Assim, tenta-se construir um ambiente prazeroso, motivador e interessante, tanto para o ensino quanto para a aprendizagem de uma LE.

Quando comecei a apresentação dos sítios deste encontro, perguntei se os participantes conheciam o sítio *EngVid*, deixando que eles falassem a vontade. Somente quatro participantes disseram que sim e que o sítio era composto por uma equipe de professores britânicos que falavam de vários assuntos. Assim, percebi que eles sabiam que o referido sítio continha vídeo aulas para a aprendizagem da língua inglesa por meio de vários assuntos, mas que ainda assim desconheciam as outras funções do mesmo, como leitura de assuntos da estrutura da língua inglesa, *download* destes conteúdos e exercícios em formato de *quiz*. Assim, continuei apresentando estas e outras funções que o sítio continha para a aprendizagem de inglês. Já para o segundo sítio apresentado, *Sharedlingo*, perguntei se os participantes o conheciam e todos responderam que não. Sendo assim, apenas continuei explicando os recursos que o sítio apresentava para a prática da língua inglesa. Na sequência, os participantes praticaram as atividades dos dois sítios apresentados a fim de informar estes de como eles funcionavam e que atividades continham, estimulando os participantes a utilizarem em outros momentos depois deste encontro.

No terceiro encontro da oficina (22/06/17), iniciei a oficina perguntando se eles haviam utilizado os sítios apresentados no último encontro em casa ou em outro local e que percepções tiveram sobre eles. Um dos participantes comentou que já utilizava o sítio *EngVid*, mas não no próprio sítio, e sim através do canal do sítio *Youtube*. Já a respeito do segundo sítio, um dos participantes alegou que ele parou de funcionar dias depois do segundo encontro da oficina e que foi postado em outro servidor para o seu funcionamento. Assim, a minha percepção quanto à apresentação dos sítios do segundo encontro foi de que a minoria utilizou os sítios apresentados durante a semana e que houve uma percepção de autonomia por parte deles em utilizar tais sítios mesmo antes da apresentação dos mesmos. Mesmo que um dos participantes não utilizava o sítio *EngVid* pelo seu endereço, ele o utilizava por meio de outro

sítio (*Youtube*), talvez por ter preferência pelo acesso mais facilitado aos conteúdos do mesmo. O motivo desta preferência de uso do sítio *EngVid* não foi explorado neste momento da observação, mas que talvez tenhamos dados que explique este motivo na análise dos resultados dos questionários *on-line* mais adiante. Não houve tantos argumentos sobre eles como os apresentados no primeiro encontro.

Depois disso, continuei o assunto teórico do terceiro encontro. Os participantes não demonstraram conhecer a área da CALL e que funcionalidades ela apresenta no ensino e aprendizagem de línguas. Portanto, continuei abordando o tema para um bom entendimento. Enquanto estava explicando este assunto, eu fazia pequenas pausas e fazia perguntas aos participantes para saber se eles gostariam de perguntar ou falar alguma coisa a respeito deste assunto, mas percebi que eles não demonstraram interesse em fazer quaisquer comentários. Talvez o interesse dos participantes estivesse em conhecer os novos sítios que seriam apresentados neste encontro.

Quando comecei a apresentação dos sítios deste encontro, perguntei se os participantes conheciam o sítio *TED*. Sete participantes disseram que sim, que já o conhecia e comentaram dizendo que era um sítio bem conhecido de vídeos em inglês que tratava de vários assuntos. Portanto, percebi que a maioria o conhecia e que o utilizava. Porém, ainda assim não sabiam todas as funcionalidades do sítio. Já para o segundo sítio apresentado, *Lyrics training*, perguntei se os participantes o conheciam e a maioria respondeu que sim. Dois participantes disseram que o conhecia e comentaram que adoravam fazer atividades neste sítio porque apresentava uma interface amigável e de fácil manuseio, além de poder trabalhar a compreensão oral e o léxico de maneira divertida por meio de suas músicas preferidas. Assim, aqueles que já são professores preferem compartilhar este sítio para seus alunos na sala de aula, pois argumentaram que muitos gostam de aprender inglês por meio de músicas. Portanto, percebi aqui mais uma vez que os participantes apresentaram um grau de autonomia na aprendizagem da língua inglesa em relação a utilização destes dois sítios, pois a partir da interface apresentada por eles e pela possibilidade de praticar a língua por meio de músicas, isso os chama atenção e desenvolve interesse neles, estimulando estes aprendentes a terem atitudes, desejos e estilos de aprendizagem próprios, assim como argumentado por Paiva (2006, p. 88-99). Uma vez que estes aprendentes percebem que a aprendizagem da língua pode ocorrer por meio destes sítios e de maneira diferente do que ocorre dentro da sala de aula, eles acabam os recomendando para seus colegas e para seus alunos.

Na sequência, os participantes praticaram as atividades dos dois sítios apresentados que foram elaborados pelo ministrante-pesquisador deste trabalho a fim de informar como

eles funcionavam e que atividades continham, estimulando-os a utilizarem em outros momentos depois deste encontro.

No quarto encontro da oficina (29/06/17), iniciei perguntando se os participantes haviam utilizado os sítios apresentados no terceiro encontro em casa ou em outro local e que percepções tiveram sobre eles. Alguns participantes disseram que utilizaram e gostaram de trabalhar as habilidades da língua inglesa neles, principalmente no sítio *Lyrics training*, pois ele oferece a possibilidade de praticar a escrita, a compreensão oral, a leitura e ainda cantar em inglês por meio da opção *karaokê* no próprio sítio, com auxílio de um microfone. Percebi que os participantes não falaram tanto sobre o sítio *TED*. Talvez por este sítio não ser interativo ou por ser semelhante a outros como o *Youtube* em que há somente vídeos para a prática da compreensão oral, além de talvez ficar desinteressante depois do usuário assistir alguns vídeos e estes ficarem desmotivados, apesar de abrigar assuntos diversos e chamar atenção de alguns para a sua utilização.

Depois disso, continuei o assunto teórico do quarto encontro. Primeiro comecei perguntando que concepções eles teriam sobre as influências que as tecnologias poderiam ocasionar na aprendizagem de LE. Os participantes demonstraram interesse sobre este assunto: um deles comentou que, além de possibilitar vários recursos no meio virtual, eles estimulam a autonomia para aprender a língua por conta própria, sem a necessidade da intervenção de um professor. Outro participante complementou dizendo que as tecnologias também desenvolvem a aprendizagem da língua fora do contexto da sala de aula e fazem o aluno se tornar autônomo naquilo que ele mesmo deseja aprender por meio da *Internet*. Aqui percebemos dois relatos interessantes sobre a percepção dos participantes de como as tecnologias podem desenvolver a autonomia de um aprendente de línguas. Assim, como citado por Cooker (2013, p. 30), esta manifestação de autonomia, relatado pelos participantes desta oficina, não é desenvolvida de modo determinada e fixa, mas ela se apresenta flexível e variada de acordo com o interesse, objetivo, fatores e vontades de um indivíduo. Portanto, percebemos que os participantes desta oficina possuem esta percepção de que as TIC no meio educacional favorecem o estímulo e desenvolvimento desta autonomia, uma vez que, não somente como aprendentes da língua inglesa, mas também como professores de língua inglesa, que já atuam nesta área, possuem esta percepção de que dependendo da maneira ou como os ambientes virtuais autênticos são apresentados a eles, com seus conteúdos, sua organização, suas opções, suas funcionalidades etc., podem favorecer esta aprendizagem. Mas não basta somente conhecer estes ambientes autênticos, mas os aprendentes de LE devem ter consciência sobre sua própria aprendizagem, sobre as suas dificuldades, sobre seus interesses,

de como gosta de aprender e, mais importante, que atitudes ele faz para sanar estas dificuldades e como esta atitude pode favorecer um maior controle e reflexão sobre aquilo que está aprendendo. Assim como Franco (2013) argumenta, ser autônomo não quer dizer estudar por conta própria ou apresentar atitudes de autoinstrução, mas que decisões o aprendiz faz a partir de sua reflexão e, em seguida, que atitudes faz para favorecer a sua própria aprendizagem da língua.

Quando comecei a apresentação dos sítios deste encontro, perguntei se os participantes conheciam o sítio *Voscreen*. Somente um participante comentou que o conhecia, mas não fez comentários adicionais sobre ele. Sendo assim, apenas continuei explicando os recursos que o sítio apresentava para a prática da língua inglesa. Quando apresentei o sítio *Ello* e perguntei se eles o conheciam, todos comentaram que não. Sendo assim, continuei explicando os recursos que o sítio apresentava para a prática da língua inglesa e as atividades que ele disponibilizava. Assim, percebi que, de todos os participantes deste encontro, somente um deles disse que conhecia o sítio *Voscreen*, sendo para o sítio *Ello* ninguém conhecia, mas que talvez por eles não serem muito conhecidos ou divulgados na *Internet*⁵⁹.

Na sequência, os participantes praticaram as atividades dos dois sítios apresentados a fim de informar como eles funcionavam e que atividades continham, estimulando os participantes a utilizarem em outros momentos depois deste encontro. Pela minha percepção, o que mais os interessou foram as atividades feitas no momento desta prática, mas nem todos se mostraram motivados em participar deste momento.

No quadro abaixo apresentamos uma relação resumida da quantidade de participantes que já conheciam os sítios apresentados na oficina:

Quadro 8 - Relação dos participantes que já conheciam os sítios apresentados.

Nº do encontro	Nº de participantes	Sítios	Quantos já conheciam
1	8	<i>Listen and Write</i>	0
		<i>Duolingo</i>	8
2	7	<i>EngVid</i>	4
		<i>Sharedlingo</i>	0
3	8	<i>TED</i>	7
		<i>Lyrics training</i>	2
4	9	<i>Voscreen</i>	1
		<i>Ello</i>	0

Fonte: elaborado pelo autor.

⁵⁹ Os dados referentes às percepções e os motivos de uso dos sítios não conhecidos pelos participantes serão tratados na subseção da análise dos dados dos questionários.

Pelas observações durante a oficina, pude perceber que, por mais que a maioria dos participantes gostasse de praticar a língua inglesa por meio de sítios de aprendizagem e que são na maioria das vezes conhecidos, ainda assim desconhecem muitos deles. Além disso, percebi que, em se tratando dos vários sítios existentes na *Internet*, eles são selecionados e explorados de maneira pessoal e compartilhados entre amigos de sala de aula e como sugestões para professores. Adicionado a isto, percebi que o *layout*, as opções dos sítios, os tipos de atividades e as habilidades que são trabalhadas em cada um deles também são importantes fatores para a escolha de cada sítio. Se bem apresentados, os participantes são mais motivados em escolhê-los e demonstram interesse em trabalhar com os mesmos.

Sobre o desenvolvimento da autonomia por meio dos sítios apresentados na oficina, houve momentos de conversa entre o ministrante-pesquisador e os participantes sobre os assuntos apresentados e houve a percepção de que os participantes apresentaram um grau de autonomia na aprendizagem de língua inglesa por meio destas plataformas e que, além de praticar a língua por eles, os recomendavam para seus alunos na sala de aula para exercícios complementares.

Os relatos dos participantes mostraram que existem influências na aprendizagem de língua inglesa por meio dos sítios, confirmando que podem desenvolver autonomia, motivação em aprender mais e interesse em encontrar outros recursos no meio virtual para aprendizagem fora do contexto da sala de aula e sem a presença do professor. Portanto, enfatiza-se o comentário de Lopes (2011) quando argumenta sobre o uso dos recursos tecnológicos, que pode influenciar uma percepção de autonomia e motivação por parte dos alunos enquanto aprendentes da língua, com a possibilidade da troca de experiências reais de uso da língua fora do contexto da sala de aula, possibilitando também tanto os conhecimentos interculturais da língua quanto o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas. Concordamos com esta afirmação uma vez que as percepções das observações dos encontros da oficina demonstraram estes dados e que os participantes, como aprendentes e como professores, reconhecem que as tecnologias no ensino e aprendizagem são influenciadoras nestes processos, motivando-os e desenvolvendo autonomia diante da língua alvo.

A maioria dos participantes contribuiu com seus comentários sobre a utilização de sítios de aprendizagem preferidos para a prática da língua inglesa. Os que já atuavam como professores em sala de aula utilizavam e recomendavam para seus alunos. Assim, pude perceber também que, com essas discussões, todos puderam contribuir uns com os outros, comentando, também, as vantagens e desvantagens de cada um. Mesmo que não conhecessem alguns dos sítios apresentados na oficina, os participantes tiveram a oportunidade de saber as

suas funcionalidades e que habilidades linguísticas apresentavam para a aprendizagem da língua inglesa no momento das práticas.

Na subseção que segue expomos e discutimos os dados coletados pelos questionários de pesquisa *on-line*.

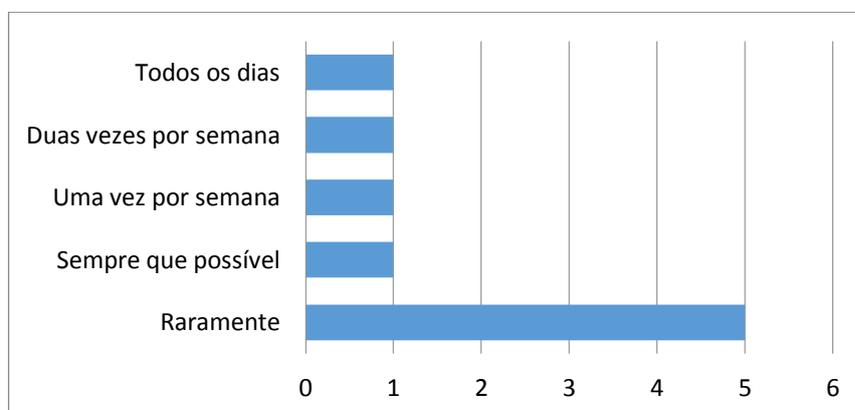
4.2 DADOS DOS QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA *ON-LINE*

4.2.1 Dados do primeiro questionário

O primeiro questionário de pesquisa *on-line* teve o objetivo de investigar a frequência nas atividades da BA³, os tipos de atividades e/ou serviços que a BA³ disponibiliza e que mais atraem os participantes, de que forma o centro ajuda na aprendizagem da língua, o conhecimento prévio dos participantes da oficina a respeito de sítios de aprendizagens que já utilizavam por conta própria, o que cada um disponibilizava como atividades, que habilidades da língua eram praticadas e que influências essas atividades apresentavam na sua aprendizagem da língua. No total, nove participantes responderam ao primeiro questionário, mas nem todos responderam todas às perguntas.

A primeira pergunta do questionário foi do tipo fechada e teve o objetivo de saber a frequência dos participantes da oficina nas atividades da BA³. Os resultados podem ser visualizados no gráfico que segue:

Gráfico 1 – Frequência dos participantes nas atividades da BA³.



Fonte: elaborado pelo autor.

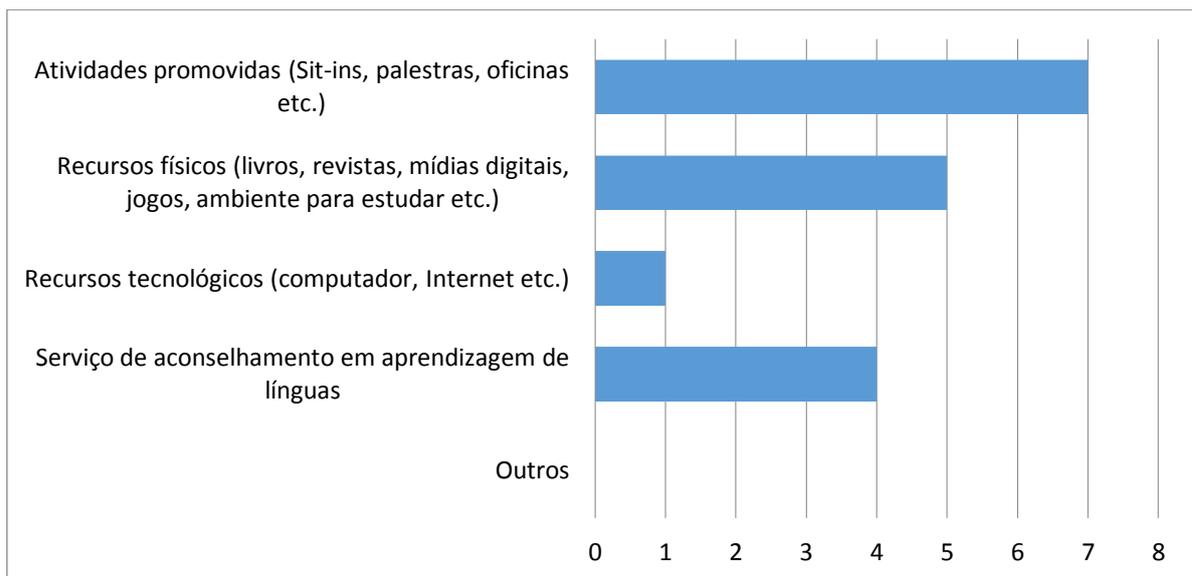
De acordo com o gráfico 1 acima, os participantes Alex, Lou, Luna Sophi, Junior e R.Limma raramente frequentam as atividades promovidas pela BA³. Já os participantes que

frequentam são em menor número: a participante Liz respondeu sempre que possível, a participante Jane respondeu uma vez por semana, o participante Daniel respondeu duas vezes por semana e a participante Ana Karolyne respondeu todos os dias.

Assim, percebemos que a frequência destes participantes na BA³ ainda é pouca e que, talvez, por apresentarem alguma dificuldade em aprender por meio destas tecnologias ou pelo simples interesse em aprender por meio de uma oficina em que há uma temática voltada para a aprendizagem de línguas por meio de sítios, este público tenha se interessado pelo assunto e pela participação. Ainda há de se supor que estes participantes não frequentam as atividades do centro pela indisponibilidade de tempo, pois elas são executadas durante a semana em horários em diferentes horários, sendo que elas podem ocorrer no mesmo horário de estudo do curso, de estágio ou por motivos de trabalho dos interessados, por exemplo.

A segunda pergunta do questionário foi do tipo fechada e teve o objetivo de saber que tipos de atividades e serviços, disponibilizados pela BA³, eram mais utilizados pelos participantes da oficina. Nesta pergunta estes poderiam escolher mais de uma opção. Os resultados podem se visualizados no gráfico que segue:

Gráfico 2 – Tipos de atividades e serviços mais utilizados na BA³.



Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o gráfico 2 acima, os participantes Liz, Daniel, Alex, Lou, Luna Sophi, Junior, Jane, R.Limma e Ana Karolyne dizem que as atividades mais utilizadas por eles na BA³ são as “atividades promovidas, como os *Sit-ins*, palestras, oficinas etc.”. Os participantes Daniel, Alex, Lou, Jane e Ana Karolyne responderam que os recursos físicos

como livros, revistas, mídias digitais, jogos, ambiente para estudar etc. eram os mais utilizados por eles na BA³. Os participantes Lou, Luna Sophi, R.Limma e Ana Karolyne disseram que o serviço de aconselhamento em aprendizagem de línguas era mais utilizado no CAA. Somente a participante Ana Karolyne disse que os recursos tecnológicos presentes no espaço eram mais utilizados por ela, como computador, *Internet* etc. A opção “outros” não foi selecionada.

Assim, percebemos que a BA³ vem despertando interesse de seus usuários pelas diversas atividades promovidas e isso depende do interesse e tema que ali são desenvolvidas. Este interesse maior pelas atividades promovidas talvez possa ser justificado pela inscrição destes aprendentes nesta oficina ministrada, que foram de 22 participantes no total, mesmo ela sendo direcionada para aprendentes de inglês e despertando o interesse de aprendentes de outras línguas. Por outro lado, percebemos também que a maioria dos participantes desta pergunta feita não utiliza os recursos tecnológicos neste centro. Então, é interessante notar que, ao mesmo tempo em que os usuários da BA³ são atraídos pelas atividades promovidas, com temáticas sobre tecnologias para a aprendizagem da língua inglesa, eles também não utilizam os recursos tecnológicos que ali se encontram. Suponhamos que estes participantes já os possuam em suas residências.

Os outros dados mostram que os recursos físicos e o serviço de aconselhamento em aprendizagem de línguas também são utilizados pelos participantes, mostrando assim que este espaço promove a autonomia deste aprendente por meio destes recursos, orientando-os de forma contínua. McMurry, Tanner e Anderson (2010) confirmam isso quando dizem que esta autonomia do aprendente dá-se pela flexibilização na oferta destes recursos e que possam atender as suas necessidades individuais, ajudando-os a serem tornarem agentes reflexivos na sua trajetória de aprendizagem por meio destes usos de materiais e serviços. Portanto, acreditamos que a BA³ faz seu papel e que é um espaço fomentador de aprendizagem de línguas e possui usuários engajados por meio de atividades ali desenvolvidas, disponibilizando recursos tanto materiais e virtuais e serviços de aconselhamento linguageiro. Além disso, eles são convidados a refletirem sobre sua própria aprendizagem e a desenvolverem sua autonomia na aprendizagem de línguas por meio destas atividades.

A terceira pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber de que forma a BA³ ajuda os participantes na aprendizagem de língua inglesa. Para esta pergunta, oito participantes responderam. As respostas podem ser visualizadas no quadro que segue:

Quadro 9 – A forma como a BA³ ajuda na aprendizagem de línguas.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Liz	A partir da dinamicidade com a qual os conteúdos são inseridos e de acordo com o contexto referente.
Daniel	Pela disponibilidade de materiais em língua inglesa e os encontros semanais para conversação, que são as duas formas que o ajudam na sua aprendizagem. Além disso, leva em consideração a comodidade do espaço, que o auxilia na concentração em momentos de estudos.
Alex	Por meio das atividades de oficinas e palestras promovidas. Além disso, acha as atividades de <i>sit-ins</i> ótimos, porém, não encontra tempo para frequentá-las.
Lou	Prática na língua alvo ao invés de ficar somente na teoria.
Luna Sophi	Atividades promovidas, pois consegue obter um maior contato com a língua inglesa.
Junior	Atividades de oficinas promovidas e por meio do aconselhamento em aprendizagem de línguas.
Jane	Recursos físicos como livros, revistas, mídias digitais, jogos, ambiente para estudar etc.
Ana Karolyne	Materiais como livros específicos, sítios que disponibilizam a prática da língua inglesa, jogos etc.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com quadro 9 acima, a maioria dos participantes esclarece que a BA³ os ajuda na aprendizagem da língua inglesa por meio das atividades promovidas, como oficinas, palestras, *Sit-ins*, e que estas atividades promovem também a prática da língua e ter maior contato com ela, não se restringindo somente a conteúdos teóricos. Além disso, alguns dos participantes também citaram que os materiais físicos presentes no CAA os ajudam na aprendizagem da língua e que a comodidade do espaço os fazem se concentrar nos momentos de estudos. Somente um dos participantes citou o serviço de aconselhamento linguageiro da BA³, mas que também o ajuda na aprendizagem da língua inglesa e faz uso deste serviço ativamente.

Os participantes Daniel, Alex, Luna Sophi e Junior mencionaram que o centro os ajuda por meio das atividades promovidas e dois deles especificaram os encontros de conversação e os *sit-ins*. Assim, acreditamos que estes encontros no espaço lhes chamam atenção para participarem e vemos que eles possuem interesse em aprender por meio desta atividade. Com este apoio na sua aprendizagem, estes participantes percebem que podem ter controle sobre a sua própria aprendizagem e extrapolam os ambientes físicos da sala de aula, ocasionando um caminhar que pode ser trilhado por eles de modo contínuo e motivador, o que pode complementar seus estudos ao realizar práticas da língua alvo em contextos reais, uma vez que estes encontros de conversação são executados sempre em língua inglesa.

Portanto, as atividades, os materiais, o serviço de aconselhamento linguageiro e o ambiente do CAA para estudos estão sendo usados por estes aprendentes da língua como forma de ajudá-los na aprendizagem da língua. Assim, confirmamos mais uma vez que a BA³ disponibiliza atividades e recursos de interesse dos usuários. Este conjunto de atividades e recursos em um CAA satisfaz os objetivos individuais de cada aprendente, promovendo e desenvolvendo, assim, processos de estudos autônomos na aprendizagem da língua alvo (GARDNER; MILLER, 1999; BARRS, 2010; MAGNO E SILVA, 2014).

A quarta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber se os participantes da oficina usavam sítios de aprendizagem da língua inglesa por conta própria e quais usavam. Oito participantes responderam a esta pergunta. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 10 – Sítios utilizados pelos participantes por conta própria.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Daniel	<i>Youtube</i>
Alex	<i>Youtube (canal Small Advantages)</i>
Lou	Inglês na Ponta da Língua; <i>English in Brazil</i> ; Mairo Vergara - aprenda inglês de forma diferente
Luna Sophi	<i>Youtube</i>
Junior	Sítios com conteúdos de <i>podcasts</i> .
Jane	<i>Lyrics</i>
R.Limma	<i>BBC Learning English</i> ; <i>TED</i> ; <i>Duolingo</i>
Ana Karolyne	<i>Lyrics Training</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 10 acima, os participantes Daniel, Alex e Luna Sophi utilizam o sítio *Youtube* para aprendizagem de língua inglesa por conta própria, sendo que o participante Alex mencionou particularmente que participa do canal *Small Advantages* e também para acompanhar as novidades por meio dos vídeos novos postados. A participante Lou mencionou que usa três sítios para a aprendizagem de inglês: “Inglês na Ponta da Língua”, *English in Brazil* e “Mairo Vergara - aprenda inglês de forma diferente”. O participante R.Limma mencionou que usa os sítios *BBC Learning English*, *TED* e *Duolingo* e a participante Ana Karolyne utiliza o sítio *Lyrics Training* para aprendizagem da língua inglesa. O participante Junior, apesar de não ter mencionado nenhum sítio específico para a aprendizagem da língua inglesa, explicou que usa sítios que disponibilizam *podcasts* de entrevistas. Já a participante Jane mencionou que usa o sítio *Lyrics*. Interessante notar entre os resultados que somente a participante Liz mencionou que não utiliza sítios de aprendizagem

por conta própria, mas que adicionou o comentário de que usa somente mecanismos audiovisuais.

Assim, verificamos que todos os participantes do primeiro encontro da oficina responderam a esta pergunta, mesmo que a participante Liz tenha dito que não utiliza sítios específicos para a aprendizagem da língua inglesa por conta própria. Portanto, percebemos que estes participantes estão cientes de sua própria aprendizagem e possuem responsabilidades sobre ela, ao ponto de utilizar tais sítios por conta própria. Além disso, assumindo esta responsabilidade, eles tomam consciência para um melhor gerenciamento (reflexão) sobre este processo de aprendizagem, a fim de privilegiar e controlar o tempo para estudar da melhor maneira sobre a sua aprendizagem.

Este processo de gerenciamento é mencionado por Benson (2001), quando expõe sobre os três níveis de atuação na autonomia do aprendente: o cognitivo, o gerenciamento de aprendizagem e o conteúdo de aprendizagem. Portanto, acreditamos que a escolha e utilização dos vários sítios de aprendizagem da língua inglesa, mencionados pelos participantes, possam explicar que eles possuem gostos, estilos e estratégias de aprendizagem (processo cognitivo), assim como o seu gerenciamento na aprendizagem daquilo que está utilizando, pois os ambientes virtuais podem ser espaços em que se sintam confortáveis para aprender por conta própria e controlar melhor o tempo e sua concentração nos estudos próprios. Além disso, acreditamos também que estes participantes saibam como fazer uso dos conteúdos aprendidos na sala de aula e acrescentar novos conhecimentos a partir deles, praticando a língua alvo por meio dos sítios utilizados e mencionados (conteúdos de aprendizagem).

Assim como mencionado pela participante Liz, que não utiliza sítios por conta própria para a aprendizagem da língua inglesa, estaremos verificando, na análise dos próximos dados, se ela utilizará os sítios apresentados depois de cada encontro da oficina e se eles influenciarão na sua aprendizagem da língua de alguma forma.

A quinta pergunta do questionário foi do tipo fechada e teve o objetivo de identificar, de acordo com os sítios descritos pelos participantes na pergunta anterior, que recursos são disponibilizados para a prática da língua inglesa. Oito participantes responderam a esta pergunta. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 11 – Recursos dos sítios utilizados pelos participantes por conta própria.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Daniel	Acervo de vídeos que abrange vídeo aulas de inglês e canais estrangeiros.
Alex	Vídeos com conteúdos práticos e de forma informal.
Lou	Vídeos de professores e especialistas da língua com comentários sobre aprendizado de inglês, vocabulários, expressões, diferença entre palavras com sons parecidos etc.
Luna Sophi	Prática das habilidades de <i>listening</i> e gramática.
Junior	Entrevistas, exercícios e áudios.
Jane	Músicas.
R.Limma	Recursos audiovisuais.
Ana Karolyne	Maneiras lúdicas e divertidas de aprendizagem das habilidades linguísticas.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 11 acima, os participantes Daniel, Alex e Luna Sophi argumentaram que o sítio *Youtube* disponibiliza vídeo aulas de inglês e canais estrangeiros de vários assuntos de forma prática e informal e disponibiliza a prática das habilidades de escuta e gramática. A participante Lou mencionou que os sítios “Inglês na Ponta da Língua”, *English in Brazil* e “Mairo Vergara - aprenda inglês de forma diferente” disponibilizam vários vídeos de professores e especialistas na língua inglesa, oferecendo dicas de como pode ocorrer a aprendizagem do inglês, os vocábulos e expressões da língua, comentários com as principais diferenças de pronúncia de palavras parecidas no som e na escrita etc. O participante Junior menciona que usa sítios que disponibilizam *podcasts* e que disponibilizam áudios de entrevistas, além de poder praticar por meio de exercícios propostos da língua inglesa. A participante Jane menciona que o sítio *Lyrics* disponibiliza músicas. O participante R.Limma mencionou que os sítios *BBC Learning English*, *TED* e *Duolingo* disponibilizam recursos audiovisuais e a participante Ana Karolyne disse que o sítio *Lyrics Training* disponibiliza maneiras lúdicas e divertidas de aprendizagem da língua como também condições de melhorar as habilidades linguísticas.

Assim, percebemos que os participantes gostam de utilizar sítios que disponibilizem a prática da língua inglesa de forma lúdica, de forma informal, de forma divertida, por meio de músicas e outros recursos audiovisuais, além de gostarem de estudar por conta própria por meio de entrevistas com professores e especialistas da língua. O que nos chama atenção também nos resultados é o fato de que a maioria usa os sítios por conta própria para a prática das habilidades de escuta, assim treinando a compreensão oral da língua, tanto que é justificado pelo comentário do participante Daniel, que gosta de assistir vídeo aulas de professores nativos da língua inglesa por meio dos canais do *Youtube*, e também comentado

pela participante Lou, que gosta de assistir vídeos de professores e de especialistas da língua. Ademais, a prática da habilidade de leitura de inglês também é perceptível, como mencionado pela participante Lou, que pratica esta língua por meio de vocabulários e expressões em inglês; com a utilização de atividades de gramática, como mencionado pela participante Luna Sophi; de exercícios propostos por meio de *podcasts*, como mencionado pelo participante Junior e por meio da leitura de letras de músicas, como mencionado pela participante Jane.

Então, percebemos que estes alunos possuem características de aprendentes autônomos no que concerne a sua aprendizagem, a partir do momento em que eles percebem que podem utilizar estes recursos tecnológicos, refletem sobre as suas reais necessidades, escolhem os sítios mais apropriados para eles, dependendo de seus objetivos e gostos, e agem para praticar e utilizar estes recursos nos sítios para a prática da língua. Como mencionado por Muller, Ramos e Grégis (2016), estes aprendentes podem apresentar atitudes autônomas a partir do momento em que sentem a necessidade de aprender por conta própria e sem a intervenção do professor da sala de aula. Assim, ele tem mais liberdade para buscar a melhor opção de estudo para ele, encontrando acesso facilitado à materiais, como exercícios, recursos audiovisuais como vídeos e músicas etc., e a possibilidade de interagir com agentes que podem facilitar esta aprendizagem, como professores, especialistas ou falantes nativos de outros países.

A sexta pergunta do questionário foi do tipo fechada e teve o objetivo de saber quais habilidades linguísticas poderiam ser praticadas em cada sítio, citados pelos participantes na quarta pergunta, sendo que eles poderiam citar até três sítios. Oito participantes responderam a esta pergunta. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 12 – Habilidades linguísticas dos sítios citados.

Participante	Sítio mencionado	Habilidades linguísticas
Daniel	<i>Youtube</i>	Escuta Leitura
Alex		
Luna Sophi		
Lou	<i>Inglês na Ponta da Língua</i>	Escuta Leitura Fala
	<i>English in Brazil</i>	
	Mairo Vergara - aprenda inglês de forma diferente	
Junior	<i>Podcast</i>	Escuta Leitura
Jane	<i>Lyrics</i>	Leitura Escuta
R.Limma	<i>BBC Learning English</i>	Escuta Leitura
	<i>Duolingo</i>	Escuta Leitura Fala
	<i>TED</i>	Escuta Leitura
Ana Karolyne	<i>Lyrics training</i>	Escuta Escrita

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 12 acima, a maioria dos sítios citados pelos participantes para a aprendizagem de inglês por conta própria disponibiliza a prática das habilidades de escuta e leitura, enquanto que dois sítios disponibilizam a prática da habilidade de fala e somente um disponibiliza a prática da habilidade de escrita.

Por meio destes resultados, podemos sintetizar o número de ocorrências das habilidades linguísticas presentes nos sítios, que foram mencionadas pelos participantes, como mostra o quadro que segue:

Quadro 13 – Número de ocorrências das habilidades linguísticas dos sítios.

HABILIDADE LINGUÍSTICA	Nº DE OCORRÊNCIAS
Escuta	8
Leitura	7
Fala	2
Escrita	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Assim, confirmamos mais uma vez, por meio dos quadros 12 e 13, que a preferência de escolha dos sítios de aprendizagem de línguas pelos participantes são a escuta, a leitura e a fala em inglês. A habilidade de escrita é pouco escolhida pelos participantes para a prática da língua inglesa por meio dos sítios, sendo que somente um deles é citado por Ana Karolyne

(*Lyrics training*). Por mais que os outros sítios citados pelos participantes disponibilizem a prática da escrita em inglês (como *BBC Learning English* e *Duolingo*), eles não mencionaram esta possibilidade em suas respostas, o que nos faz interpretar que eles não os utilizam para este fim.

Estes sítios disponibilizam recursos e materiais diversos para a prática da língua inglesa com alguns conteúdos semelhantes. Como exemplos dessas semelhanças, percebemos as dicas de inglês, as vídeo aulas de professores e especialistas, leitura de diálogos em inglês, áudios de diversos assuntos e a prática da estrutura gramatical por meio de exercícios. Percebemos também que são poucos os que disponibilizam a prática da fala da língua inglesa. Um exemplo de sítio que disponibiliza a prática da fala é o sítio *Lyrics training*, que disponibiliza esta prática por meio da opção *karaokê*, no qual o usuário pode cantar músicas em inglês com o auxílio de um microfone conectado ao computador. Mesmo com esta possibilidade, esta opção não é fácil de ser encontrada no sítio e não é divulgada por ele. Já o sítio *Youtube*, também disponibiliza esta oportunidade do usuário de praticar a fala da língua inglesa (como outras línguas também) por meio de muitos vídeos de músicas no formato de *karaokê*, porém, percebemos também que é pouco utilizado e divulgado.

A possibilidade de praticar a habilidade de *speaking* por meio de sítios oportuniza a exposição daquilo que se aprende da língua no meio virtual. Assim, acreditamos que os aprendentes podem utilizar estes conteúdos de forma significativa não somente no contexto virtual, mas também usá-los de forma significativa em contextos reais. Estaremos verificamos nos próximos dados da pesquisa se estes participantes citam os motivos da escolha destes sítios, o porquê deles escolherem estas habilidades da língua inglesa para a prática e que influencias estes sítios podem ocasionar na aprendizagem desta língua.

A sétima pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber de que maneira os sítios, citados por cada participante nas perguntas anteriores, influenciavam na aprendizagem da língua inglesa. Sete participantes responderam a esta pergunta. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 14 – Influência dos sítios na aprendizagem de língua inglesa.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Daniel	Auxiliar na habilidade de escuta.
Alex	Permitir achar conteúdos diversos da língua alvo.
Lou	Praticar a língua de forma simples e dinâmica.
Luna Sophi	Aprimorar as habilidades linguísticas.
Junior	Fomentar o interesse próprio por meio de atividades interativas.
R.Limma	Ajudar a compreender o idioma, aprender novas palavras e exercitar a gramática.
Ana Karolyne	Incentivar a aprender a língua de forma divertida por meio de músicas.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 14 acima, o participante Daniel comentou que o sítio *Youtube* influencia na sua aprendizagem da escuta do inglês, uma vez que ele disponibiliza vídeos de falantes nativos da língua alvo e quanto mais vídeos assiste e escuta, mais natural o inglês soa para ele. Também influencia no uso da língua em contextos reais, pois quando tem a oportunidade de falar com um nativo da língua inglesa, não sente tanta dificuldade em compreendê-lo. O participante Alex comentou que o sítio *Youtube* influencia na sua aprendizagem de escuta e leitura do inglês por meio de diversos assuntos, como entrevistas e *trailers*, além de aprender assuntos da forma estrutural da língua. A participante Lou comentou que os sítios influenciam na prática da língua inglesa de forma simples e dinâmica e que não seguem uma forma padronizada que muitos livros e cursos seguem. Os sítios dão oportunidades de praticar o inglês de forma prática e com pouca teoria, pois muitos dos livros de inglês usam a prática de conversação de maneira mínima. A participante Luna Sophi comentou que os sítios influenciam no seu aprimoramento das habilidades da língua. O participante Junior comentou que os sítios influenciam no fomento de seu interesse por meio de atividades interativas com assuntos relacionados de seu interesse. Para R.Limma, os sítios influenciam em seus estudos diários e tem o ajudado a compreender melhor a língua inglesa, além da aprendizagem de novas palavras e construção gramatical da língua. Para Ana Karolyne, os sítios influenciam a aprender a língua inglesa de maneira divertida, principalmente por meio de músicas, o que a incentivou a estudar o idioma. Assim, esta é a maneira que encontra de deixá-la mais próxima da língua inglesa.

Por meio destes dados, percebemos que os sete participantes relataram que os sítios utilizados por eles e por conta própria influenciam na sua aprendizagem da língua inglesa de várias formas. A partir do momento em que eles têm os influenciado para o fomento e para o interesse próprio para estudos na *Internet* e os incentiva a aprender esta língua de forma divertida (como mencionados por Junior e por Ana Karolyne), podemos perceber que este

interesse e incentivo parte de uma motivação para aprender por meio destas interfaces e desenvolve autonomia na aprendizagem, uma vez que estes recursos são variados e podem oferecer uma variedade imensa de recursos e informações. Além disso, os vários tipos de instrumentos encontrados *on-line* (como músicas e a possibilidade de usar salas de *chats* para conversas com nativos da língua) estimulam a práticas das habilidades linguísticas destes usuários.

A oitava pergunta do questionário foi do tipo aberta, a qual os participantes poderiam fazer qualquer comentário adicional que quisessem fazer a respeito do assunto deste primeiro questionário. Dois participantes comentaram.

A participante Liz comentou que os sítios que visam a aprendizagem de forma autônoma, tais como *Duolingo*, acabam por criar maus hábitos, pois os exercícios e recursos que este sítio disponibiliza realizam traduções literais e conseqüentemente não respeitam as regras gramaticais de cada língua. Já para o participante R.Limma, os sítios mencionados por ele anteriormente são usados por meio de aplicativos instalados em seu *smartphone*, e diz que desta forma não o ajuda a adquirir a fluência da língua inglesa.

Em sua resposta, a participante Liz comentou que mesmo não utilizando sítios para a aprendizagem da língua inglesa, a mesma tem consciência de que o uso de sítios estimula o processo de autonomia na aprendizagem da língua, mas que ao mesmo tempo muitos destes sítios propõem exercícios e recursos que não condizem com as verdadeiras regras estruturais da língua inglesa. Talvez seja por este motivo que ela não utilize sítios para a aprendizagem da língua inglesa, demonstrando certa desconfiança pelos conteúdos apresentados, por apresentarem atividades e recursos não apropriados para praticar esta língua ou talvez ter uma experiência negativa quanto a sua tentativa de aprender inglês por meio desta interface *on-line*, buscando somente arquivos audiovisuais na rede. Estaremos verificando nos próximos dados da pesquisa se esta participante irá utilizar os sítios de aprendizagem de inglês por meio do computador a partir de sua participação nos encontros da oficina e se eles irão influenciar de alguma forma na sua aprendizagem da língua.

Por outro lado, percebemos que o participante R.Limma utiliza estes sítios não por meio de computador pessoal (ou de mesa), mas sim, por meio de aplicativos instalados em seu *smartphone*, além de notarmos que ele possui interesse em desenvolver a fluência na língua inglesa por meio desta interface. Talvez seja por este motivo que ele tenha utilizado sítios que contenham recursos audiovisuais (como relatado nas outras respostas do questionário) para a prática das habilidades de escuta, leitura e fala, a fim de alcançar este seu objetivo. Estaremos verificando nos próximos dados da pesquisa se este participante também

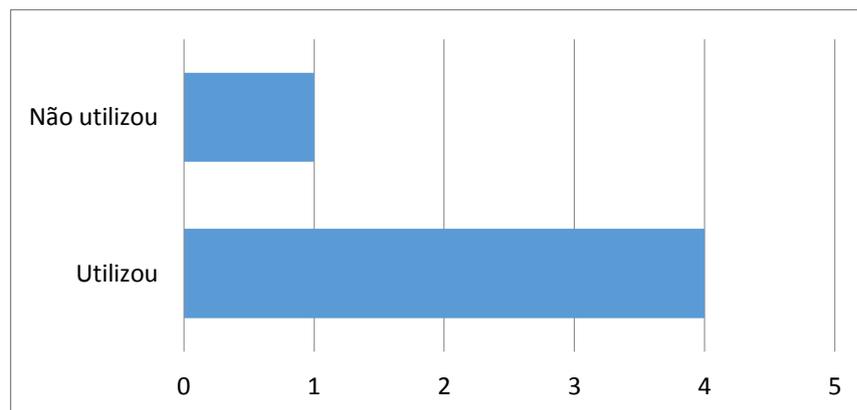
irá utilizar os sítios de aprendizagem de inglês por meio do computador a partir de sua participação nos encontros da oficina e se eles irão influenciar de alguma forma na sua aprendizagem da língua.

4.2.2 Dados do segundo questionário

O segundo questionário de pesquisa *on-line* teve por objetivo conhecer se os participantes da oficina utilizaram os sítios *Listen and Write* e *Duolingo*, apresentados no primeiro encontro, descrevendo o que mais gostaram e o que menos gostaram de cada um, além de identificar se estes sítios puderam ajudá-los de alguma forma na sua aprendizagem da língua inglesa. Este segundo questionário foi enviado somente para os que participaram do primeiro encontro da oficina. No total, nove participantes estiveram presentes no primeiro encontro, mas somente cinco deles responderam ao segundo questionário. Nem todos responderam às perguntas do questionário.

A primeira pergunta foi do tipo fechada e teve o objetivo de saber se os participantes utilizaram os sítios *Listen and Write* e *Duolingo* nos dias posteriores ao primeiro encontro. Os resultados podem ser visualizados no gráfico que segue:

Gráfico 3 - Participantes que usaram os sítios após o primeiro encontro da oficina.



Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o gráfico 3 acima, os participantes Junior, Daniel, Lou e Erick utilizaram os dois sítios nos dias posteriores ao primeiro encontro da oficina. Por mais que Alex tenha participado deste primeiro encontro da oficina, ele respondeu que não os utilizou nos dias posteriores, mesmo assim, contribuiu com sua opinião sobre eles neste questionário.

Por enquanto, percebemos que por meio destes dados que as participantes Ana Karolyne e Noely não responderam a este questionário e aos outros, além de não sabermos o motivo de não mais frequentarem os encontros da oficina nos dias posteriores, mesmo elas sendo alunas do curso de graduação de inglês. A participante Liz (que tem aversão no uso de sítios de aprendizagem de língua inglesa na *Internet* por achar que eles trazem informações com traduções literais e sem o uso correto da estrutura da língua) não respondeu a esta pergunta, apresentando assim certa resistência aos seus usos para a aprendizagem da língua inglesa. Assim como Paiva (2006) e Benson (2011) pontuam, todos os indivíduos são diferentes um dos outros e cada um pode apresentar atitudes, desejos, tomadas de decisões, escolhas diversas, ou seja, o que pode funcionar para um aprendente de línguas, pode não funcionar para outro, pois todos eles podem apresentar um conjunto imprevisível de comportamentos possíveis no contexto de aprendizagem. Aqui percebemos um grau de resistência muito grande por conta de sua opinião, pois parece que ela utilizou sítios de aprendizagem em outros momentos e sua experiência não foi boa, o que pôde ter ocasionado esta sua opinião, mesmo que o propósito da oficina fosse demonstrar que se pode utilizar sítios para aprender a língua. Ao mesmo tempo em que existe esta resistência, percebemos que ela utiliza outros tipos de sítios, mas somente para pesquisar arquivos audiovisuais em inglês. Depois de sua participação no primeiro encontro da oficina, esta participante não compareceu mais em nenhum dos outros encontros da oficina e também não respondeu a nenhum dos outros questionários.

A segunda pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber o que os participantes mais gostaram de cada sítio apresentado no primeiro encontro da oficina. Para esta pergunta, quatro participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 15 – Pontos positivos dos sítios apresentados no primeiro encontro da oficina.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Junior	<i>Listen and Write</i> e <i>Duolingo</i> : Despertou seu interesse para aprender inglês.
Daniel	<i>Duolingo</i> : interessante e atraente visualmente; interativo; aulas prontas sem a necessidade de montar planos de aulas. <i>Listen and Write</i> : ótimo para praticar <i>listening</i> e <i>writing</i> ; ajuda a memorizar palavras.
Lou	<i>Listen and Write</i> e <i>Duolingo</i> : Dinâmicos e simples de usar.
Alex	<i>Listen and Write</i> : ótimo para criar aulas. <i>Duolingo</i> : ótimo pra quem não tem muita disponibilidade para praticar o inglês.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 15 acima, o participante Junior comentou de forma geral sobre os dois sítios, dizendo que gostou como o conteúdo do primeiro encontro foi apresentado, além de dizer que achou atrativas as perguntas feitas pelo ministrante-pesquisador e que despertou o seu interesse em aprender a língua. Portanto, vemos aqui que este participante se interessou pelos conteúdos teóricos apresentados na oficina e que reconheceu a sua importância para o seu conhecimento e para a sua área como professor em formação, um dos poucos que comentou sobre este aspecto positivo e interação entre ambas as partes. Acreditamos que estas ferramentas tecnológicas, apresentadas por meio de teorias, podem garantir mudanças pedagógicas positivas no contexto educacional. Para tanto, como os PCNs dizem (1998), estes ambientes tecnológicos na *Internet* e seus recursos podem estimular um pensamento reflexivo, crítico e adaptado por professores para seus usos na sala de aula ou fora dela, desenvolvendo possibilidades de ensino, de aprendizagem, de comunicação e de informação diversas. Assim, os momentos de apresentação da parte teórica da oficina objetivou justamente mostrar como estas ferramentas tecnológicas estão sendo utilizadas no contexto educacional, trazendo estes participantes a conhecê-las, refletirem sobre seus usos de forma crítica e fazendo-os discutir sobre os temas apresentados. Já para os momentos de práticas pelos sítios *Listen and Write* e *Duolingo*, este participante comentou que o ajudou a despertar o seu interesse para colocar a língua inglesa em prática.

Para o participante Daniel, o sítio *Duolingo* apresenta uma interface interessante e atraente, é visualmente excelente, assim como sua interatividade. Neste sítio, como as metas a serem alcançadas já estão prontas, não é necessário montar, por exemplo, um plano de estudo. Aqui vemos que este participante comenta que o visual do sítio (ou o *layout*) desperta seu interesse em usar o sítio, além da interatividade que ele apresenta. Já comentando sobre o sítio

Listen and Write, ele argumentou que permite ao usuário a chance de exercitar as habilidades de *listening* e de *writing* ao mesmo tempo, o que é ótimo para exercitar a memória para a escrita. Ainda acrescenta dizendo que, como é difícil de lembrar como as palavras são escritas em inglês, pelo simples fato de que não se escreve do jeito que se fala, este sítio se encaixa muito bem nessa proposta para ajudar seus usuários neste sentido. Portanto, percebemos que este participante utilizou este sítio para a prática das habilidades de escuta e de escrita e que o ajudou a memorizar as palavras aprendidas. Assim como a pesquisa realizada por Muller, Ramos e Grégis (2016), este resultado também mostra que este aprendente tem sido influenciado pelo uso deste sítio para as práticas das habilidades linguísticas da língua inglesa, uma vez que reconhece que não é fácil lembrar como as palavras são escritas em inglês e que não são escritas da mesma forma que se fala. Também percebemos que este participante foi submetido aos conteúdos dos sítios, soube de suas funcionalidades e possibilidades de práticas da língua alvo e, mais importância, reconheceu suas reais necessidades e dificuldades e, posteriormente, agiu para tentar sanar estas dificuldades, mostrando assim um grau de autonomia e assumindo responsabilidade para a sua própria aprendizagem da língua (BENSON, 2011).

A participante Lou comentou de forma geral, dizendo que ambos os sítios *Listen and Write* e *Duolingo* são dinâmicos e são bem simples de usar. Já para o participante Alex, o sítio *Listen and Write* é ótimo para criar suas próprias aulas. Já comentando a respeito do sítio *Duolingo*, ele diz que é um *site/aplicativo* ótimo pra quem não tem muita disponibilidade para praticar o inglês. Aqui vemos, por meio de sua opinião, que o uso deste sítio pode ser feito em qualquer lugar e em qualquer momento por meio do uso do aplicativo instalado em celulares, até mesmo quando o aprendente não disponibiliza muito tempo para praticar a língua, o que não pode ocorrer quando utilizado somente por meio de computadores de mesa. Por mais que este participante não tenha utilizado os sítios nos dias posteriores, o mesmo opinou por meio de suas impressões sobre eles pela sua participação no primeiro encontro da oficina.

A terceira pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber o que os participantes menos gostaram de cada sítio apresentado no primeiro encontro da oficina. Para esta pergunta, três participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 16 – Pontos negativos dos sítios apresentados no primeiro encontro da oficina.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Junior	<i>Listen and Write</i> : layout; visual pouco atrativo; atividades repetitivas.
Daniel	Duolingo: desinteressante quando pede para usuários traduzirem frases e se tornam inúteis para utilizá-las em conversas reais. <i>Listen and Write</i> : layout; dificuldade de transcrever uma mídia se transforma em algo cansativo e entediante; apresentação do sítio não é chamativo.
Alex	<i>Listen and Write</i> : interface poluída.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 16 acima, o participante Junior comentou que não gostou do *layout* do sítio *Listen and Write*, pois achou pouco atrativo visualmente, além de apresentar algumas atividades repetitivas. Ele não expôs comentários sobre o sítio *Duolingo*. O participante Alex, por mais que não tenha utilizado os dois sítios apresentados no primeiro encontro da oficina, argumentou nesta parte que a interface do sítio *Listen and Write* é poluída e que se pode acabar clicando em algo que não deseja. Ele não expôs comentários sobre o sítio *Duolingo*. Para o participante Daniel, o sítio *Duolingo* peca na metodologia. Seu uso é interessante para o aprendizado de novas palavras, mas é desinteressante quando pede ao usuário que traduza frases várias vezes, sendo que tais frases, na maioria das vezes, não fazem sentido e tornam-se quase que inúteis para serem utilizadas em uma conversa real. Já sobre o sítio *Listen and Write*, ele comentou que é interessante na metodologia, mas peca no *layout*. Comentou que para aqueles que estão criando um novo material, a dificuldade de transcrever uma mídia se transforma em algo cansativo e entediante. Além disso, o modo como o sítio é apresentado não é chamativo e soa mais como uma página da *web* dos anos 2000. Ainda argumenta que seria melhor uma atualização para resolver este problema.

Assim, percebemos nestes resultados que a apresentação do *layout* dos sítios influencia na escolha e na utilização para praticar a língua inglesa. Se este aspecto não for chamativo para eles, provavelmente não os utilizarão futuramente. Além disso, se os sítios apresentarem exercícios repetitivos, como a tradução de frases que geralmente não se usa em contextos reais da língua, acabam por se tornarem cansativos e entediante, principalmente para aqueles que já atuam como professores de língua, quando se demora em elaborar materiais para aulas nestes ambientes, o que pode também influenciar na sua utilização futura.

A quarta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber de que forma os sítios apresentados no primeiro encontro da oficina influenciaram os participantes na

aprendizagem da língua inglesa. Para esta pergunta, quatro participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 17 – Influências dos sítios do primeiro encontro para a aprendizagem de inglês.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Junior	Despertou seu interesse em aprender inglês, deixando-o entusiasmado.
Daniel	Aquisição de vocabulário; fixação da escrita de palavras em inglês.
Lou	Praticar a habilidade de escuta do inglês.
Alex	Praticar a habilidade de escuta do inglês; aprender assuntos novos e relembrar aspectos da língua inglesa já aprendidos anteriormente.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 17 acima, o participante Junior comentou que o uso dos sítios despertou seu interesse sobre questões da língua inglesa e teve oportunidade de conhecer assuntos que ele ainda não tinha visto. Além disso, estes assuntos o deixaram entusiasmado ao fazer os exercícios nos momentos de prática da oficina. O participante Daniel relatou que dos sítios apresentados, o único que ele conhecia era o *Duolingo*, e que lá no início, quando ele ainda estava aprendendo inglês, o ajudou bastante na aquisição de vocabulário quando ainda não conseguia entender a língua sem a ajuda de traduções. Sobre o sítio *Listen and Write*, ainda estava em processo de teste dele, mas que pelos exercícios existentes por meio dele e que já realizou, certamente o ajudará a fixar a escrita de algumas palavras em inglês. Já para a participante Lou, o sítio *Listen and Write* a ajudou muito na prática da habilidade de *listening* para se acostumar com a língua. Para o participante Alex, mesmo ainda não tendo oportunidade de estudar mais a fundo, por meio do sítio *Listen and Write* e pela experiência que teve na oficina, ele acredita que pode desfrutar de áudios de diálogos bem específicos. Já para o sítio *Duolingo*, ele argumentou que usa sempre que tem tempo livre para aprender coisas novas e relembrar outras.

Portanto, percebemos que os sítios apresentados no primeiro encontro da oficina influenciaram de alguma forma a aprendizagem da língua inglesa dos participantes, mesmo sendo já conhecidos por alguns dos participantes e utilizados por eles. De forma positiva, estes recursos tecnológicos, presentes em sítios, puderam estimular interesse em aprender assuntos relacionados com a língua inglesa e criou entusiasmo para aprender ainda mais, mesmo que um destes sítios também esteja disponível por meio de aplicativo (*Duolingo*). Além disso, o *layout* apresentado por eles foi um dos fatores a se considerar para que estes sítios pudessem chamar atenção dos participantes e serem escolhidos. Se porventura este

aspecto for organizado e atraente visualmente, serão utilizados, mas se não forem, provavelmente estarão sendo descartados e não utilizados.

Ambos os sítios puderam influenciar na aquisição de novos vocabulários e de novos assuntos, além de influenciar na aprendizagem de habilidades específicas do inglês de forma positiva, como a escuta e a escrita, como mencionado pelos participantes. Deste modo, se tais sítios puderem estar disponíveis por meio de aplicativos, eles os utilizam para estudos e podem ter a facilidade de estudar a qualquer momento que desejar e em qualquer lugar, sabendo que estes recursos favorecem o desenvolvimento de novos conhecimentos a partir de seus usos e, principalmente, da responsabilidade que ele possui pela sua própria aprendizagem. Assim como Araújo (2017) diz, estes aprendentes são nativos digitais e usando as TIC e suas diversas ferramentas, seus interesses para alcançar objetivos pessoais são facilitados, complementando estudos da sala de aula e sem a necessidade de um professor pedir para eles pesquisarem algo ou fazer uma tarefa de casa.

A quinta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de convidar os participantes a fazer quaisquer comentários adicionais que quisessem a respeito do primeiro encontro da oficina ministrada. Para esta opção, somente o participante Junior comentou, dizendo que o primeiro encontro foi bem proveitoso, pois pôde lembrar alguns assuntos que já havia estudado e que não lembrava muito bem, além de ter aprendido coisas novas. Além disso, ele sentiu-se muito confortável durante o encontro e teve a oportunidade de dividir com os colegas o que já sabia e aprender assuntos novos.

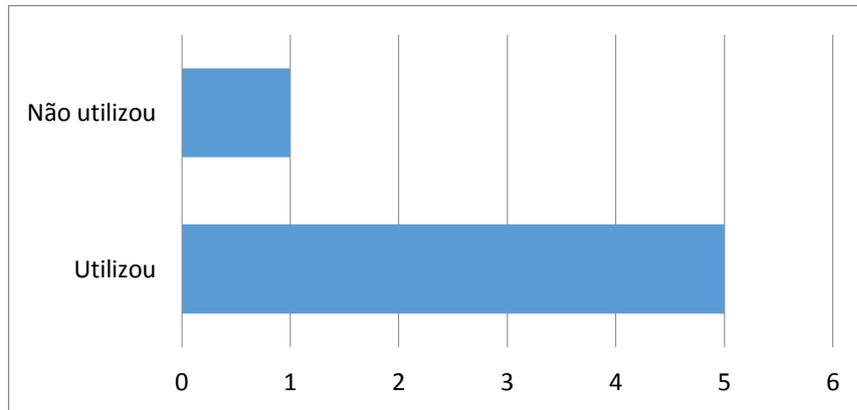
4.2.3 Dados do terceiro questionário

O terceiro questionário de pesquisa *on-line* teve o objetivo de saber se os participantes da oficina utilizaram os sítios *EngVid* e *Sharedlingo*, apresentados no segundo encontro, descrevendo o que mais gostaram e o que menos gostaram de cada um, além de identificar se estes sítios puderam ajudá-los de alguma forma na sua aprendizagem da língua inglesa. Este segundo questionário foi enviado somente para os que participaram do segundo encontro da oficina. No total, sete participantes estiveram presentes no segundo encontro, mas somente cinco deles responderam ao terceiro questionário. Nem todos responderam às perguntas do questionário.

A primeira pergunta foi do tipo fechada e teve o objetivo de saber se os participantes utilizaram os sítios *EngVid* e *Sharedlingo* nos dias posteriores ao segundo encontro da oficina.

Para esta pergunta, seis participantes responderam. O resultado pode ser visualizado no gráfico que segue:

Gráfico 4 - Participantes que usaram os sítios após o segundo encontro da oficina.



Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o gráfico 4 acima, os participantes Jane, Lou, Daniel, R.Limma e Erick utilizaram os sítios apresentados no segundo encontro da oficina nos dias posteriores. Somente o participante Alex respondeu que não os utilizou nos dias posteriores deste encontro, por mais que ele tenha participado dele. Portanto, percebemos aqui certa resistência deste participante em utilizar tais sítios. Estaremos verificando nos próximos dados da pesquisa se este participante menciona o motivo de não os ter utilizados até então.

Já o participante R.Limma (que disse somente usar sítios de aprendizagem de língua inglesa por meio de aplicativos em seu celular e que não o ajuda em adquirir a fluência necessária) participou do segundo encontro da oficina, mas respondeu que somente utilizou o sítio *EngVid*. Mesmo assim estaremos verificando, por meio dados posteriores deste questionário, como se deu esta utilização e se este sítio pôde influenciar, de alguma forma, na sua aprendizagem da língua inglesa.

A segunda pergunta foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber o que os participantes mais gostaram de cada sítio apresentado no segundo encontro da oficina. Para esta pergunta, seis participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 18 – Pontos positivos dos sítios apresentados no segundo encontro da oficina.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
R.Limma	<i>EngVid</i> : vídeo aulas práticas; fácil entendimento.
Alex	<i>EngVid</i> : indicado para complementar aulas da sala; aprender assuntos novos. <i>Sharedlingo</i> : bom para praticar inglês; encontrar pessoas de interesses comuns.
Jane	<i>EngVid</i> : vídeo aulas de fácil compreensão; utilizar vídeo aulas para estudos de revisão de provas e <i>quiz</i> .
Lou	<i>EngVid</i> : diversidade de assuntos apresentados; vídeo aulas dinâmicas.
Daniel	<i>EngVid</i> : assistir aulas gratuitas com professores nativos; assistir vídeo aulas com legendas em inglês e compreender melhor assuntos mais complexos. <i>Sharedlingo</i> : conversar com nativos e não nativos em inglês; ajudar na aprendizagem do inglês.
Erick	<i>EngVid</i> : intuição e praticidade para aprender inglês; ajudar na sua formação como professor por meio de assuntos específicos na língua alvo.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 18 acima, o participante R.Limma comentou que apenas utilizou o sítio *EngVid*, pois achou as vídeo aulas super práticas e de fácil entendimento. Assim, este participante começou a utilizar um dos sítios apresentados pelo computador e ele mesmo teve a percepção de que usar este sítio pôde facilitar a compreensão oral por meio das vídeo aulas dos professores nativos da língua. Mesmo que este sítio possa ser utilizado por meio de aplicativo em *smartphones*, não sabemos até o momento se este participante o usava por meio desta interface, mas que este encontro da oficina o incentivou a utilizá-lo por meio do computador.

O participante Alex comentou que o sítio *EngVid* é interessante para indicar aos alunos, para complementar as aulas de sala ou até mesmo aprender coisas novas. Já para o sítio *Sharedlingo* ele gostou da plataforma, que é muito boa para praticar inglês, pois com ele pode-se facilmente encontrar pessoas com interesses comuns. Mesmo este participante ter dito que não utilizou estes dois sítios nos dias posteriores deste encontro, ainda assim sabe o que cada um disponibiliza (talvez pela apresentação deles na oficina) e o que são interessantes para a prática do inglês nestas plataformas.

A participante Jane mencionou sua opinião somente a respeito do sítio *EngVid*, dizendo que os seus professores favoritos são Rebecca, Alex e Ronnie, pois suas vídeo aulas são de fácil compreensão e são divertidas. Ainda citou que, dentre estas vídeo aulas, gostou dos assuntos sobre o Presente Simples e Presente Progressivo em inglês.

Para a participante Lou, ela comentou somente sobre o sítio *EngVid*, que gostou da diversidade de assuntos e da dinâmica das vídeo aulas.

O participante Daniel comentou sobre o sítio *EngVid* que a possibilidade de assistir aulas gratuitas com professores nativos é o diferencial e a maior qualidade dele. Além disso, como as aulas são ministradas em inglês e há a possibilidade de assisti-las com legendas em inglês, caso não se esteja entendendo o assunto, torna o sítio não apenas um recurso para a aprendizagem de tópicos específicos, mas também uma porta de entrada para se atingir níveis mais avançados de compreensão. Já a respeito do sítio *Sharedlingo*, ele argumentou que é muito bom a possibilidade de se conversar com outras pessoas e até mesmo com nativos, pois é o que ajuda de fato a fixação na aprendizagem de uma LE.

O participante Erick mencionou que havia utilizado somente o sítio *EngVid* e que este era intuitivo e prático, além de auxiliá-lo na sua aprendizagem. Além disso, adicionou o comentário de que este sítio o ajuda na sua formação como professor de língua inglesa por ele ter a oportunidade de escutar outros professores nativos falando sobre determinados tópicos. Portanto, esta possibilidade de assistir vários professores falando sobre um mesmo assunto o auxilia a aprender mais.

A terceira pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber o que os participantes menos gostaram de cada sítio apresentado no segundo encontro. Para esta pergunta, dois participantes responderam.

Os resultados mostraram que o participante Daniel não conseguiu achar pontos negativos sobre o sítio *EngVid*, mas que talvez a única coisa que não tenha gostado muito foi o *layout* dele, mas achou que não era algo que pudesse dificultar a sua aprendizagem da língua. Quanto ao sítio *Sharedlingo*, a ideia de praticar a língua inglesa por esta plataforma é ótima, mas que se tornou um ponto negativo pelo sítio não estar disponível nos dias posteriores deste segundo encontro da oficina, pois foi transferido para outro endereço da *Internet* e renomeado por *Hellolingo*, ocasionando mudanças em vários sentidos.

Já para o participante Erick, o único ponto negativo foi sobre o sítio *Sharedlingo*, dizendo que o utilizou em um primeiro momento, mas que achou as opções do mesmo complicado, o que dificultou a sua utilização, ocasionando desconforto e conseqüentemente a desistência de seu uso.

A quarta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber de que forma os sítios apresentados no segundo encontro da oficina influenciaram os participantes na aprendizagem da língua inglesa. Para esta pergunta, cinco participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 19 – Influências dos sítios do segundo encontro para a aprendizagem de inglês.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
R.Limma	Possibilitar a revisar assuntos já aprendidos e aprender assuntos novos.
Alex	Ajudar a praticar a habilidade de <i>listening</i> e aprender assuntos novos por meio de estratégias de conversação.
Lou	Ajudar a praticar as habilidades de <i>listening</i> e de <i>speaking</i> .
Daniel	Desenvolver a compreensão oral por meio das vídeo aulas. Depois disso, sentiu-se mais autônomo para aprender inglês e começou a procurar outros sítios com recursos de áudio e vídeo em inglês.
Erick	Ajudar a aprender assuntos gramaticais do inglês.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 19 acima, o participante R.Limma respondeu somente sobre o sítio *EngVid*, comentando que, por meio das vídeo aulas, este sítio o ajudou a revisar assuntos que já conhecia e aprender coisas novas na língua inglesa. Mesmo que este participante não tenha especificado que tipo de assuntos este sítio o influenciou a aprender, percebemos que a oficina da BA³ incentivou-o a utilizá-lo não somente nos dias posteriores, mas também o ajudou a praticar a compreensão oral da língua por meio dos vídeos dos professores nativos. Assim, esperamos que este participante seja ainda mais motivado a utilizar os outros sítios de aprendizagem de inglês por conta própria por meio não somente de aplicativos, mas também por meio do computador e da *Internet* a partir dos próximos encontros da oficina, procurando também outros conteúdos existentes na rede e que ele seja consciente sobre a responsabilidade que assume por meio dos vários recursos virtuais. Desta forma, ele se tornará um aprendiz que não somente enxerga os materiais e ferramentas tecnológicas, mas que por meio delas ele tenha atitude de aprender outros assuntos ou resolver problemas com a língua por conta própria de acordo com os seus gostos e seu estilo, tendo responsabilidade e controle sobre a sua aprendizagem.

Já para o participante Alex, ele comentou que o sítio *EngVid* o ajuda quando precisa praticar a habilidade de *listening* e, ao mesmo tempo, aprender coisas novas, principalmente quando se trata de estratégias de conversação e aprendizagem. A participante Lou comentou que o sítio *EngVid* ajuda bastante na aprendizagem de *listening* e para aprender a língua falada realmente. Para o participante Daniel, ele argumentou que já utilizava o sítio *EngVid* antes da oficina e que é graças a ele que desenvolveu a habilidade de compreensão do inglês falado. Além disso, ele costumava assistir aulas de conteúdos que já sabia só para ouvir o modo como o professor nativo explicava. Esse procedimento era feito durante um bom tempo até conseguir entender tudo o que eles diziam. Depois passou a utilizar outros canais e recursos de áudio e vídeo. Ainda acrescentou que deve grande parte do seu aprendizado

autônomo no inglês graças ao sítio *EngVid*. O participante Erick respondeu que o sítio *EngVid* o ajudou a aprender conteúdos ou tópicos gramaticais da língua inglesa por meio das vídeo aulas apresentadas por professores nativos.

Nestes resultados, os participantes comentaram somente sobre o sítio *EngVid* e que influências ele pôde trazer para a aprendizagem da língua. Dentre eles, a utilização deste sítio pôde influenciar na aprendizagem das habilidades de escuta e fala do inglês, além de auxiliar na aprendizagem da estrutura gramatical, a revisar assuntos que já aprendidos e aprender assuntos novos. Por outro lado, percebemos também que os participantes não relataram sobre as influências do sítio *Sharedlingo*, mesmo que alguns deles, como os participantes Alex e Daniel, reconhecerem que ele oportuniza a aprendizagem da língua inglesa por meio da conversação com pessoas de mesmo interesse ou nativos da língua. Talvez este sítio não fosse atraente para eles e, como relatado por Erick, que ele apresentou uma interface complicada e o deixou desconfortável, conseqüentemente, foi pouco utilizado.

O participante Daniel reconhece que foi graças à utilização constante do sítio *EngVid* que conseguiu desenvolver a habilidade de compreensão oral, pois, como afirma Benson (2011) sobre os três níveis de atuação de um aprendente autônomo, este participante utilizou o seu conhecimento cognitivo para praticar a língua e acreditou ser importante tentar compreender a fala dos professores nativos da língua por meio das vídeo aulas (processo cognitivo), passando a refletir sobre aquilo que estava aprendendo e controlando o seu tempo de estudo por meio deste sítio até conseguir compreender tudo o que os professores estavam falando (gerenciamento de aprendizagem) e, por último, fez uso dos conteúdos que aprendeu acrescentando outros conhecimentos e indo em busca de outros canais e recursos de áudio e vídeo disponíveis na *Internet* (conteúdos de aprendizagem). Por meio deste relato do participante, o mesmo reconhece que é um aprendente autônomo na aprendizagem da língua e que começou a ter esta atitude em busca de novos conhecimentos graças ao aprendizado adquirido por meio do sítio *EngVid*, assumindo responsabilidade e controle sobre sua aprendizagem.

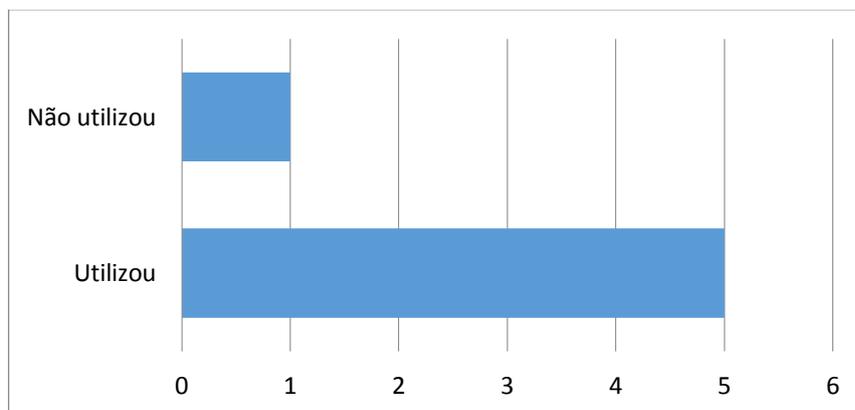
A quinta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de convidar os participantes a fazer comentários adicionais que quisessem a respeito do segundo encontro da oficina ministrada. Para esta opção, nenhum participante comentou.

4.2.4 Dados do quarto questionário

O quarto questionário de pesquisa *on-line* teve o objetivo de saber se os participantes da oficina utilizaram os sítios *TED* e *Lyrics training*, apresentados no terceiro encontro, descrevendo o que mais gostaram e o que menos gostaram de cada um, além de identificar se estes sítios puderam ajudá-los de alguma forma na sua aprendizagem da língua inglesa. Este quarto questionário foi enviado somente aos que participaram do terceiro encontro da oficina. No total, oito participantes estiveram presentes no terceiro encontro, mas somente seis deles responderam a este quarto questionário. Nem todos responderam às perguntas do questionário.

A primeira pergunta foi do tipo fechada e teve o objetivo de saber se os participantes utilizaram os sítios *TED* e *Lyrics training* nos dias posteriores ao terceiro encontro da oficina. Os resultados podem ser visualizados no gráfico que segue:

Gráfico 5 - Participantes que usaram os sítios após o terceiro encontro da oficina.



Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o gráfico 5 acima, os participantes Lou, R.Limma, Jane, Daniel e Erick responderam que utilizaram os sítios apresentados deste encontro nos dias posteriores. Somente o participante Alex continuou respondendo que não os utilizou nos dias posteriores a este encontro da oficina.

A segunda pergunta foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber o que os participantes mais gostaram de cada sítio apresentado no terceiro encontro da oficina. Para esta pergunta, seis participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 20 – Pontos positivos dos sítios apresentados no terceiro encontro da oficina.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Lou	<i>TED</i> : diversidade de temas. <i>Lyrics training</i> : usar músicas a aprendizagem se torna dinâmica e divertida.
Alex	<i>TED</i> : assistir vídeos de vários assuntos e de interesse próprio se torna interessante para aprender inglês; interface limpa e intuitiva. <i>Lyrics training</i> : ótimo para praticar inglês por meio de músicas; interface limpa e intuitiva.
R.Limma	<i>TED</i> : temas das palestras. <i>Lyrics training</i> : aprender inglês de forma divertida.
Jane	<i>TED</i> : praticar a habilidade de <i>listening</i> . <i>Lyrics training</i> : interessante e divertido.
Daniel	<i>TED</i> : por abranger vários temas, é excelente para aperfeiçoar o inglês; é possível aprender assuntos novos, palavras e expressões em inglês que são utilizados em diferentes áreas do conhecimento. <i>Lyrics training</i> : aprender inglês de forma divertida; despertar o interesse de aprendentes por meio de músicas; aprender aspectos da pronúncia e da escrita em inglês.
Erick	<i>TED</i> : plataforma simples, intuitiva e rápida; aprender diversos aspectos do inglês por meio de inúmeros temas; possibilidade de melhorar o <i>listening</i> em inglês. <i>Lyrics training</i> : site incrível, divertido, fácil de usar e muito empolgante; se torna viável para aprendentes que gostam de ouvir músicas em inglês.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 20 acima, todos os seis participantes utilizaram os dois sítios apresentados neste terceiro encontro da oficina e opinaram sobre eles. A participante Lou respondeu que gostou da diversidade de temas assistidos pelos vídeos do sítio *TED*. A respeito do sítio *Lyrics training*, ela comentou que gostou da dinâmica das atividades por meio de músicas, o que deixa a prática da língua mais divertida.

O participante Alex comentou que o sítio *TED* possui diversos vídeos com os mais variados assuntos, o que pode ser interessante, já que possibilita assistir vídeos com assuntos do nosso interesse, ficar informado e praticar a língua ao mesmo tempo. Já para o sítio *Lyrics training*, ele comentou que é ótimo para praticar o inglês por meio de músicas. Finalizou dizendo que ambos os sítios trazem uma interface limpa e intuitiva.

Já para o participante R.Limma, ele comentou que os temas das palestras do sítio *TED* são interessantes e que o sítio *Lyrics training* se aprende a língua de forma divertida.

Para a participante Jane, o sítio *TED* lhe agrada porque se aprende a habilidade de *listening*. Já o sítio *Lyrics training*, por não conhecer outro, achou muito interessante e divertido.

O participante Daniel argumentou que apesar de não se adequar ao seu estilo de aprendizagem, o sítio *Lyrics training* é excelente para se aprender de uma forma divertida. Acrescentou ainda que, levando em consideração que uma significativa parte dos aprendizes de língua inglesa se interessa pela língua por causa das músicas, é uma interessante ferramenta para fazer com que aquele que o utiliza se sinta motivado a aprender mais sobre aspectos como pronúncia e escrita. A respeito do sítio *TED*, ele comentou que os *TED Talks*, assim como as outras plataformas *TED*, como o *TED-Ed*, são excelentes meios de aperfeiçoar o inglês daqueles que já possuem certo nível de entendimento da língua, principalmente pelo fato de abranger um vasto número de temas. Acrescentou que com os *Talks* é possível conhecer novas coisas e, ao mesmo tempo, aprender novas palavras e expressões que são utilizados em diferentes áreas do conhecimento.

O participante Erick comentou que o sítio *TED* é uma plataforma simples, intuitiva e rápida. Ele diz que gostou porque se aprende diversos aspectos da língua por meio do sítio, pois possui inúmeros temas e é muito bom para quem quer melhorar a habilidade de *listening* e compreensão oral. Sobre o sítio *Lyrics training*, ele comentou que é um sítio incrível, super divertido, fácil de usar e muito empolgante, pois a proposta dele é algo inovador, mesmo não sendo novo. Ainda acrescentou dizendo que ele trabalha com música, no qual é o que muita gente gosta.

Portanto, todos os seis participantes comentaram sobre o que gostou dos dois sítios apresentados. A maioria deles disse que aprender inglês por meio da escuta de músicas no sítio *Lyrics training* torna a aprendizagem divertida pelo fato de geralmente o usuário gostar de ouvi-las na língua alvo e, por meio desta interface, este usuário se sente empolgado, incentivado ou motivado para aprender melhor. Por meio do sítio *TED*, a maioria gostou dos diversos temas que são apresentados e que ele possibilita a prática da habilidade de escuta. Além disso, aprende-se palavras ou expressões novas de acordo com as diversas áreas que são apresentadas aos usuários (como química, física, história, tecnologia, saúde, beleza etc.).

A terceira pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber o que os participantes menos gostaram de cada sítio apresentado. Para esta pergunta, dois participantes responderam.

De acordo com os resultados, houve opiniões somente sobre o sítio *TED*. O participante R.Limma comentou que o único problema dele é que parece não ser recomendado para aprendentes iniciantes da língua inglesa. Já para o participante Erick, ele comentou que talvez ele possa não ser indicado para aprendentes que não tenham conhecimentos prévios da língua inglesa, pois este aprendente pode demorar a gostar desta plataforma.

A quarta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber de que forma os sítios apresentados no terceiro encontro da oficina influenciaram os participantes na aprendizagem da língua inglesa. Para esta pergunta, seis participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 21 – Influências dos sítios do terceiro encontro para a aprendizagem de inglês.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Lou	Ajudar a praticar o <i>listening</i> .
Alex	Ajudar na compreensão real da língua falada.
R.Limma	Praticar o <i>listening</i> ; ajudar a ter melhor atenção na escrita de palavras.
Jane	Praticar a fala.
Daniel	Ajudar a conhecer diferentes assuntos; aperfeiçoar a língua inglesa.
Erick	Ajudar a melhorar as quatro habilidades linguísticas do inglês.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 21 acima, para o participante R.Limma, os sítios apresentados influenciaram-no a ter mais atenção com as palavras ditadas e a melhorar a sua habilidade de *listening*. Portanto, vemos dessa vez um relato melhor explicado por ele em comparação aos outros que fez nos outros questionários, explicando que o uso dos sítios por meio do computador influenciou de alguma forma na sua aprendizagem da língua, o que não ocorria quando ele os utilizava somente por meio de aplicativos. Na ocasião, o sítio *Lyrics training* o influenciou a aprender palavras novas e a ter melhor atenção de como elas são escritas em inglês, além de ter a percepção de que os dois sítios o ajudou a melhorar a escuta em inglês, seja por meio de músicas, seja por meio de vídeos. Assim, este é um dos primeiros resultados positivos que a oferta desta oficina, ministrada pela BA³, pôde fazer com este aprendente, guiando-o a melhorar a sua aprendizagem da língua por meio das TIC de forma a ser influenciado para o desenvolvimento de sua autonomia, o que esperamos que, a partir dela, ele possa trilhar seus próprios passos, ter controle e ter responsabilidade sobre a sua própria aprendizagem (BENSON, 2011; LOPES, 2011).

A participante Jane comentou que o sítio *Lyrics training* a influenciou a praticar a habilidade de *speaking* por meio da atividade de *karaokê*. Interessante perceber que, por mais que o sítio foque em atividades para a prática das habilidades de *listening* e *writing* por meio de músicas, percebemos que esta foi a única participante que preferiu utilizar esta opção, que é pouco divulgada pela plataforma para a prática do *speaking* em inglês, mostrando uma diferente forma e gosto de aprender. É como Cooker (2013) menciona que a autonomia é um conjunto de manifestações individuais que não são fixas, mas flexíveis, dependendo de um ou mais fatores. Além disso, Franco (2013) diz que esta autonomia esta relacionada como este aprendente se situa diante a sua própria aprendizagem e suas escolhas que faz a respeito dos materiais apropriados. O que um indivíduo escolhe para aprender inglês não necessariamente será a mesma escolha para outro, por isso que dizemos que a autonomia é multidimensional e que ela se manifesta em diferentes formas, em diferentes contextos e em tempos diferentes (BENSON, 2011).

A participante Lou respondeu que os dois sítios apresentados a influenciaram a praticar a habilidade de *listening* do inglês. O participante Alex comentou que assiste vídeos por meio do sítio *TED* sempre que possível e que o ajuda a compreender a língua inglesa em seu uso real. O participante Daniel comentou que o sítio *TED* é utilizado por ele há muito tempo e que sempre o ajudou na sua aprendizagem da língua inglesa. Enfatizou também que utiliza os *TED Talks* há um bom tempo, principalmente o *TED-Ed* para conhecimento acerca dos mais diferentes assuntos e para o aperfeiçoamento da língua inglesa. Por último, para o participante Erick, ambos os sítios o influenciaram a melhorar as quatro habilidades da língua inglesa. Ele comentou que no sítio *Lyrics training* há a opção de ir acompanhando a música e quando a música para, o usuário deve escrever a palavra que falta, fazendo com que force inconscientemente a aprender novas palavras na língua inglesa.

A quinta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de convidar os participantes a fazer quaisquer comentários adicionais que quisessem a respeito do terceiro encontro da oficina. Para esta opção, dois participantes comentaram.

A participante Jane comentou que este encontro da oficina foi importante pois permitiu que a mesma estudasse também no contexto fora de sala de aula. Já para o participante Erick, ele enfatizou que este terceiro encontro foi muito dinâmico e proveitoso pela forma como ambos os sítios foram apresentados. Como citado por Cotteral e Reinders (2001) e Mynard (2016), a BA³ faz jus ao seu propósito como centro de autoacesso, o qual disponibiliza diversos recursos em forma de materiais, atividades, oficinas, palestras e suporte para aprendentes da língua e que possuem diferentes níveis, estilos, gostos e objetivos. Este

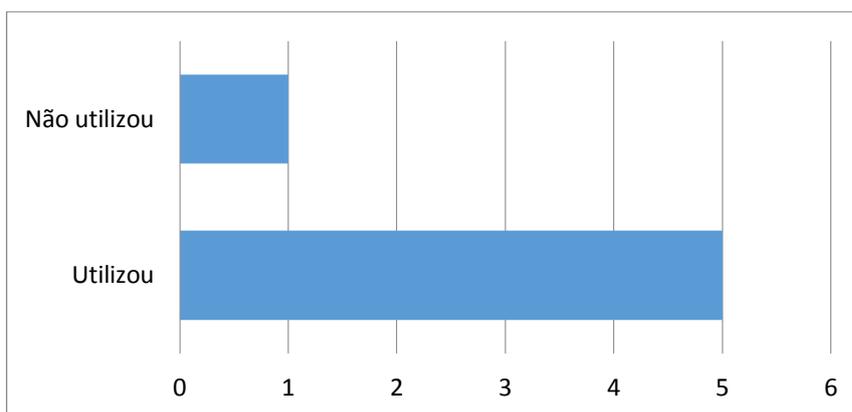
espaço tem o propósito de promover a autonomia destes aprendentes tanto dentro quanto fora deste espaço, extrapolando os seu ambiente físico para além da sala de aula.

4.2.5 Dados do quinto questionário

O quinto questionário de pesquisa *on-line* teve o objetivo de saber se os participantes da oficina utilizaram os sítios *Voscreen* e *Ello* apresentados no quarto encontro da oficina, descrevendo o que mais gostaram e o que menos gostaram de cada um, além de identificar se estes sítios puderam ajudá-los de alguma forma na aprendizagem da língua inglesa. Este quinto questionário foi enviado somente para os que participaram do quarto encontro da oficina. No total, nove participantes estiveram presentes no quarto encontro, mas somente seis deles responderam a este questionário. Nem todos responderam às perguntas do questionário.

A primeira pergunta foi do tipo fechada e teve o objetivo de saber se os participantes utilizaram os sítios *Voscreen* e *Ello* nos dias posteriores ao quarto encontro da oficina. Os resultados podem ser visto no gráfico abaixo:

Gráfico 6 - Participantes que usaram os sítios após o quarto encontro da oficina.



Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o gráfico 6 ainda, os participantes Jane, R.Limma, Lou, Erick e Daniel responderam que sim, utilizaram os sítios apresentados deste encontro nos dias posteriores. Somente o participante Alex continuou respondendo que não os utilizou nos dias posteriores a este encontro da oficina.

A segunda pergunta foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber o que os participantes mais gostaram de cada sítio apresentado neste quarto da oficina. Para esta

pergunta, cinco participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 22 – Pontos positivos dos sítios apresentados no quarto encontro da oficina.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Jane	<p><i>Voscreen</i>: ser interessante por dá a oportunidade de praticar o <i>listening</i> por meio de trechos de filmes ou documentários.</p> <p><i>Ello</i>: ajudar a se preparar para testes de inglês como o TOEFL.</p>
R.Limma	<p>Interatividade entre a tecnologia e o aprendente; linguagem fácil; assuntos diversos dos sítios de acordo com as necessidades e os gostos próprios.</p>
Alex	<p><i>Voscreen</i>: Treinar o <i>listening</i> por meio de contextos de filmes e séries.</p> <p><i>Ello</i>: poder encontrar áudios de países diferentes com diversos sotaques; exercícios interessantes para praticar a compreensão oral por meios dos áudios disponibilizados.</p>
Erick	<p><i>Voscreen</i>: interessante por exigir do usuário compreensão e interpretação dos vídeos para poder acertar as atividades.</p> <p><i>Ello</i>: a atividade por meio de áudios e vídeos e que podem ser acompanhadas por legendas; os exercícios propostos por meio de <i>quizes</i>.</p>
Daniel	<p><i>Voscreen</i>: interface visualmente agradável e acessível; os exercícios propostos como forma de ouvir e interpretar o que está sendo dito lembra as provas de teste como o TOEFL ITP; oportunidade de escolher por um assunto específico, como tempos verbais e phrasal verbs.</p> <p><i>Ello</i>: o vocabulário, ao final de cada lição, ajuda muito a entender pontos do texto que possam ter ficado comprometidos por causa do desconhecimento de alguma palavra ou expressão; o <i>quiz</i> ajuda a fixar o conteúdo aprendido; a possibilidade de escutar diferentes sotaques do inglês.</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 22 acima, o participante R.Limma comentou de modo geral a respeito dos dois sítios, o qual gostou da interatividade que há entre a tecnologia e ele, da linguagem fácil, das opções de estudo e dos temas que podem ser escolhidos de acordo com as suas necessidades e seus gostos. Assim, percebemos por meio deste relato que este participante continuou utilizando os sítios de aprendizagem de inglês e ele percebeu que, com este uso, ele pôde escolher temas ou atividades que puderam atender as suas necessidades e gostos. O uso das TIC têm se mostrado benéfico na ocasião desta oficina e elas têm incentivado este participante a melhorar a sua aprendizagem da língua. Como Santos, Beato e Aragão (2010), Cardoso (2011) e Oliveira (2012) afirmam, estes recursos tecnológicos (como

o uso dos sítios por meio de um computador e da *Internet*) podem ser utilizados no contexto educacional para melhorar o processo de aprendizagem a partir de seus conteúdos apresentados. A junção destes dois recursos oferece uma gama de possibilidades em termos educacionais a partir do momento em que este aprendiz se torna consciente que elas podem ser uma aliada forte para a sua aprendizagem, fazendo uso delas de modo reflexivo, crítico e adaptado, quando necessário.

A participante Jane comentou que o sítio *Voscreen* é interessante por assistir vídeos de trechos de filmes e documentários, com ou sem legendas. Ainda acrescenta dizendo que é uma boa oportunidade de praticar o *listening*. Já para o sítio *Ello*, ela comentou que é bom e indicado para quem está interessado em fazer testes de inglês, como o TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*⁶⁰). O participante Alex comentou que o sítio *Voscreen* é um ótimo *site* para treinar a habilidade de *listening*, pois seus materiais trabalham com contextos de filmes e séries, o que pode ser bem diferente dos áudios de livros didáticos. Ainda acrescentou que o sítio *Ello* se assemelha aos áudios dos livros didáticos, porém, podemos encontrar áudios de países diferentes com diversos sotaques, além dos exercícios serem bem interessantes para verificar a compreensão dos áudios. O participante Erick comentou que o sítio *Voscream* é uma proposta super interessante, mas que exige de você uma compreensão oral bem maior em comparação aos outros sítios. Além disso, este sítio exige compreensão e interpretação, pois não é só apenas traduzir o que foi dito, mas também entender a mensagem e o sentido dela para posteriormente acertar o exercício de compreensão. Sobre o sítio *Ello*, ele comentou que adorou porque, além de ter as legendas dos áudios (que te permite conferir ou acompanhar os áudios enquanto se escuta), apresenta também atividades por meio de *quiz* a fim de checar tudo no final da atividade.

Já para o participante Daniel, ele argumentou que o sítio *Voscreen* foi o que mais se destacou para ele. A interface dele é visualmente agradável e acessível, além da ideia que o sítio propõe ser excelente. Ele gostou da forma como é solicitado a ele para que interprete o que está sendo dito, o que o lembrou muito a parte de *listening* do teste TOEFL ITP, no qual não só a habilidade de escuta é trabalhada neste teste, mas também trabalha o vocabulário, uma vez que as respostas estão escritas de outra maneira e com outras palavras. Ainda por meio deste sítio, ele gostou de assuntos específicos, como tempos verbais e *phrasal verbs* para praticar certos conteúdos do inglês. Sobre o sítio *Ello*, ele gostou também por ser acessível, apesar de sua interface não ser tão chamativa. A atividade de vocabulário ao final de cada

⁶⁰ Teste de Inglês como Língua Estrangeira.

lição ajuda muito a entender pontos do texto que possam ter ficado comprometidos por causa do desconhecimento de alguma palavra ou expressão. Ele também gostou do *quiz* ao final da atividade, o que também ajuda a fixar o conteúdo. Além disso, este participante achou interessante e gostou do fato que ele não fica somente preso ao modelo "inglês americano", mas também traz atividades com diferentes tipos de sotaques da língua.

A terceira pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber o que os participantes menos gostaram de cada sítio apresentado no quarto encontro da oficina. Para esta pergunta, três participantes responderam.

De acordo com os resultados, a participante Jane comentou que não gostou do sítio *Voscreen* por não ser capaz de ter acessado as opções para a escolha do tema ou do vídeo das atividades. Talvez as opções deste sítio fossem confusas para esta participante, mesmo que não dê para se escolher os vídeos das atividades, ainda assim dá para se escolher o tema que se quer trabalhar a partir das necessidades do usuário (ou ela não encontrou esta opção no sítio). Para o participante Alex, ele comentou que somente não gostou do *layout* do sítio *Ello* por ser um pouco confuso. Já o participante Erick enfatizou que o sítio *Voscreen* é um pouco complicado de se usar, mas que talvez fosse um problema pessoal dele mesmo. Já para o sítio *Ello*, ele argumentou que não gostou a quantidade de propagandas que enfeitam o *layout* do sítio, deixando-o incomodado por isso.

Portanto, percebemos que os participantes Jane e Erick se sentiram confusos ora por não ter encontrado a opção desejada para praticar o inglês, ora admitir que encontrar as opções de um dos sítios foi complicado por achar que fosse problema pessoal ou falta de conhecimento, respectivamente. Por mais que Prensky (2010) afirme que estes aprendentes são nativos digitais, que são aqueles que usam estas ferramentas tecnológicas a seu favor e interesse por já nascerem no meio das tecnologias modernas, ainda assim Araújo (2017) acredita que não basta somente conhecer estas ferramentas para construir o uso, funcionalidade e operacionalidade a favor do ensino e aprendizagem de línguas, mas também de se tornar um letrado digital. O letrado digital precisa saber lidar com os vários conhecimentos além de fazer pesquisas em fontes ou simplesmente manusear um computador. Portanto, acreditamos que esta oficina ministrada pela BA³ teve este propósito também, de ir além do conhecimento e competência de pesquisar em fontes para a aprendizagem da língua inglesa, estimulando estes participantes a localizarem, a selecionarem, a manusearem materiais apropriados na *Internet*, a terem habilidades de como navegar corretamente na rede etc.

A quarta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber de que forma os sítios apresentados no quarto encontro da oficina influenciaram os participantes na aprendizagem da língua inglesa. Para esta pergunta, cinco participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 23 – Influências dos sítios do quarto encontro para a aprendizagem de inglês.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Jane	Ajudar na aprendizagem de vocabulário; permitir que se salve os arquivos de áudios para poder escutá-los no celular.
R.Limma	Ajudar na compreensão oral.
Lou	Ajudar na aprendizagem de <i>listening</i> e gramática.
Erick	Ajudar a interpretar contextos da escuta em inglês; ajudar na aprendizagem de <i>writing</i> .
Daniel	Ajudar na aprendizagem de <i>listening</i> ; ajudar na aprendizagem de vocabulário; os áudios são de diferentes sotaques e ajudam na compreensão oral de diferentes formas de falar inglês.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 23 acima, o participante R.Limma comentou que os sítios o influenciaram na sua aprendizagem de compreensão oral da língua inglesa. Assim, continuamos percebendo que os sítios continuaram a influenciar positivamente a aprendizagem deste participante e acreditamos que eles estão assumindo um papel extensor das atividades que ocorrem dentro da sala de aula e que outrora estas atividades haviam sido utilizadas somente por meio de aplicativos. Como explica Richards e Schmidt (2010), estas atividades se desenvolvem conjuntamente com os propósitos que a área de CALL nos remete em conformidade com o uso do computador, direcionando a aprendizagem de uma segunda língua por meio da facilidade de seu uso e proporcionando o ensino de habilidades específicas da língua alvo, ajudando o aprendente a desenvolver tópicos específicos a partir de seus desejos ou gostos. Mesmo que este participante tenha consciência que os dispositivos móveis podem influenciar em um grau de aprendizagem da língua e podem dar suporte, ele mesmo percebe que esta aprendizagem não melhora com a sua utilização e tão pouco não consegue desenvolver a sua fluência na língua. Todavia, ele começa a ser influenciado e a ter resultados positivos a partir do momento em que começa a utilizar o computador e os sítios de aprendizagem de línguas por meio desta oficina, como relatado em suas respostas. Assim, esperamos que esta sua percepção possa se tornar em outros estímulos para a sua autonomia e a sua motivação em aprender a língua inglesa enquanto aprendente, pois como diz Lopes (2011), estes recursos tecnológicos podem influenciar diretamente na sua aprendizagem e

construir conhecimentos enriquecedores como os interculturais, além do desenvolvimento de suas habilidades linguísticas.

A participante Jane comentou que os dois sítios a influenciaram para a aquisição de vocabulário e a praticar a habilidade de *listening*. Por meio do sítio *Voscreen*, a sua aprendizagem de inglês se deu em formato de *game*, tornando a sua utilização para praticar a língua em forma de diversão. Já por meio do sítio *Ello*, achou muito interessante a possibilidade de baixar os áudios do sítio em formato MP3 para seu computador, influenciando-a a escutar estes áudios em seu celular nos momentos desejados. A participante Lou comentou que os dois sítios a permitiram treinar a habilidade de *listening* e a praticar a gramática com facilidade. Para o participante Erick, ele argumentou que os dois sítios exigiram dele muito mais do que tradução e o auxiliou na interpretação dos contextos, além da possibilidade de praticar a habilidade de *writing* por meio de vários exercícios. Ele acredita que quanto mais pratica, melhor fica a sua aprendizagem. Por último, o participante Daniel comentou que os dois sítios o ajudaram na aprendizagem da língua inglesa. As atividades do sítio *Voscreen*, por ser semelhante ao teste *TOEFL ITP* no que diz respeito aos exercícios de *listening*, o ajudou a melhorar essa habilidade e, como é difícil de achar materiais para estudar para este teste, este sítio é uma ótima opção para isso. Quanto ao sítio *Ello*, o que lhe atraiu foi o vocabulário, principalmente das lições avançadas. Os áudios disponíveis com os diferentes tipos de sotaques o ajudaram a praticá-los e são de ótima ajuda para se acostumar com o som de certas variantes da língua inglesa falada.

Por meio destes relatos, os sítios de aprendizagem de língua inglesa influenciaram de alguma forma os participantes da oficina e de diferentes maneiras. Muitos dos relatos encontrados disseram que os ajudaram para a aquisição de novos vocabulários da língua, a praticar a estrutura da língua, a praticar a habilidade de *listening*, a praticar a habilidade de *writing* e a treinar a escuta por meio de vários sotaques diferentes e falados do inglês por meio dos áudios. Além disso, percebemos que o uso deles deu a oportunidade deles praticarem o inglês de forma divertida e de fazer o *download* de arquivos de áudios dos exercícios, deixando-os guardados em seu celular para poder escutá-los quando quisessem por meio da mobilidade deste dispositivo (como relatado pela participante Jane). Isso nos remete ao que Wu (2015) comenta quanto a introdução da CALL no campo de ensino e aprendizagem de línguas, mencionando que o conjunto destas ferramentas tecnológicas (como as TIC e seus vários recursos e materiais) e seus usos proporcionam o desenvolvimento de habilidades linguísticas específicas da língua alvo de várias maneiras, uma vez que também viabiliza um comportamento autônomo dos aprendentes, a troca de conhecimentos e reflexão sobre a sua

própria aprendizagem, o que favorecem também em ações eficazes para o desenvolvimento da autonomia destes aprendentes.

A quinta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de convidar os participantes a fazer quaisquer comentários adicionais que quisessem a respeito do quarto encontro da oficina ministrada. Para esta opção, somente um participante comentou. O participante Erick disse que ao fim dos três encontros que participou ele se sentiu muito bem e adorou o jeito que a oficina foi conduzida, pois aproveitou bastante as dicas.

4.2.6 Dados do sexto questionário

O sexto questionário de pesquisa *on-line* teve o objetivo de identificar, um mês depois do término da oficina, os principais motivos de utilização de todos os sítios apresentados durante a oficina e de que forma eles facilitaram a aprendizagem de língua inglesa dos participantes, de descobrir se eles tiveram vontade de conhecer outros sítios e que outros tipos de ferramentas tecnológicas eles poderiam indicar para que a BA³ pudesse disponibilizar para a aprendizagem de língua inglesa de seus usuários. Este sexto questionário foi enviado para todos os participantes, mesmo que este tenha faltado algum dos encontros da oficina. No total, 11 participantes receberam este questionário, mas somente cinco responderam. Nem todos os participantes responderam às perguntas do questionário.

A primeira pergunta foi do tipo fechada e teve o objetivo de identificar os motivos pelos quais os participantes usaram os sítios apresentados após o término da oficina. As respostas podem ser visualizadas no quadro que segue:

Quadro 24 - Motivos de uso dos sítios após a oficina.

SÍTIO	PARTICIPANTE				
	Alex	Lou	Jane	R.Limma	Daniel
<i>Listen and Write</i>	Materiais para baixar		Várias atividades/exercícios		
<i>Duolingo</i>	Facilidade de manuseio		Facilidade de manuseio	Facilidade de manuseio	Layout atraente
<i>EngVid</i>	Várias atividades/exercícios Prática da habilidade linguística que você gosta	Materiais para baixar Facilidade de manuseio Várias atividades/exercícios Layout atraente		Materiais para baixar Várias atividades/exercícios	Materiais para baixar Prática da habilidade linguística na qual você sente maior dificuldade
<i>Sharedlingo</i>					
<i>TED</i>	Prática da habilidade linguística na qual você sente maior dificuldade	Prática da habilidade linguística que você gosta Prática da habilidade linguística na qual você sente maior dificuldade	Layout atraente	Layout atraente	Facilidade de manuseio
<i>Lyrics training</i>			Layout atraente Prática da habilidade linguística que você gosta Prática da habilidade linguística na qual você sente maior dificuldade		
<i>Voscreen</i>				Prática da habilidade linguística que você gosta Prática da habilidade linguística na qual você sente maior dificuldade	Prática da habilidade linguística que você gosta
<i>Ello</i>			Materiais para baixar Várias atividades/exercícios Prática da habilidade linguística que você gosta Prática da habilidade linguística na qual você sente maior dificuldade		Várias atividades/exercícios

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 24 acima, foram vários os motivos para a utilização dos sítios da oficina. Desses dados, propomos outro quadro que mostra os motivos e o número de ocorrências para utilizá-los, como segue:

Quadro 25 – Motivos e número de ocorrências para utilizar os sítios.

MOTIVOS	Nº DE OCORRÊNCIAS
Várias atividades/exercícios Habilidade que sente maior dificuldade Habilidade que mais gosta	6
Materiais para baixar	5
Facilidade de manuseio	5
<i>Layout</i> atraente	4

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro 25 acima, que enfoca os motivos pelos quais os participantes usam os sítios, mostra que a maioria os utilizou por conta das várias atividades e exercícios que eles apresentaram, por conterem a prática na habilidade linguística em que sentem maior dificuldade e por conterem a habilidade linguística que mais gostam. Outro motivo relevante foi de os sítios oferecerem materiais da língua inglesa para baixar. Por fim, a facilidade de manuseio e o *layout* atraente dos sítios também foram motivos pelos quais os participantes os utilizaram.

Assim, verificamos que as atividades desenvolvidas por meio de sítios contribuem para a aprendizagem da língua inglesa de forma significativa. Isto é confirmado quando retomamos a ideia de Beauty (2003 apud HUBBARD, 2009, p. 1), quando afirma que o uso da CALL para a aprendizagem de línguas é “qualquer processo pelo qual um aprendente usa um computador e, como resultado, aprimora a sua língua”. Notamos que o uso dos sítios influencia positivamente os aprendentes que visam as habilidades que mais gostam ou sentem dificuldades, contendo várias atividades em que possam se engajar em atividades para aprimorar a língua alvo, além de terem a possibilidade de baixar materiais autênticos da língua como imagens, vídeos e áudios. Além disso, as atividades desenvolvidas por meio destes sítios nos mostram que os computadores são os mediadores para o ensino e aprendizagem, como Leffa (2006) nos diz. Os resultados mostraram o desenvolvimento de autonomia na aprendizagem da língua, reflexão e responsabilidade sobre a sua própria aprendizagem, justamente pela percepção de buscar recursos para as habilidades linguísticas nas quais sentiam mais dificuldades, acessando estas atividades por meio dos sítios.

Por meio da quantificação da utilização dos sítios da oficina, mostramos no quadro abaixo um *ranking* da quantidade desta utilização de todos os sítios pelos participantes:

Quadro 26 – *Ranking* de utilização dos sítios por participante.

PARTICIPANTE	RANKING DE UTILIZAÇÃO
Jane Daniel	1º lugar: 5 sítios.
Alex R.Limma	2º lugar: 4 sítios.
Lou	3º lugar: 2 sítios.

Fonte: elaborado pelo autor.

Por meio do quadro 26 acima, percebemos que os participantes Jane e Daniel ficaram em primeiro lugar na utilização dos sítios, com cinco deles, enquanto que Alex e R.Limma ficaram em segundo lugar na utilização deles, com quatro deles e Lou ficou em terceiro lugar por ter utilizado somente dois deles.

Ao verificar quais sítios foram mais utilizados, o sítio *TED* foi empregado por todos os participantes; o sítio *Duolingo* teve quatro utilizações por Alex, Jane, R.Limma e Daniel; o sítio *EnglishVid* teve quatro utilizações por Alex, Lou, R.Limma e Daniel; o sítio *Voscreen* teve duas utilizações por R.Limma e Daniel; o sítio *Ello* teve duas utilizações por Jane e Daniel; o sítio *Listen and Write* teve duas utilizações por Alex e Jane; e o sítio *Lyrics training* teve uma utilização por Jane. Já o sítio *Sharedlingo* não teve nenhuma utilização pelos participantes.

Assim, notamos que por mais que um sítio possa apresentar uma interface contendo atividades para praticar a habilidade de escuta por meio de músicas, que parecem ser divertidas por apresentar exercícios semelhantes a um jogo em que o usuário vai ganhando pontos e com *layout* atraente, como é o caso do sítio *Lyrics training*, ele não foi atraente para os participantes da oficina, uma vez que foi utilizado somente por um deles. Logo, podemos afirmar que estes aprendentes de língua inglesa não são atraídos por este tipo de interface que visa apenas à diversão uma vez que estes não são os tipos de atividades que procuram nos sítios *on-line*. Portanto, concluímos que sítios que apresentam atividades para a prática de escuta da língua por meio de músicas não são utilizados, contrariando o senso comum. Geralmente, professores pensam que alunos gostariam de se divertir ouvindo músicas nas aulas de inglês.

Por outro lado, notamos que os sítios mais utilizados pelos participantes foram *TED* (todos utilizaram) e os sítios *Duolingo* e *EngVid* (quatro utilizaram), que possuem interface

para a prática de escuta de inglês por meio de palestras, jogos e vídeo aulas, respectivamente. Não se sabe ao certo o por quê dos participantes relatarem que usaram o *Duolingo* neste resultado (em 2º lugar no *ranking*), uma vez que ele também apresenta atividades de inglês por meio de jogos e pontuações. Porém, é de se supor que eles o usam por ser mais conhecido ou por ter a facilidade de usá-lo por meio de aplicativo instalado no *smartphone*, além de ser atraente pelo *layout*, ter a possibilidade de praticar a habilidade que sente mais dificuldade e praticar a habilidade que mais gosta, como relatado pela participante Jane.

Outro dado que podemos perceber foi de que o sítio *Sharedlingo* não foi utilizado pelos participantes. Em nenhum momento os participantes relataram que utilizam os sítios por gostarem de *chat* ou por gostarem de praticar a habilidade de escrita especificamente. Por outro lado, é de se supor que sítios com interface que possibilitam a prática da escrita em inglês e por meio de *chats* não são atraentes para aprendentes de língua inglesa. Outra suposição que podemos elencar é que ele não foi utilizado por conta de não estar mais disponível nos dias posteriores do encontro da oficina em que ele foi apresentado. Este sítio foi mudado para outra interface e com outro nome, como relatado pelo participante Daniel no terceiro encontro da oficina.

De forma a compreender estes resultados, acreditamos que os participantes utilizaram os sítios por reconhecerem as suas reais dificuldades na língua e os sítios proporcionam a realização de qualquer tarefa ou atividade de forma rápida e com *feedback* apropriado. Assim como Muller, Ramos e Grégis (2016) nos dizem, esta atitude de utilizar e buscar estes conhecimentos em sítios responde à dificuldade em entender certos assuntos na sala de aula. Desta forma os sítios podem proporcionar pesquisas a fim de sanar tais dificuldades, o que acarreta o estímulo de autonomia destes usuários. Por meio deles, estes aprendentes têm liberdade para buscar a melhor opção de estudo de acordo com sua vontade.

A segunda pergunta foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber se os participantes tiveram vontade de conhecer outros sítios de aprendizagem de língua inglesa depois de ter participado da oficina. Apenas dois participantes informaram sítios que não foram abordados na oficina.

O relato do participante Alex menciona o sítio *Write & Improve*⁶¹. Ele diz que este sítio tem sido utilizado por ele para a prática da escrita em inglês. As atividades contidas são divididas por níveis de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referências para Línguas,

⁶¹ <https://writeandimprove.com>

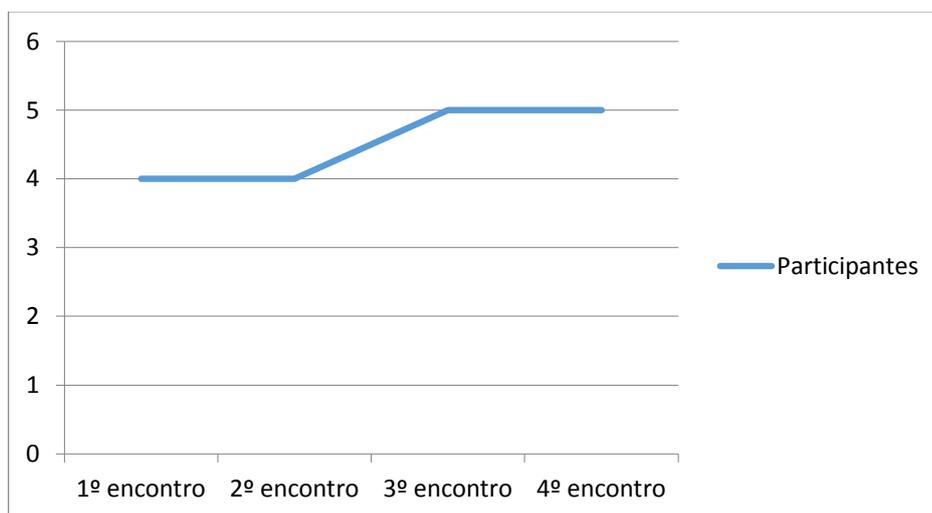
em que cada nível possui sugestões de tópicos sobre o que escrever e um modelo já pronto de texto a ser escrito.

A participante Jane disse que utilizou o sítio *RELOBrazil*⁶², um sítio do Departamento de Estado dos EUA que cria e gerencia programas para promover a aprendizagem de idiomas e apoiar o ensino de inglês no mundo todo.

Dois outros participantes teceram comentários a respeito de outros sítios. R.Limma disse que utilizou o sítio *BBC Learning English*, mas este não é necessariamente um sítio novo, pois ele já havia o mencionado no primeiro questionário (ver quadro 9). A participante Lou comentou que mesmo não utilizando outros sítios de aprendizagem de inglês após a oficina, ela se contentou com os que já utilizavam (ver quadro 9) e os que foram apresentados durante a oficina.

Mostramos no gráfico que segue uma compilação dos resultados sobre a utilização dos sítios por todos os participantes após cada encontro da oficina:

Gráfico 7 – Participantes que utilizaram os sítios após cada encontro da oficina.



Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o gráfico 7 acima, de todos os participantes que frequentaram os encontros da oficina (ver quadro 6), a maioria deles utilizou os sítios nos dias posteriores. Dos que utilizaram, a margem foi entre quatro e cinco participantes, sendo que o número aumentou a partir do terceiro encontro. Ao final, depois de passado um mês do término desta oficina, somente dois deles tiveram vontade de conhecer e utilizar outros sítios.

⁶² <https://br.usembassy.gov/education-culture/education-youth/english-programs/>

Isso nos remete ao componente afetivo e motivacional, orientado à ação e o componente social, que são dimensões citadas por Tassinari (2012), componentes estes que são essenciais para a autonomia do aprendente. Por meio destas dimensões, os participantes da oficina se relacionaram com o ministrante-pesquisador, expondo suas opiniões e suas experiências não somente a ele, mas também aos outros participantes, contribuindo assim para um grau de motivação em aprender inglês por meio das discussões advindas dos encontros. Além disso, acreditamos que a relação que se estabeleceu entre o ministrante-pesquisador e os participantes contribuiu significativamente para as práticas, deveres e tomadas de decisões para a aprendizagem da língua por meio dos sítios apresentados. Junior disse que um dos encontros foi bem proveitoso, pois pôde relembrar alguns assuntos que já havia estudado e aprender assuntos novos. Além disso, ele sentiu-se muito confortável e teve a oportunidade de dividir com os colegas as suas experiências com o uso das ferramentas tecnológicas. Outro relato que justifica estas dimensões é o do participante Erick, que disse que, ao fim dos três encontros de que participou que se sentiu muito bem e adorou o jeito que a oficina foi conduzida, pois aproveitou bastante as dicas tanto do ministrante-pesquisador quanto dos outros participantes.

Por conseguinte, temos a dimensão do componente orientado à ação, o qual diz respeito a como os participantes agiram a partir do momento em que se sentiram motivados para aprender a língua inglesa, assumindo decisões, comportamentos e escolhendo as habilidades linguísticas que consideraram apropriadas para serem estudadas e desenvolvidas por meio dos sítios. Assim, acreditamos que as decisões e os comportamentos assumidos em utilizar os sítios após cada encontro da oficina estão relacionados a estas dimensões e acreditamos ainda que elas surgiram a partir do momento em que a oficina foi conduzida pela BA³, justificando mais uma vez o seu propósito como um CAA.

A terceira pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber que aspectos da aprendizagem de língua inglesa foram facilitados na utilização de todos os sítios da oficina pelos participantes. Para esta pergunta, cinco participantes responderam. Os resultados podem ser visualizados no quadro que segue:

Quadro 27 – Aspectos facilitadores para a aprendizagem de inglês por meio dos sítios.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
Alex	Possibilitar usar os sítios por meio de aplicativos no celular em tempos livres.
Lou	Ajudar a resolver problemas com a língua; ajudar na compreensão oral do inglês.
Jane	Praticar o <i>listening</i> ; treinar a escuta para testes de inglês.
R.Limma	Oportunizar a imersão na língua inglesa.
Daniel	Possibilitar a aprendizagem autônoma do inglês; ajudar significativamente a entender melhor o idioma por meio da repetição de estruturas básicas da língua; aprender vocabulário, pronúncia e dicas de escrita; ajudar a praticar a compreensão oral do inglês.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 27 acima, percebemos mais uma vez que os sítios puderam influenciar a aprendizagem da compreensão oral (como relatado pelos participantes Lou, Jane e Daniel), a estrutura e o vocabulário da língua inglesa. O participante Daniel mencionou novamente que os sítios o ajudaram a desenvolver um grau maior de autonomia na sua aprendizagem do inglês, uma vez que ele já utilizava alguns dos sítios apresentados por conta própria (*EngVid* e *TED*) e ainda relatou que, quando conheceu o sítio *Voscreen* por meio da oficina, ele se sentiu mais motivado em aprender o inglês e o achou interessante para a prática da escuta, além das propostas dos exercícios nele contido se destacarem para ele. Este foi ainda o único participante que mencionou a escrita como habilidade praticada por meio de sítios.

Por meio do relato de Alex, que participou de todos os encontros da oficina e respondeu em todos os questionários que não utilizou os sítios nos dias posteriores a cada um, percebemos que ele usa os sítios por meio de aplicativos em seu celular, o que torna o acesso a eles de forma fácil e possibilita praticar determinada habilidade da língua quando está com tempo livre. Talvez este seja o motivo pelo qual ele não utilizou os sítios apresentados nos encontros da oficina, pois ele prefere usá-los por meio desta interface, ao mesmo tempo em que não teve disponibilidade de tempo para usá-los em computadores de mesa. Ainda mencionou que utiliza o sítio *Duolingo* por meio de aplicativo em seu celular, pois acredita que este sítio disponibiliza atividades rápidas para aprender inglês o que lhe possibilita aprender nos momentos oportunos. Como exemplo deste momento oportuno, este participante disse que utiliza este sítio quando está na fila de um banco esperando por sua vez.

O participante R.Limma teve a oportunidade de aprender por meio dos sítios e sentiu-se imerso na aprendizagem da língua inglesa por meio da interface do computador. Assim, acreditamos que por mais que a utilização dos sítios por meio de aplicativos também

sejam válidos e benéficos, como demonstrado pelo participante Alex, o participante R.Limma percebeu que aprendeu melhor pelo computador e que talvez desenvolva a sua fluência na língua como desejado, o que não acontecia quando ele mencionou quando utilizava somente aplicativos destes sítios.

A quarta pergunta do questionário foi do tipo aberta e teve o objetivo de saber que outros tipos de ferramentas tecnológicas poderiam ser indicadas para que a BA³ pudesse disponibilizar para seus usuários a fim de desenvolver a aprendizagem da língua inglesa. Três participantes responderam.

De acordo com os resultados, a participante Jane recomendou que a BA³ disponibilize mais sugestões de aplicativos de celular para a aprendizagem da língua inglesa. No tocante a este relato, talvez esta participante não soubesse que este centro tem disponibilizado oficinas ou *workshops* com este propósito, uma vez que os muitos dos usuários demonstram interesse em aprender uma LE por meio das tecnologias (como computador e *smartphone*). Como exemplos destas atividades, o Relatório das Atividades da BA³ do ano de 2016 menciona que disponibilizou a oficina intitulada *Mobile Learning*. Esta oficina teve como objetivo mostrar dicas de aplicativos que poderia ser instalados em *smartphones* para a aprendizagem da LE de acordo com o interesse dos participantes. Por meio do Relatório das Atividades da BA³ do ano de 2017, foi ministrada a oficina “Inglês na Palma da Mão”. Esta oficina teve por objetivo fomentar à autonomia dos aprendizes de inglês por meio da aprendizagem móvel de língua inglesa no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*. Além destas atividades promovidas pelo centro, no seu sítio⁶³ são disponibilizadas algumas sugestões de aplicativos para a aprendizagem da língua inglesa.

O participante R.Limma recomendou que a BA³ disponibilize o sítio *BBC Learning English* como sugestão de utilização para que os usuários possam praticar a língua inglesa, uma vez que este participante já conhece e o utiliza para aprender inglês.

Já o participante Daniel relatou que sugere uma ferramenta que poderia ser disponibilizada pela BA³: a plataforma *Spaced Repetition System* (mais conhecido como *Anki*⁶⁴). Por meio de *flashcards* que podem ser criados pelo próprio usuário, as atividades nesta plataforma permitem lembrar palavras aprendidas do inglês e o pronunciá-las, além de mostrar seu significado com exemplos contextualizados. Ademais, este participante assegura que esta é uma ferramenta bastante interessante, que a utiliza há cerca de um ano e assegura

⁶³ <https://ba3falemufpa.webnode.com>

⁶⁴ Sistema de Repetição Espaçada: é um programa de instalação tanto para computador quanto para *smartphone* e que tem por objetivo fazer usuários lembrar as coisas fáceis por meio da repetição de palavras, frases e expressões da língua alvo (fonte: <https://apps.ankiweb.net>).

que ela é de grande ajuda para lembrar certos termos e expressões do idioma. Além disso, esta plataforma permite diferentes maneiras de usá-la, o que a torna ainda mais interessante para os usuários.

Nenhum participante teceu comentários no espaço destinado a quinta pergunta do questionário.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma oficina organizada pela BA³, intitulada “Recursos tecnológicos para o fomento da aprendizagem de língua inglesa”, direcionada tanto para alunos de língua inglesa do curso de licenciatura da FALEM quanto o dos CLLE. A oficina foi organizada em quatro encontros semanais, totalizando oito horas ao final. Ela teve por objetivo o compartilhamento de sugestões de sítios *on-line* e suas devidas explicações de navegação para que os aprendentes pudessem utilizá-los como ferramentas para a aprendizagem de língua inglesa. Os encontros apresentavam aspectos teóricos sobre tecnologia e ensino e aprendizagem de línguas, seguidos da prática com o uso de sítios.

Esta dissertação teve como objetivo geral compreender de que maneiras as atividades mediadas por computadores, por meio de sítios, poderiam influenciar a aprendizagem de língua inglesa de alunos que frequentam e participam das atividades da BA³. De forma mais específica, buscamos descobrir quais atividades promovidas pela BA³ são mais atraentes para os usuários; saber se os usuários da BA³ utilizam sítios de aprendizagem de línguas; investigar que motivos os usuários da BA³ têm para utilizar sítios de aprendizagem de línguas e investigar de que forma os sítios influenciam na aprendizagem de língua inglesa. Retomamos, na sequência, as perguntas de pesquisa deste trabalho, respondendo-as de acordo com as informações que emergiram nos dados.

Com relação à primeira pergunta “Quais atividades promovidas pela BA³ para a aprendizagem de inglês são mais atraentes para os aprendentes?”, foi possível identificar que a maioria dos aprendentes tem interesse pelas atividades promovidas como os *Sit-Ins*, palestras, oficinas etc. Além disso, os recursos físicos disponíveis na BA³ como livros, revistas, mídias digitais, jogos, ambiente para estudar e o serviço de aconselhamento em aprendizagem de línguas também são atraentes para eles. Por meio das oficinas que o centro disponibiliza, acreditamos que uma parcela dos usuários e aprendentes de inglês têm interesse por atividades promovidas com temáticas sobre tecnologias e isso os motiva a participar delas, o que é confirmado primeiramente pela quantidade de inscritos na oficina foco da dissertação (22 vagas foram preenchidas). Ademais, durante as observações nos encontros, confirmou-se que estes aprendentes gostavam de aprender a língua alvo por meio de tecnologias e a maioria mencionava seus sítios de aprendizagem favoritos, explicando para o ministrante-pesquisador e para os outros participantes o que eles disponibilizavam e como eles funcionavam. Portanto, a BA³ faz seu papel como um espaço fomentador de autonomia

na aprendizagem de línguas por meio das tecnologias e estimula os aprendentes a refletirem sobre sua própria aprendizagem por meio destas atividades.

Isso mostra o potencial para que a BA³ proponha mais atividades com esta mesma temática para a aprendizagem de LE em que os alunos possam praticar as outras línguas ofertadas na referida faculdade. Isso corrobora ainda a ideia de que o ambiente da sala de aula não é único para aprender e que estes aprendentes podem estudar em outros espaços como este CAA, percebendo que podem assumir o próprio controle neste processo e podem ser estimulados a ter responsabilidade por sua aprendizagem.

Com relação à segunda pergunta “De que forma uma atividade promovida pela BA³ focada em recursos tecnológicos influencia na aprendizagem de língua inglesa dos aprendentes?”, foi possível perceber que eles são motivados a participar de oficinas com temáticas sobre tecnologias, o que os impulsiona de forma positiva para aprender inglês. Por meio desta motivação, acreditamos que estes aprendentes terão maior sensibilidade para aprender a língua e estarão mais afeitos à assimilação dos conteúdos apresentados. Outro fator percebido foi de que a maioria dos participantes já utilizava sítios de aprendizagem como recursos tecnológicos para aprender a língua por conta própria, o que demonstrou um grau de autonomia na sua aprendizagem, pois eles mencionaram suas experiências de uso, suas necessidades e seus gostos, sem a necessidade de algum professor ou o curso pedir para utilizá-los. Portanto, acreditamos que as atividades desenvolvidas no CAA com temáticas sobre tecnologias favorecem a aprendizagem da língua inglesa quando este aprendente já tem consciência de que elas podem estimular o desenvolvimento de suas competências linguísticas, uma vez que ele está familiarizado com o uso de vários recursos tecnológicos para tarefas pessoais e para estudos. Além disso, este ambiente autêntico de aprendizagem o faz ter consciência de que ali ele pode ganhar mais conhecimento em relação aos usos de outros recursos tecnológicos em que possa praticar a língua, o que pode o ajudar a se tornar um aluno mais autônomo.

Com relação à terceira pergunta “Quais fatores influenciam a escolha de sítios para a aprendizagem de língua inglesa?”, foi possível perceber que os participantes da oficina escolhem sítios que contenham *layout* atraente e que sejam visualmente bem estruturados. Nos dados coletados percebemos que a maioria deles não utilizou alguns dos sítios apresentados nos encontros por este motivo. Por exemplo, fica evidente que os participantes não utilizaram o sítio *Listen and Write* para a prática do inglês, pois acharam as suas opções complicadas para entender por apresentarem várias propagandas mescladas ao conteúdo do próprio sítio. Por outro lado, o *layout* apresentado pelo sítio *Duolingo* pareceu mais atraente e

suas opções mais organizadas, o que facilitou a compreensão de como este sítio funciona para a prática do inglês.

Outro fator que percebemos para a escolha de um sítio de aprendizagem de língua inglesa pelos participantes foi de que eles utilizavam tanto os sítios apresentados nos encontros quanto os aplicativos instalados em seus *smartphones*, o que lhes dava a possibilidade da mobilidade e de seu uso em qualquer lugar e momento. Sabemos que a mobilidade existente hoje em dia facilita o uso de recursos para vários fins. A aprendizagem de LE também ocorre desta maneira e percebemos que assim como existem sítios de aprendizagem de línguas, os mesmos desenvolvedores destes sítios preocupam-se em criar aplicativos para que seus usuários possam utilizá-los em qualquer lugar e momento, não necessitando especificamente que este usuário tenha um computador disponível. Portanto, concluímos que a mobilidade influencia também a escolha de sítios de aprendizagem de língua inglesa, pois o aprendente pode ter o costume de utilizar seu dispositivo eletrônico para praticar o inglês nas horas vagas, por exemplo.

Com relação à quarta pergunta “Que habilidades linguísticas são preferencialmente escolhidas para a aprendizagem da língua inglesa por meio de sítios?”, foi possível perceber que a maioria dos participantes da oficina gostava de utilizar sítios em que pudessem praticar as habilidades de escuta, de leitura e de fala da língua inglesa. Nos dados apresentados do questionário e nos relatos da observação eles informaram que utilizavam os sítios nos quais pudessem praticar estas três competências linguísticas. Por mais que alguns dos sítios mencionados por eles, como *BBC Learning English* e *Lyrics training*, possibilitem praticar a escrita, nenhum dos participantes mencionou que os utiliza para tal.

A inconstância na presença dos participantes durante os encontros da oficina pode ter mitigado os resultados que almejávamos obter, mas não os invalidou, pois julgamos que eles foram relevantes para os propósitos desta pesquisa. Estes são também os primeiros dados para outras pesquisas que porventura vierem a ser desenvolvidas em centros de autoacesso. Ademais, acreditamos também que entrevistas individuais com os participantes deste estudo nos dariam outros dados consistentes e claros para sanar os “porquês” surgidos durante a pesquisa e entender melhor os dados apresentados. Isso, no entanto, demandaria um tempo maior não disponível no âmbito desta dissertação.

Outra limitação deste estudo foi de que a proposta da oficina tinha como um dos requisitos que os participantes levassem seus próprios *notebooks* e fones de ouvido para os momentos de prática em cada encontro. Todavia, nenhum dos participantes o fez, dando lugar a um plano alternativo para a execução da prática. A solução encontrada foi de utilizar o

computador e a *Internet* do próprio espaço onde os encontros foram realizados. Todos os participantes foram convidados a fazer uma atividade coletivamente e as atividades dos sítios foram escolhidas previamente pelo ministrante-pesquisador da oficina.

Outra limitação encontrada foi a dificuldade de encontrar trabalhos na literatura relacionados sobre as influências do uso das tecnologias em CAAs, uma vez que este estudo teve este objetivo. Estes trabalhos na literatura são poucos e eles geralmente são advindos de pesquisas em outros países. Não logramos êxito em encontrar trabalhos brasileiros sobre este assunto em específico, talvez porque CAAs sejam ainda raramente existentes em nosso país. Como mostra o relatório final do projeto de pesquisa intitulado “Aconselhamento na Aprendizagem de Línguas Adicionais em Centros de Autoacesso em Universidades”⁶⁵, são apenas dez universidades brasileiras que possuem centros de autoacesso para estudo individualizado de línguas adicionais.

Como forma de ampliar o escopo a partir deste estudo, nesta parte sugerimos algumas contribuições de pesquisas futuras na área da Linguística Aplicada. Mesmo que recursos tecnológicos estejam presentes em CAAs disponibilizados a fim de facilitar a aprendizagem de LE, acredito que um dos futuros trabalhos poderia focar na investigação dos impactos que as tecnologias poderiam ocasionar na aprendizagem de usuários em outros CAAs existentes no Brasil. Depois desses estudos, seria válido desenvolver uma comparação das tecnologias mais utilizadas nos CAAs no Brasil e as que são utilizadas nos CAAs em outros países, discutindo o porquê de suas semelhanças e de suas diferenças de escolha e utilização nestes espaços.

Enquanto pesquisador e por meio dos resultados deste trabalho, percebemos que os aprendentes de língua inglesa gostam de usar recursos tecnológicos como computador, *Internet* e programas para fins de aprendizagem da língua. Estes recursos podem ser viáveis para uma aprendizagem sem a intervenção do professor. Também percebemos que este público geralmente possui conhecimento de outras ferramentas tecnológicas que são atuais e parece que quanto mais a tecnologia evolui com os passar dos anos, mais eles gostam de usá-las como ferramentas para aprender, aumentando assim seus conhecimentos.

Acreditamos que esses recursos tecnológicos são ferramentas importantes para a aprendizagem da língua alvo e podem estimular tanto a autonomia quanto a motivação na aprendizagem. Fazendo uso adequado, consegue-se praticar uma LE virtualmente e resolver

⁶⁵ Projeto de pesquisa (Processo número 454058/2014-4 Edital Universal CNPq), realizado entre 2014 e 2017, que teve por finalidade uma investigação a respeito dos centros de autoacesso para a aprendizagem de línguas adicionais nas universidades brasileiras, com foco na oferta do serviço e aconselhamento na aprendizagem e línguas.

problemas linguísticos por meio destes recursos tecnológicos. Além disso, o professor, como mediador, também pode incentivar a aprendizagem de seus alunos, mostrando como eles podem usar esses recursos para uma tarefa específica ou que sítios podem ser usados para a prática da língua.

Alguns dos participantes desta pesquisa não conheciam alguns dos sítios apresentados durante os encontros da oficina da BA³. Assim, a apresentação dos mesmos foi de grande valia uma vez que este conhecimento é importante para a sua aprendizagem, dando-lhes a oportunidade de procurar e encontrar outras fontes para estudos futuros por conta própria.

O uso de recursos *on-line* dentro e fora da sala de aula deve ser valorizado porque estamos caminhando para uma era digital que se modifica a cada ano. Com o crescente número de usuários, muitas instituições de ensino não podem simplesmente ignorar esta mudança, elas devem se adequar para propiciar oportunidades de uso dessas ferramentas para uma aprendizagem eficaz. Também é esperado que futuros professores de línguas saibam como lidar com essas novas práticas na sala de aula, dando apoio e motivando seus alunos a estudar de uma forma diferenciada e interessante.

Por meio das reflexões neste trabalho, podemos afirmar que as tecnologias proporcionam caminhos diversos para o conhecimento de várias áreas e possuem grandes potencialidades para a aprendizagem de LE. Cabe a nós saber conviver com elas e nos adaptar a elas da melhor forma para que possamos utilizá-las com sabedoria. Concordamos quando Araújo (2017, p. 218) menciona que “seremos eternos aprendizes das tecnologias”, pois elas sempre estarão presentes no nosso cotidiano, com roupagem nova e sempre com novas funções, as quais precisarão ser compreendidas por todos e também por aprendentes e professores de línguas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. *Ensino de lingual inglesa e as novas tecnologias: mediações pedagógicas e interação social*. Monografia (Curso de especialização Fundamentos em Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares - Universidade Estadual da Paraíba, Sousa, 2014.

ARAÚJO, M. S. *Tecnologias digitais da informação e comunicação para fins educacionais na formação inicial de professores de inglês*. 2017. 244 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP.

BARRS, K. What factors encourage high levels of student participation in a self-access centre? *Studies in Self-Access Learning Journal*. v. 1, n. 1, p. 10-16, jun. 2010. Disponível em: <<http://sisaljournal.org/archives/jun10/barrs>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

BENSON, P. *Teaching and researching autonomy in foreign languages learning*. Harlow, England: Pearson, 2001.

BENSON, P. *Teaching and Researching: autonomy in language learning*. 2ª ed. London: Longman, 2011.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, G. S.; PURIFICAÇÃO, I. *Educação e novas tecnologias: um repensar*. Curitiba: IBPEX, 2006.

CASTELLANO, J.; MYNARD, J.; RUBESCH, T. Student technology use in a self-access center. *Language Learning & Technology*. v. 15, n. 3, p. 12-27. Oct. 2011. Disponível em: <<http://lt.msu.edu/issues/october2011/actionresearch.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

CARDOSO, T. M. A aplicação das tecnologias da informação e comunicação (TIC) no ambiente escolar. *Revista iTEC*, v. 3, n. 3, p. 1-6, 2011.

CHAGAS, A.; BRITO, G. S.; KLAMMER, C. R.; RIBAS, A. *O conceito de tecnologia: pressupostos de valores culturais refletidos nas práticas educacionais*. In: VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR – EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas – CIAVE. Curitiba, Paraná, 2008. p. 4323-4335. Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/460_449.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016.

COOKER, L. “When I Got a Person to Communicate with, I Got a Purpose to Learn”: Evidence for Social “Modes of Autonomy”. *Chinese Journal of Applied Linguistics*. v. 36, n. 1, 2013, p. 29-49.

COTTERALL, S.; REINDERS, H. Fortress or bridge? Learners’ perceptions and practice in self access language learning. *Tesolanz*. v.8, p. 23-28, 2001. Disponível em: <http://www.tesolanz.org.nz/Site/Publications/TESOLANZ_Journal/TESOLANZ_Journal_Volume_08_2000.aspx>. Acesso em: 22 mai. 2016.

COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. *Projeto de pesquisa: entenda e faça*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GREMMO, M. J.; RILEY, P. Autonomy, self-direction and self-access in language teaching and learning: The history of an idea. v. 23, n. 2, p. 151-164. *System*, 1995. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0346251X95000022/pdf?md5=f1bacaf5a363730d47218ed869866fa4&pid=1-s2.0-0346251X95000022-main.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

FERNANDES, G. P.; OLIVEIRA, M. O. M. O ensino de língua inglesa em interfaces *online*. In: *Anais do II Congresso Nacional de Educação*. v. 1, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA16_ID1440_08082015170343.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

FERREIRA, L. C. R. *Whatsapp Messenger: a tool to motivate students in English language writing*. 2013. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Línguas Inglesa) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FINCH, A. Autonomy: where are we? Where are we going? *JALT CUE Conference on Autonomy*. 2001. Disponível em: <<http://www.finchpark.com/arts/autonomy/index.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

FOUSER, R. J. Self-Access Centers (SAC) in University-Level Foreign Language Education: Theoretical and Practical Considerations. *MM News*. v. 3, n. 6, p. 47-69, 2003. Disponível em: <<http://fouser.yuldo.net/writing/miyako/unit02/unit2paper.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

FRANCO, C. P. Autonomia na aprendizagem de inglês: um estudo de caso com nativos digitais sob as lentes do caos e da complexidade. 2013. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais - MG.

FREEMAN, I.; HASNAQUI, A. Information and communication technologies (ICT): a tool to implement and drive corporate social responsibility (CSR). *HAL*. França, julho, 2010. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/hal-00495968/document>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

GARDNER, D. Looking in and looking out: managing a self-access centre. In: GARDNER, D. *Fostering autonomy in language learning*. Gaziantep: Zirve University, 2011, 186-198 p.

GARDNER, D; MILLER, L. *Establishing self-access: from theory to practice*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

GREMMO, M.-J.; RILEY, P. Autonomy, self-direction and self-access in language teaching and learning: the history of an idea. *System*. v. 23, n. 2, 1995. p. 151-164.

GUEDES, F. A evolução das redes sociais. Mídia sem medo! Produção de textos dos alunos de Comunicação em Mídias Digitais. In *Site Universitário: sala de aula*. 2012. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/saladeaula/fabricia.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

HUBBARD, P. *Computer Assisted Language Learning*. v. 1: Foundations of CALL. Critical Concepts in Linguistics Series. New York: Routledge, 2009.

KARASINSKI, L. *O que é tecnologia?* 2013. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/tecnologia/42523-o-que-e-tecnologia-.htm>. Acesso em: 14 jul. 2016.

KERN, R.; WARSCHAUER, M. Theory and practice of network-based language teaching. In: WARSCHAUER, M; KERN, R. (Org.). *Network-based language teaching: concepts and practice*. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 1-19.

KERSHAW, M.; MYNARD, J.; PROMNITZ-HAYASHI, L.; SAKAGUCHI, M.; SLOBODNIUK, A.; STILLWELL, C.; YAMAMOTO, K. Promoting autonomy through self-access materials design. In A. M. Stoke (Ed.), *JALT2009 Conference Proceedings*. Tokyo: JALT, 2010.

LÁZARO, N.; REINDERS, H. Technology in self-access: an evaluative framework. *Pac CALL Journal*, v. 2, n1, 2006. Disponível em: <http://unitec.researchbank.ac.nz/bitstream/handle/10652/2469/article%20-%202006%20-%20PacCALL%20_evaluative%20framework_.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 jun. 2016.

LEE, W. The role of materials in the development of autonomous learning. In: PEMBERTON, R; LI, E. S. L.; OR, W. W. F.; PIERSON, H. D. (Eds.). *Taking control: autonomy in language learning*. Hong Kong: University Press, 1996.

LEFFA, V. J. A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: LEFFA, V. J. (Org.). *Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos*. Pelotas: Educat, 2006.

LEFFA, V. J. Redes sociais: ensinando línguas como antigamente. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. J. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* 1ª ed. Parábola: São Paulo, 2016, p. 137-153.

LOCKLEY, T. Pre-university experience of ICT and self-access learning in Japan. *Studies in Self-Access Learning Journal*. v. 2, n. 3, p. 182-194. Sep. 2011. Disponível em: <<http://sisaljournal.org/archives/sep11/lockley>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

LOPES, D. V. As novas tecnologias e o ensino de línguas estrangeiras. *Revista Científica Tecnologus*. E. 6, dez. 2011. Disponível em: <http://www.unibratec.edu.br/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_01.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

MAGNO E SILVA, W. *Aconselhamento na Aprendizagem de Línguas Adicionais em Centros de Auto Acesso em Universidades*. Projeto de pesquisa CNPQ: jun. 2014.

MAGNO E SILVA, W. The role os self-access centers in foreign language leaners autonomization. In: MAGNO E SILVA, W.; NICOLAIDES, C. (Org.). *Innovations and challenges in applied linguistics and learner autonomy*. São Paulo: Pontes, 2017, p. 183-207.

MAGNO E SILVA, W.; FERREIRA, G. J. T. *Relatório das Atividades da BA³ em 2017*. Belém: UFPA, 2018. 17 p.

MAGNO E SILVA, W.; OLIVEIRA, T. M. *Relatório das Atividades da BA³ em 2016*. Belém: UFPA, 2017. 19 p.

MARINHO, E. *Novas tecnologias de Informação e Comunicação*. Goiátuba, Goiás, 2010. 27 slides. Apresentação em *Power-point*. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABAiMAB/novas-tecnologias-informacao-comunicacao-ntics>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

MARTINS, D. S.; MACIEL, A. M. N. A importância da autonomia para a aprendizagem da língua inglesa. *Disciplinarum Scientia*. v. 11, n. 1, p. 89-110, 2010. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/36/artes2010/05.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

MARTINS, C. B. M. J.; MOREIRA, H. O campo CALL (Computer Assisted Language Learning): definições, escopo e abrangência. *Calidoscópico*. v. 10, n. 3, 2012, p. 247-255. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/viewFile/3254/1280>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

MCMURRY, B. L., TANNER, M. W., & ANDERSON, N. J. Self-Access Centers: Maximizing Learners' Access to Center Resources. *Studies in Self-Access Learning Journal*. v. 1, n. 2, 2010. p. 100-114. Disponível em: <http://sisaljournal.org/archives/sep10/mcmurphy_tanner_anderson>. Acesso em: 04 jun. 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MONTORO, C.; HAMPEL, R. Investigating language learning activity using a CALL task in the self-access centre. *Studies in Self-Access Learning Journal*. v. 2, n. 3, 2011, p. 119-135. Disponível em: <https://sisaljournal.org/archives/sep11/montoro_hampel/>. Acesso em: 18 ago. 2016.

MORHY, S. S. *A influência do aconselhamento linguageiro na trajetória de uma aluna de letras – inglês*. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-graduação em Letras, UFPA, Pará - PA.

MORRISON, B. The role of the self-access centre in the tertiary language learning process. *System*. vol. 36, 2008. p. 123-140.

MORRISON, B. A framework for the evaluation of a self-access language learning centre. *Studies in Self-Access Learning Journal*. v. 2, n. 4, 2011, p.241-256. Disponível em: <<https://sisaljournal.org/archives/dec11/morrison/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

MULLER, C.; RAMOS, J. M.; GRÉGIS, R. A. O uso da internet na aprendizagem de inglês como língua estrangeira. *Revista Entre Linhas*. v. 10, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/12077/5640>>. Acesso em: 23 out. 2017.

- MYNARD, J. *Taking Stock and Moving Forward: Future Recommendations for Self-access Language Learning*. México. Agosto, 2016. 74 slides. Apresentação em *Power-point*. Disponível em: <http://www.academia.edu/28165120/Taking_Stock_and_Moving_Forward_Future_Recommendations_for_the_Field_of_Self-access_Language_Learning>. Acesso em: 22 jan. de 2018.
- OLIVEIRA, N. A. A.; CAMPOS, F. M. Tecnologia na educação: a aprendizagem da língua inglesa por meio da rede social LiveMocha. *Revista Educação, Cultura e Comunicação*. v. 4, nº 7, 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/eecom/article/viewFile/592/422>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- OLIVEIRA, W.A. As tecnologias da informação e comunicação e o ensino da língua inglesa. *Especialização em Informática Aplicada à Educação*. Goiânia, 2012. Disponível em: <<http://www.portal.inf.ufg.br/espinfedu/node/49>>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- PAIVA, V. L. M. O. Autonomia e Complexidade. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 1, 2006, p. 77-127.
- PORTO, F. Aplicativos Mobile: definições, história e previsões. *Blog Tec Triade Brasil*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://tectriadebrasil.com.br/blog/mercado-de-midias-sociais-blog/aplicativos-mobile-definicoes-historia-e-previsoes/>>. Acesso em: 07 fev. 2018.
- PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*. Lincoln: NCB University Press. v. 9, n. 5. Oct. 2001. Disponível em: <<http://www.nnstoy.org/download/technology/Digital+Natives+-+Digital+Immigrants.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.
- _____. *Teaching digital natives: partnering for real learning*. California: Corwin, a Sage Company, 2010.
- RAMOS, S. *Tecnologias da Informação e Comunicação: conceitos básicos*. Livre: Portugal, 2008. Disponível em: <http://livre.fornece.info/media/download_gallery/recursos/conceitos_basicos/TIC-Conceitos_Basicos_SR_Out_2008.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.
- REINDERS, H.; LÁZARO, N. Innovation in language support: The provision of technology in self-access. *CALL Journal*, v. 20, n. 2, p. 117-130. Abr. 2007. Disponível em: <<http://unitec.researchbank.ac.nz/bitstream/handle/10652/2472/article%20-%202007%20-%20CALL%20Journal%20-%20innovation%20in%20language%20suport.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 jun. 2016.
- RICHARDS, J. C.; SCHMIDT, R. W. *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics*. 4. ed. Pearson, 2010.

- RILEY, P. The guru and the conjurer: aspects of counseling for self-access. In: BENSON, P.; VOLLER, P. (Eds.). *Autonomy and independence in language learning*. London: Longman, 1997.
- ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. *Revista Iluminuras*. v.9, n. 21, 2008. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- SANTOS, A. Tecnologias de Informação e Comunicação: limites e possibilidades no ensino superior. *Anuário da produção acadêmica docente*. v. 5, n. 12, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.pgskroton.com.br/bitstream/123456789/1463/1/Artigo%209.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2018.
- SANTOS, T. F.; BEATO, Z.; ARAGÃO, R. As TICs e o ensino de línguas. In: *III Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras*. Ilhéus, Bahia: 2010. Disponível em: < www.uesc.br/eventos/sepexle/anais/10.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.
- SELJAN, S.; BERGER, N.; DOVEDAN, Z. Computer-Assisted Language Learning (CALL). In: *Proceedings of the 27th International Convention MIPRO 2004: MEET + HGS / Biljanović Petar ; SkalaKarolj (ur.)*. - Rijeka: Liniavera, 2004. Disponível em: <<http://dzs.ffzg.unizg.hr/text/call.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- SHARMA, D. R. S. D. Application of information and communication technology in libraries: an overview. In: *Library automation*. Solapur: Laxmi Book Publication, 2014, p. 33-43.
- SHEERIN, S. *An exploration of the relationship between self-access and independent learning autonomy and independence in language learning*. Harlow, Essex: Longman, 1997, p. 54-65.
- SILVA, A.; FERREIRA, M. Gestão do conhecimento e capital social: as redes e sua importância para as empresas. *Informação & Informação*. v. 12, n. esp., Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1777>>. Acesso em: 28 fev. 2018.
- TASSINARI, M. G. Evaluating learner autonomy: a dynamic model with descriptors. *Studies in Self-Access Learning Journal*, v. 3, n. 1, 2012, p. 24-40.
- VERASZTO, E. V.; SILVA, D.; MIRANDA, N. A.; SIMON, F. O. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. *PRISMA.COM*. n. 7, p. 60-85, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/681>>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- VETROMILLE-CASTRO, R.; FERREIRA, K. S. Redes sociais na formação de professores de línguas. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. J. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* 1ª ed. Parábola: São Paulo, 2016, p. 155-170.
- WARSCHAUER, M. Technological change and the future of CALL. In: FOTOS, S.; BROWN, C. (Orgs.) *New Perspectives on CALL for Second and Foreign Language Classrooms*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004, p. 15-25.

WU, J. Effects of CALL on self-directed FL vocabulary learning. *Studies in Self-Access Learning Journal*. v. 6, n. 2, p. 191-215. Jun. 2015. Disponível em: <<http://sisaljournal.org/archives/jun15/wu>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

YAMASHITA, H. Affect and the development of learner autonomy through advising. *Studies in Self-Access Learning Journal*. v. 6, n. 1, p. 62-85. Mar. 2015. Disponível em: <<https://sisaljournal.org/archives/mar15/yamashita/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

YIN, R. K. *Case study research: design and methods*. Sage Publications Inc. USA, 1989.

ZARDINI, A. S. Celular no ensino/aprendizagem de inglês - uma análise do uso do *Whatsapp* sob a perspectiva da professora. In: *Anais do IX Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura (SELIMEL)*. Paraíba: Campina Grande, 2015. Disponível em: <<http://2015.selimel.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Adriana-Zardini-gt-08.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Consentimento de Participação de Pesquisa



Universidade Federal do Pará (UFPA)
 Instituto de Letras e Comunicação (ILC)
 Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM)
 Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL)

Caro(a) participante da pesquisa,

Convido você a ser participante de minha pesquisa de mestrado em linguística, intitulada **“APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA MEDIADA POR SÍTIOS: UMA ATIVIDADE PROMOVIDA EM UM CENTRO DE AUTOACESSO”**. Esta pesquisa tem o objetivo de investigar os efeitos que as atividades mediadas por computadores na Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma (BA³) podem ocasionar na aprendizagem de língua inglesa. Para tal, peço sua anuência e autorização para a utilização das informações obtidas por meio de questionários de pesquisa. Essas informações serão fundamentais para o desenvolvimento de minha investigação. Todos os participantes terão seu anonimato garantido, assim como o das pessoas mencionadas por eles.

Certo de sua colaboração, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos sobre esta pesquisa.

Mestrando: Kleiton de Souza Borges
 kleitonsborges@gmail.com
 (91) 98234-3691

Orientadora: Walkyria Magno e Silva
 walkyriamagno@gmail.com

Caso você concorde em ser participante da pesquisa, por favor, preencha o quadro abaixo e assine:

Nome completo:
Pseudônimo que constará no trabalho:
Semestre ou nível do curso (especifique se Graduação ou Curso Livre):
Telefone para contato:
E-mail:

Assinatura do participante

Apêndice B: 1º questionário de pesquisa aplicado dia 08/06/17

Prezado(a) participante:

Gostaria que você respondesse as seguintes questões. Este questionário é referente ao seu conhecimento prévio sobre sítios de aprendizagens *on-line* e tem o objetivo de investigar os efeitos que as atividades, proporcionadas pela Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma (BA3) e por meio de computadores, podem ocasionar na aprendizagem de língua inglesa. Sou o pesquisador responsável e me chamo prof. Kleiton Borges e posso ser contatado pelo e-mail kleitonsborges@gmail.com. Agradeço imensamente sua participação.

Endereço de E-mail:

1) Com que frequência você visita a Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma (BA3)?

2) Das opções abaixo, quais delas mais lhe atrai na BA3?

- Atividades promovidas (*Sit-ins*, palestras, oficinas etc.)
 Recursos físicos (livros, revistas, mídias digitais, jogos, ambiente para estudar etc.)
 Recursos tecnológicos (computador, *Internet* etc.)
 Serviço de aconselhamento em aprendizagem de línguas
 Outros: _____

3) De que forma a BA3 lhe ajuda na aprendizagem de línguas?

4) Você usa algum site online para aprendizagem de línguas por conta própria? Qual(is)?

5) O que esse(s) site(s) disponibiliza(m)?

6) Descreva o(s) site(s) e as habilidades da língua que são trabalhadas (escuta, leitura, escrita, fala).

7) Em sua concepção, de que maneira o(s) site(s) que você utiliza influencia(m) na sua aprendizagem da língua estrangeira?

8) Use o espaço abaixo para qualquer comentário adicional que deseje fazer:

Apêndice C: Questionários de pesquisa aplicados nos dias 13/06/17, 21/06/17, 28/06/17 e
05/07/17

Prezado(a) participante:

Gostaria que você respondesse as seguintes questões. Este questionário tem o objetivo de investigar os efeitos que as atividades, proporcionadas pela Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma (BA3) e por meio de computadores, podem ocasionar na aprendizagem de língua inglesa. Sou o pesquisador responsável e me chamo prof. Kleiton Borges e posso ser contatado pelo e-mail kleitonsborges@gmail.com. Agradeço imensamente sua participação.

Endereço de E-mail:

1) De acordo com o que você aprendeu no último encontro da oficina, você utilizou os sites apresentados nos dias posteriores?

() Sim

() Não

2) O que você mais gostou de cada site? Explique.

3) O que você menos gostou de cada site? Explique.

4) Os sites apresentados no último encontro puderam lhe ajudar de alguma forma na sua aprendizagem da língua estrangeira? Explique.

5) Use o espaço abaixo para qualquer comentário adicional que deseje fazer:

Apêndice D: 6º questionário de pesquisa aplicado dia 03/08/17

Prezado(a) participante:

Gostaria que você respondesse as seguintes questões. Este questionário é referente à oficina intitulada "Recursos tecnológicos para o fomento da aprendizagem de língua inglesa" e tem o objetivo de investigar os efeitos que as atividades abordadas podem ocasionar na aprendizagem de língua inglesa. Se você tiver alguma dúvida, posso ser contatado pelo e-mail kleitonsborges@gmail.com. Agradeço imensamente sua participação.

Endereço de E-mail:

1) Dos sites apresentados na oficina, marque as opções que explicam os motivos pelos quais você mais os utilizou.

	<i>Listen and Write</i>	<i>Duolingo</i>	<i>EngVid</i>	<i>Sharedlingo</i>	<i>TED</i>	<i>Lyrics training</i>	<i>Voscreen</i>	<i>Ello</i>
Facilidade de manuseio com o site								
Disponibiliza várias atividades/exercícios								
Disponibiliza materiais ou arquivos para baixar								
Layout da página do site atraente								
Disponibiliza a prática da habilidade linguística que você gosta								
Disponibiliza a prática da habilidade linguística que você sente maior dificuldade								

2) Depois da oficina, você teve vontade de conhecer outros sites para a aprendizagem de línguas estrangeiras? Quais?

3) Em que aspectos a utilização dos sites apresentados na oficina facilitaram a sua aprendizagem de língua inglesa?

4) Em sua opinião, que outros tipos de ferramentas tecnológicas poderiam ser indicadas pela BA3 para a aprendizagem de línguas estrangeiras?

5) Use o espaço abaixo para qualquer comentário adicional que deseje fazer:
